



Spin-off da série
Irmãos Rodrigues

Grávida do HERDEIRO da máfia

Gray Queen



Grávida do herdeiro da máfia

Spin-off da série Irmãos Rodrigues, de Chloe Reymond

Gray Queen

© Gray Queen

Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução de parte ou totalidade da obra sem a autorização prévia do autor. Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

[Sinopse](#)

[Dedicatória](#)

[AVISO SOBRE A SÉRIE E O TEMA](#)

[EPÍGRAFE](#)

[PREFÁCIO](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[CAPÍTULO 32](#)

[CAPÍTULO 33](#)

[CAPÍTULO 34](#)

[CAPÍTULO 35](#)

[CAPÍTULO 36](#)

[CAPÍTULO BÔNUS – PARTE UM](#)

[CAPÍTULO BÔNUS – PARTE DOIS](#)

[CAPÍTULO 37](#)

[CAPÍTULO 38](#)

[CAPÍTULO 39](#)

[CAPÍTULO 40](#)

[CAPÍTULO 41](#)

[CAPÍTULO 42](#)

[CAPÍTULO 43](#)

[CAPÍTULO 44](#)

[CAPÍTULO 45](#)

[CAPÍTULO 46](#)

[CAPÍTULO 47](#)

[CAPÍTULO 48](#)

[CAPÍTULO 49](#)

[CAPÍTULO 50](#)

[CAPÍTULO 51](#)

[CAPÍTULO 52](#)

[CAPÍTULO 53](#)

[CAPÍTULO 54](#)

[CAPÍTULO 55](#)

[CAPÍTULO 56](#)

[CAPÍTULO 57](#)

[CAPÍTULO 58](#)

[CAPÍTULO 59](#)

[CAPÍTULO 60](#)

[CAPÍTULO 61](#)

[CAPÍTULO 62](#)

[CAPÍTULO 63](#)

[CAPÍTULO 64](#)

[CAPÍTULO 65](#)
[CAPÍTULO 66](#)
[CAPÍTULO 67](#)
[CAPÍTULO 68](#)
[CAPÍTULO 69](#)
[CAPÍTULO 70](#)
[CAPÍTULO 71](#)
[CAPÍTULO 72](#)
[CAPÍTULO FINAL](#)

SI NOPSE

Um banho de refrigerante.

Uma baixinha assustada.

Uma aposta.

Neste livro vamos conhecer o primeiro legado dos Rodrigues, Vitor.

Vitor já nasceu com o tí tulomais poderoso dentro da famí lia, porém seu interesse nunca foi seguir os passos quando se trata de assassinatos. O rapaz quer mesmo é aproveitar a vida e, quem sabe, trabalhar em uma filial da boate. Esse é motivo pelo qual ele escolhe estudar em Nova I orque, onde pretende criar raí zes.

O que ele não sabia era que um banho de refrigerante mudaria sua vida para sempre. A baixinha assustada passa a fazer parte dos seus desejos mais intensos. E ele vai fazer tudo para conseguir tê-la em sua cama, inclusive uma aposta.

Mais surpresas aguardam esse Rodrigues, pois a baixinha Robin não é só uma garota assustada, ela esconde um passado doloroso e um marido cruel que a quer de volta.

* O livro pode ser lido individualmente, porém possui termos que só irá entender se ler a série.

* Spin-off da Série I rmãos Rodrigues, de Chloe Reymond.

* Contém cenas adultas com linguagem sexual e violência. Pode conter gatilhos.

DEDIÇÃO

Dedicado a todos que amam um final feliz.

AVI SO SOBRE A SÉRI E E O TEMA

O tema máfia/crime foi desenvolvido baseado apenas na imaginação da autora, sem considerar acontecimentos reais e sem inspiração em outras ficções ou realidades.

O tema “noiva criança”, apesar de ser um tema real, foi baseado na imaginação dessa autora que fica enojada só de pensar que existem crianças que passam por isso.

Pode conter gatilhos. Contém certos trechos de linguagem adulta e violência.

O livro é uma sequência da série Irmãos Rodrigues, que escrevi com meu pseudônimo Chloe Reymond. Como de certa forma abandonei esse pseudônimo por os irmãos não me deixar em paz, decidi escrever esses dois descendentes usando ele.

Espero que gostem.

Ótima leitura!

EPÍGRAFE

“Ainda estava viva quando escapei do inferno.

Só não achei que teria tantas quedas até alcançar o céu e suas estrelas...”

PREFÁCIO

Não acredito. Grávida. Sozinha e sem dinheiro. Nunca deveria ter deixado Vitor Rodrigues me ludibriar com palavras doces e carícias.

Ele me deixou. Depois de dizer que me amaria para sempre e que nunca me deixaria, ele simplesmente não quis acreditar no meu amor e me deixou.

Se existe mesmo um Deus, ele não vai deixar que eu volte para aquele homem. Richard não pode ser meu único caminho. Não posso voltar para aquele inferno de onde escapei por um tris, ainda mais com o filho de outro homem.

Tem que ter outra saída.

CAPÍTULO 1

Antes que seja tarde

Robin

Ele ainda dormia quando me levantei, às cinco da manhã.

Fiz o café e cuidei da casa enquanto esperava ele acordar. Ele saía da cama às sete da manhã todos os dias, faça chuva ou faça sol, e sempre esperava a casa brilhando e o café na mesa.

— Bom dia, esposa! — diz se sentando.

— Bom dia! — respondo o servindo.

Tenho quase certeza que ele me chama assim para me lembrar da minha terrível condição, do lugar que ocupo com pavor desde os meus treze anos. Eu tenho pavor desse homem, sinto que ele pode me matar a qualquer momento por qualquer motivo bobo. É o mesmo pavor que ~~tenho~~ tenho do meu pai e dos meus irmãos mais velhos, no meu mundo os homens mandam e as mulheres obedecem, ou sofrem as consequências.

Coloco na sua frente café com adoçante e pão. Açúcar não entra nessa casa, ele não pode, então eu não posso.

O dia passa normalmente.

Depois do almoço, ele sempre tomava uma taça de vinho. Essa era minha chance de colocar meu plano em ação.

Coloquei o vinho na taça que ele dizia ser herança de sua mãe e, pouco antes de entregar em suas mãos, deixei cair espalhando vidro e vinho para todo lado.

Nem tive tempo de pensar. O soco foi certo em meu olho direito. Cambaleei, mas não cheguei a cair.

Como isso dói. Nunca me acostumo com seus surtos de violência.

— O que pensa que está fazendo, sua vagabunda? — grita.

— Sinto muito. Escorregou da minha mão, senhor — respondo de cabeça baixa. Engulo o choro e a dor. Isso aprendi cedo a fazer.

Ele me joga no chão com um empurrão. Me corto um pouco com o vidro da taça. Esse homem não pensa em consequências quando está com raiva. Também, nem sei se haveria consequências se ele simplesmente me matasse.

Depois de meia hora de insultos e safanões, ele me tira do chão e me abraça.

— Eu não queria te machucar assim, sabe disso. Mas sou seu marido e tenho obrigação de te colocar no caminho certo. Não faça mais nenhuma estupidez como essa.

— Está bem. Sinto muito. Vou me comportar, prometo. — Me deixo ser abraçada e levada até o sofá.

Como se quebrar uma taça por acidente seja sinônimo de mal caráter ou rebeldia. Nesse caso é, mas ele não precisa saber.

Ele analisa meus machucados. E balança a cabeça negativamente diante do que vê no meu rosto. Com certeza meu

olho deve estar horrí vel.

— Você não pode ir à igreja assim, e hoje tenho que fazer o sermão.

— Posso usar um véu, se o senhor quiser.

“Por favor, diz que não.” I mploro.

— Não. Alguém pode ver seu rosto e não quero ninguém se intrometendo em nossa vida. Fique em casa e cuide desses machucados. Falarei que ficou indisposta, todos vão entender.

— Como o senhor quiser.

Ele se levanta e fica parado na minha frente até eu levantar a cabeça e o olhar.

— Me espere acordada. Vamos tentar de novo colocar um filho nessa barriga.

— Sim senhor — digo sem emoção, e ele sai da sala.

Não estarei aqui quando voltar, seu porco.

Nem perco muito tempo olhando os estragos em mim. Já esperava por algo assim.

Com o rosto e o resto do corpo doloridos, arrumei a bagunça e cuidei dos meus afazeres enquanto ele lia em nosso quarto.

Na mesma hora de todos os dias, ele saiu depois de me dar um beijo terno na testa.

Esperei passar dez minutos para ter certeza que não voltaria e comecei a colocar o plano em prática.

Fui até o armário e peguei uma de suas mochilas para levar suprimentos para a igreja. Coloquei algumas poucas roupas,

coloquei um casaco pesado por cima da minha roupa, peguei a carta da faculdade que escondi em um piso falso do quarto, abri o cofre onde ele guardava as coisas de valor e peguei tudo. Ele usava sua data de nascimento como senha, confiante de que nunca seria roubado. Sorte minha. No cofre ele também guardava meus documentos e a certidão de casamento. Eu não tinha permissão para usar meus documentos, tive que pedir quando precisava.

Quanto a certidão, até pensei em deixar para trás, mas pensei melhor e pode me ser útil no futuro.

Passei na cozinha e peguei água e comida para o caso de ficar muito tempo na estrada.

O próximo passo era ir sem ser vista até o armazém da comunidade. É hoje que o caminhão vem buscar a colheita para vender na cidade de Nova Iorque.

Me esgueirei com a mochila pesada e o casaco preto e consegui entrar no caminhão e me esconder atrás das caixas. Agora é só esperar.

Meu coração disparado fica mais leve ao ouvir o motor do caminhão e o sentir em movimento.

CAPÍTULO 2

Em busca de liberdade

Robin

A cada parada que esse caminhão dá tenho medo de ser descoberta.

Nada pode dar errado. Planejei essa fuga por mais de um ano. Tem que dar certo.

Fecho os olhos por alguns instantes e me deixo voltar as últimas horas desde o momento em que despertei ao lado daquele homem. Meu corpo dói bem mais que no momento em que ele me agrediu.

Queria ter o poder de ver sua reação ao perceber que nunca mais colocará suas mãos sujas em mim. Maldito!

Aperto com força a bolsa contra o peito. Aqui estão meus documentos e todo o dinheiro que ele arrecadou durante a semana na igreja. Como era semana de pagamento dos membros, tenho o suficiente para recomeçar, conseguir um emprego e nunca mais passar por isso novamente. Não acredito que essa seja a minha única opção. Tem que haver uma forma melhor de viver.

O meu olho dói. Pelo que vi no reflexo das painéis, está inchado e escuro. Mas eu fiz de propósito, deixei sua taça favorita cair e quebrar porque sabia que ele perderia o controle. Só tive que

torcer para que não pensasse nas consequências, e ele não pensou. Resultado: eu não poderia ir à igreja. Fui deixada em casa de castigo. Com certeza diria a todos que eu estava indisposta.

Desgraçado!

Queria mesmo ter o poder de ver a cara daquele monstro ao chegar em casa e não encontrar sua escrava.

Parece que dessa vez Deus, se é que ele existe, não quis colocar obstáculos na minha fuga, como da primeira vez. Sim, eu tentei uma vez, e foi um desastre. Fiquei meses sendo castigada pelo meu pecado contra meu marido.

O caminhão parou mais uma vez, e dessa vez descí, tomando cuidado para não ser vista. Estou com um dos relógios dele, então sei que ou estava perto ou já tinha chegado.

Me escondo até o caminhão partir para seu destino final. Não posso correr o risco do motorista me ver, ele conhece meus pais e conhecem Richard.

— Moça, pode me dizer que cidade é essa? — pergunto a uma mulher de roupa tão curta que mostrava toda perna, barriga e parte dos seios enormes. Não sei como ela parece não sentir frio.

Ela me olha desconfiada. Não posso culpá-la, devo estar horrí vel.

— A badalada New York. Está perdida, freirinha?

New York! Finalmente. É impossí vel não sorrir

— Não. Muito obrigada pela informação. Te desejo um dia de luz.

Ela dá de ombros.

Me arrependi de ter falado da mesma forma que as pessoas da minha comunidade. *Um dia de luz*, nem na minha escola eles falavam assim, só na comunidade mesmo. Preciso aprender como os novaiorquinos falam.

Escola... O maior erro daquele ser humano asqueroso foi me deixar estudar para se mostrar superior. Graças a isso agora tenho uma carta de aprovação de uma faculdade, com bolsa de estudos e com direito a moradia.

Consigo sorrir ao recordar. Eu me inscrevi em todas que ofereciam isso. E enderecei todas com os dados da minha escola. A diretora sabe que as pessoas da minha comunidade são reservadas e nunca nenhuma mulher saiu para fazer ensino superior. Eu a enganei dizendo que esperaria ser aprovada para mostrar aos meus pais. Se eu dissesse que fugiria ela podia ter uma crise de consciência e contar aos meus pais ou a ele.

Não há mais esse perigo.

Estou livre. Finalmente livre.

Vou estudar e me tornar a pessoa que sempre quis ser. Me tornarei uma pessoa livre. Com direito a sonhar e correr atrás dos sonhos.

Nenhum homem voltará a ser dono do meu destino.

New York é meu novo lar.

CAPÍTULO 3

Fim das férias

Vitor

— Maristela, eu não vou esperar você fazer uma mala gigante para voltar para Nova Iorque. O voo tem hora marcada, não vamos em avião da família.

Me jogo no sofá da casa dos pais da minha prima quando ela diz que ainda precisa fazer a mala. Estão todos aqui, essa mansão sempre será o ponto de encontro dos Rodrigues. Quantos momentos incríveis vivemos aqui.

— Falei para usarem o jatinho. — Valentim, irmão gêmeo de Maristela, me empurra para o lado e senta.

— Seu primo está certo, filho. Pouparia muitos desgastes.

É só um fato, pois o voo é hoje a noite e ainda não estamos prontos, nem mesmo emocionalmente, para partir e deixar outra vez nossa família e o Brasil que tanto amo. Nova Iorque pode ser incrível, mas amo a bagunça brasileira de São Paulo e a minha segunda casa, as praias do Rio de Janeiro.

Temos que voltar porque as férias da faculdade estão no fim. E nem que se eu estivesse atrasado trocaria o voo comum por um jatinho.

— Não, pai. Gosto de viajar em aviões comuns quando a distância é longa. A maioria dos acidentes de avião são com os particulares.

— Aff muita superstição para um homem desse tamanho. —
Meu primo revira os olhos e meu pai ri.

Maristela volta para a sala com os braços cheios de roupas e diz:

— Calma, primo. Eu prometi levar algumas coisas para minhas amigas. Vai dar tempo.

— E você, não vai levar nada para suas amigas?

— O que elas querem, já estou levando.

Valentim só ri.

Eu pretendia dizer que minhas “amigas” só queriam meu pau grande e grosso, mas elas também gostam da minha língua e com certeza minha mãe a cortaria assim que ouvisse essas palavras do seu bebê. Pois é, minha mãe acha que ainda sou o garotinho que ele ensinava as lições.

Mães!

Ficamos a tarde toda só nos curtindo. Somos uma família muito grande, tenho um monte de tios e primos. Amo tanto todos que nem saberia dizer quais são meus favoritos. São todos muito amados e confidentes... espera, o tio Cameron, tia Amanda e minha prima Maria não. Tio Cameron porque não sabe mentir, Deus me livre que espalhe meus segredos. Tia Amanda nem precisa, ela sempre sabe o que estamos sentindo, literalmente. E a Maria herdou o dom dos dois, essa sim é o perigo em forma de mulher. O

mais legal em tudo isso é que nenhum dos meus tios são parentes de sangue dos meus pais, eles foram adotados pelo meu avô, que também não era meu parente de sangue. Sempre me ensinaram que família é mais que isso.

Essa família louca que eu amo. Uma família de CEO's, de donos de balada, de policiais, de torturadores, de assassinos. Sim, eu sei sobre o lado obscuro da minha família. E nem acho tão obscuro assim.

A noite foram todos nos levar até o aeroporto. Foi uma choradeira.

Logo estávamos no avião, vendo a cidade e o país sendo deixados para trás mais uma vez.

Nova Iorque, aí vou eu!

Meu último ano como aluno de uma universidade. Em breve terei que decidir meus próximos passos como adulto responsável e já tenho várias ideias interessantes para o meu futuro. Mesmo sabendo que o destino sempre surpreende, é bom ter os pés fixos no chão e planejar o futuro.

Futuro...

O que será que ele me reserva?

CAPÍTULO 4

O primeiro sonho realizado

Robin

Passei a melhor noite da minha vida em um hotel. É a minha primeira vez em um. Escolhi o mais barato que encontrei.

Me falaram no mercado onde comprei mais água e comida que um tal de hostel é mais barato, só que você precisa dividir o quarto com outras pessoas e existem lugares onde roubam suas coisas, então preferi pagar um pouco mais caro que correr o risco de perder tudo.

Fiquei no quarto até terça à tarde, que era quando estava marcado para eu visitar o campus e seguir com os tramites para ocupar o quarto no alojamento. Infelizmente não tinha como esconder o olho roxo. Sei que maquiagem poderia esconder, mas nunca usei maquiagem na vida. A única vez em que uma colega de escola me emprestou um batom, Richard fez um discurso sobre como apenas mulheres vagabundas usavam essas coisas. Eu sabia que não era verdade, minhas colegas de escola não eram vagabundas, mas aprendi a nunca discutir com ele, só pedi desculpa e disse que nunca usaria.

Eu devia ter usado pelo menos na escola, e aprendido a cobrir essa monstruosidade na minha face, assim essas pessoas

me olhariam nos olhos por outro motivo.

— O que houve com seu rosto? — Uma mulher perguntou o que os três na sala queriam saber.

J á havia me preparado para isso, então respondi:

— Fui atacada. Tentaram roubar minha bolsa e fui tola ao reagir.

— Coitada! Essa cidade está cada dia mais perigosa. — Todos expressavam pena.

— Eu não imaginei que fosse tanto. Eu vim de uma cidade pequena. Foi a coisa mais assustadora que já me aconteceu. — Não era bem verdade.

— I magino.Nós que moramos aqui não nos acostumamos. Mas fique tranquila que dentro do campus tudo é muito seguro. Você terá seu espaço no quarto. Vai dividir com outra menina, mas tem lugar para trancar suas coisas, além de que temos uma polí tica muito rí gida.

— Agradeço. Fiquei muito feliz em ser aceita e mais ainda em ter onde ficar. Vou estudar dia e noite para compensar o que estão fazendo por mim. Não vão se arrepender de me dar essa chance.

— Assim esperamos. Trouxe muita coisa?

— Só o que estão vendo. — Aponto a mochila no meu colo.

— Se quiser, pode ocupar seu quarto hoje mesmo. Os alunos estão de férias e as aulas só reiniciam semana que vem, mas já pode se instalar.

— Seria maravilhoso.

— Eu te acompanho até lá. — Uma senhora se ofereceu.

Ela foi conversando o caminho todo, mas confesso que não prestei total atenção. Estava distraído olhando para todos os lados. Muita novidade.

O campus é enorme e cheio de árvores e jardins, além de ter construções tão lindas que parecem saídas de algum lugar mágico.

Entramos no dormitório feminino. É todo pintado de um rosa bem fosco. Dentro dele tinha uma sala de estudo, uma de televisão, e outros lugares comuns para os alunos.

— O dormitório dos rapazes fica do outro lado do campus. Uma medida para impedir certas implicações. Não pode ter visita do sexo masculino, nem dos alunos — avisou.

— Sim, senhora.

— Roupa de cama é de responsabilidade do aluno, mas deixamos sempre um lençol e um cobertor nos armários.

Ela foi explicando tudo, depois me disse que enviaria uma cópia das regras no meu e-mail.

Depois de um tempo se foi e me deixou.

Aproveitei para tomar um banho e descansar. Meu corpo e minha mente merecem.

Finalmente, lar doce lar.

CAPÍTULO 5

Pequenos detalhes doces da liberdade

Robin

Acabou que dormi o resto da tarde e a noite toda.

Estava precisando.

De manhã, a primeira coisa que fiz foi guardar minhas poucas coisas no armário e trancar com uma senha. Depois tratei de procurar onde comer. Meu estômago já não para de reclamar depois de tantas horas sem comida. Prendo meu cabelo em um coque e saio.

Achei uma cantina dentro do campus. E não resisti quando vi aquele monte de comida que nunca provei.

— Moça, por favor, eu quero um pedaço de bolo de chocolate e um chocolate quente — pedi ansiosa. Era como se eu esperasse Richard aparecer a qualquer momento e me impedir de comer.

Uma vez eu provei chocolate de uma amiga da escola, e foi a melhor sensação do mundo, um prazer sem explicação.

A mulher me serviu. Olhava para meu olho roxo, mas não disse nada.

Me sentei e me entreguei ao sabor da minha mais nova comida favorita.

Nem sei dizer o quanto é bom me sentir livre. Ainda me pego olhando para os lados como se Richard ou meu pai ou mesmo meu irmão mais velho fosse aparecer a qualquer momento. Mas ainda assim a sensação de paz e liberdade é algo tão incrível que me deixa leve.

Assim que termino de comer, volto para o alojamento e vou para a sala de televisão. Só tem uma garota loira com lindos olhos cor de mel. Ela me olha e sorri.

Me sento e procuro formas de iniciar uma conversa. Quero fazer amigas. É quando algo me surge.

— Com licença. — A chamo. — Desculpe atrapalhar seu filme — digo sem jeito.

— Sim. Pode falar, esse filme é péssimo. Só estou com preguiça de levantar mesmo.

— Sabe onde posso cortar meu cabelo aqui por perto? — pergunto. Realmente quero cortar.

— Eu não tenho curso, mas corto das minhas amigas e elas adoram, corto até do meu pai às vezes.

— E quanto você cobra para cortar o meu?

— Nada, gata. Só que tem que ser no seu quarto, minha companheira não gosta. Reclama de tudo.

— Tudo bem. Ainda estou sozinha. Minha companheira ainda não voltou das férias. Meu nome é Robin. — Acho que a porta se abriu para uma amizade.

— Então, vamos lá. — Ela me puxa pela mão. — A propósito, meu nome é Jean.

Indico o quarto, quando estávamos quase chegando.

Ela entrou e não fez muitas perguntas sobre o lugar. Os outros quartos devem ser iguais.

Soltei meu coque e ela me olhou de olhos arregalados.

— Pelo amor de God. Você nunca cortou as madeixas?

Balanço meus ombros.

— Não. Só tirei as pontas em alguns momentos.

Meus cabelos chegavam na altura dos joelhos e tudo que mais quero é cortá-lo. Eu só o mantinha assim porque Richard exigia. Segundo ele, meu cabelo era sagrado. Para ele tudo era sagrado, menos a minha vida e meus sentimentos, com os quais ele fazia o que quisesse.

— Que dó de cortar! — Jean faz uma careta. Covinhas bonitas nasceram dos dois lados do seu rosto. Percebi que era assim quando sorria. Muito fofo! Ela parece uma boneca com sua pele branca e seus cabelos loiros com cachos.

— Carrego isso há anos, por favor, pode cortar o mais curto que achar melhor.

— Se você diz.

Ela cortou pouco acima dos ombros. Enquanto cortava, conversávamos sobre nós. Contei que era o interior e dei alguns detalhes vagos da minha vida. Sou uma pessoa curiosa, e sei o que alguém como eu é para a sociedade. Eles nos chamam de *noiva criança*. Pesquisei isso quando estava na escola. Mas não quero

que isso seja a marca de quem sou. É a minha chance de ter uma vida como sempre desejei.

— Uau! Realmente é outra pessoa. Muito mais gata. — Fica na minha frente analisando. — Vai lá no espelho.

Obedeço e gosto da imagem que reflete.

— Ficou muito bonito.

— Muito bonito nada. Um arraso. Só essa roupa que não combina. E nem esse olho roxo.

J á tinha contado a ela, durante o corte, a mentira sobre o ataque.

Sobre a roupa, ainda não estou pronta para me vestir como as pessoas desse lugar. Eles usam tão pouco tecido, quase chegam a parecer aquela moça que pedi informação. Não sentem frio?

— Agradeço por isso. Depois vejo a questão da roupa.

— Vai vender? — perguntou de repente. Fiquei confusa.

— O que?

— O cabelo, mulher! Se for vender, posso te indicar alguém. J á que é nova aqui, adianto que conheço quase tudo e todos.

— É possí velvender cabelo? — Disso eu não sabia. Minha nossa, tem muita coisa que preciso aprender.

Ela ri.

— Claro. Deixa comigo. Vou levar suas madeixas e no máximo em dois dias trago a grana.

Conversamos um pouco mais e ela se foi, dizendo que precisava de um banho e depois comer. Acabou que combinamos

de comer juntas.

Sim, Jean certamente será minha primeira amiga.

CAPÍTULO 6

Bazar e sorvete

Robin

Dois dias depois, Jean apareceu na minha porta balançando algumas notas.

Tínhamos nos visto mais duas vezes depois do corte de cabelo.

— Olha só! Rendeu uma boa grana por ser natural e preto.

— Será que dá para comprar uma roupa? — questiono. Havia pensado sobre o que ela falou sobre meu estilo depois que se foi.

— Claro. Se for no lugar certo compra várias. E eu conheço o lugar certo.

Ela me levou para dar uma volta pela cidade e paramos em uma loja no centro.

— Aqui é um brecho. As coisas são usadas, mas são baratas e de ótima qualidade. A dona é minha amiga.

— Oi, Jean. Você sumiu. — Uma garota de cabelo pintado de verde nos recebe.

— Muita coisa para estudar, mas estou sempre por aí. Algum show da banda para os próximos dias? Estou com saudade do seu

solo de bateria e da voz do seu homem.

— Pois é. Temos só no mês que vem. Agora que Nick virou homem de negócios quase não tem tempo para essas “bobagens” como diz seu pai.

— J á reserva meu lugar

— E você, morena, quem é? A minha amiga louca não apresenta as coleguinhas.

— Descuido meu. Queremos algumas roupas para minha nova amiga Robin. — Acho que ela notou algo no brilho do olhar da amiga, pois completou. — Nada de estravagante, por enquanto. Robin é uma freirinha.

Damos uma volta pela pequena loja, vendo roupas e preços.

Por fim, consegui comprar um vestido, sapatos, duas saias e duas blusas. Realmente muito barato. J untando com a roupa no meu corpo e as poucas coisas na mochila, dá para sobreviver até conseguir um emprego.

Nos despedimos da amiga de J ean, que descobri se chamar Penelope, e saí mos da loja.

— Não sei se estou satisfeita, você comprou tudo de cores escuras e grande demais. Deveria mostrar um pouco de pele e esse corpão. — J ean resmunga enquanto andamos.

Dou de ombros, sem saber o que responder. Não podia dizer que era meu gosto porque sempre obedeci aos meus pais e depois a aquele homem, só usava o que deixavam. I sso, aquele homem, decidi que vou chamá-lo assim, quero esquecer seu nome.

— Quando eu conseguir um emprego podemos comprar novamente e você pode escolher — ao ver seu sorriso completei —, mas sem exageros.

— Combinado. Promessa é d'í vida — diz empolgada. — Ainda temos dinheiro para um sorvete. O que acha?

— Sorvete? — meus olhos brilharam. Sempre quis provar sorvete. — Sim.

Entramos em uma sorveteria e pedimos. Tudo era novidade. Iria provar sorvete pela primeira vez.

Assim que nos sentamos, com sorvete de chocolate, claro, a minha primeira reação foi encher a colher de sorvete e colocar na boca.

Minha expressão devia estar hilária porque Jean não parava de rir enquanto eu abanava a boca e fazia caretas. Ainda bem que a colher era pequena, ou teria cuspid o tudo.

— Muito gelado! — comento depois de finalmente melhorar a sensação.

Jean está com os olhos cheios de lágrimas de tanto rir

— Claro. É sorvete. Parece que nunca tomou.

— Não. Nunca — confesso e ela arregala os olhos.

— Jura? Como alguém nunca tomou sorvete? Você é de outro planeta? De hoje em diante te chamarei de Miss Alienígena.

— Sim. Nunca tomei. — Dou de ombros.

— Coloca pouco na boca e sinta derreter. Você parece mesmo que veio de outro planeta.

— Algo assim.

A segunda vez que coloquei na boca foi com mais cuidado e fechei os olhos com a sensação gostosa. Deve mesmo ser pecado comer essas coisas, porque é bom demais. Agora sim posso me deliciar com essa minha mais nova outra paixão.

— Que tipo de emprego você procura? — Jean pergunta enquanto curtimos nossos sorvetes. Havia comentado com ela que quero trabalhar o mais rápido possível.

— Qualquer coisa que dê para conciliar com as aulas. Sei limpar, cozinhar, e aprendo qualquer coisa se for para ter um emprego.

— A lanchonete perto do campus está precisando de pessoal. Acho que para servir as mesas. Se quiser, te apresento. Só tem que ter paciência porque muitos idiotas da universidade frequentam.

— É perfeito! — me empolgo.

— Ela funciona até meia noite. Você teria que entrar às 17hs, se não me engano. E só funciona de segunda a sexta porque fica muito vazio por aqui nos finais de semana.

— Podemos ir lá agora?

— Claro, Miss Alienígena empolgada. Vamos terminar o sorvete e te levo lá.

Mais uma coisa parece que vai dar certo na minha vida.

Será que estou mesmo acordada?

CAPÍTULO 7

Banho de refrigerante

Vitor

Agora sou escravo da minha prima. Era só o que faltava.

Eu devia estar em meu apartamento, ou fodendo em algum motel, mas não, um dia antes das aulas estou no campus. Não sei porque Maristela não leva sua amiga para casa. Nós dois sabemos que se alguém tem chance de foder com a garota é ela. Hanna é uma lésbica assumida. Uma linda japonesa que está bem longe do meu alcance.

Saco! Aqui estou eu equilibrando dois pacotes de pipoca e dois refrigerantes grandes do cinema. Aquela manhosa me convenceu a ir até o cinema comprar para ela e sua amiga assistirem no quarto da faculdade, onde ela fica quando está enjoada do nosso apartamento. O que é quase sempre.

É isso. Nem para mim a porcaria era. Eu não ia, mas estou devendo pela noite em claro que a fiz passar antes das férias. Eu juro que não sabia que ela estava em casa. Até bati na porta para ter certeza, mas ela não atendeu e tinha me dito que estaria com Hanna.

Eu aproveitei a casa vazia para levar duas gatas gêmeas e lí deres de torcida. Claro que a festa estava armada na minha cama.

Ai no dia seguinte descubro que minha prima ouviu tudo. Foda, viu! Em pagamento virei seu escravo...

— Porra! — grito.

Foi de repente. Uma chuva de pipoca e um banho gelado de refrigerante me tirou dos devaneios.

— Filha da puta! — comecei a disparar palavrões mal olhando a garota baixinha que causou toda essa confusão ao meu redor. — Você é cega, garota?

— Me desculpe. Sinto muito. — A voz doce e baixa se fez ouvir. Finalmente encaro a pequena morena na minha frente, de cabeça baixa, encarando os próprios pés.

— Sente porra nenhuma. Ou pelo menos olharia na minha cara para dizer. — Ou ao menos tentaria por ser baixinha demais.

Ela levanta a cabeça e me encara. L levei um susto com a marca em seu olho. Deve ter alguns dias, mas é possível ver claramente que ela levou um soco.

— Pelo jeito não é a primeira vez que faz merda. Esse olho roxo aí é da última vez que ... — Paro de falar quando ela dá um passo desajeitado para trás. Parece prestes a correr

Mas para minha surpresa e deleite ela levanta o queixo e diz:

— Já pedi desculpas. Sei que cometi um erro.

— Você terá que pagar por isso — digo. E confesso que estou adorando esse confronto com a baixinha.

— Quanto é?

Coloco a mão no queixo analisando. A roupa é muito estranha, um vestido preto abaixo do joelho e um casaco também

preto, fechado até o último botão — será que está de luto? —, mas a moreninha é linda. Nem mesmo o olho roxo muda isso.

— Uma trepada gostosa paga — respondo.

E ela dá mais um passo para trás, como se levasse um soco. A primeira vez que alguém agi assim com uma proposta de sexo com Vitor Rodrigues.

— Na sua cama ou na minha? — provoco com uma mordida no lábio inferior.

— São todos iguais! — ela praticamente grita e sai correndo.

Eu hein!

— Ainda me deve — grito também, só de pirraça. Temos tempo. Minha nova aventura agora é descobrir quem é essa baixinha e descobrir seus prazeres mais ocultos.

Só que não hoje.

Deixei a moreninha ir e fui comprar novas pipocas e refrigerantes. Nem se eu fosse atropelado por um caminhão poderia chegar naquele quarto sem essas coisas. Maristela poderia ligar para minha mãe e dizer que ando levando garotas para o nosso apartamento. É bem capaz de todos os Rodrigues aparecerem para me ensinar como tratar uma garota. Tio Antônio me presentearia com uma sessão de tortura se soubesse que transei com gêmeas sob o mesmo teto que sua filha. E assim, a vadia da minha prima me faz de escravo.

Só avisando que apenas eu posso chamar ela de vadia.

CAPÍTULO 8

Foi um acidente

Robin

— Miss Alienígena, que tal buscar fritas para nós lá no seu novo trabalho? — Jean diz deitada na minha cama. Estamos aproveitando os últimos momentos porque ao que tudo indica minha colega de quarto chega entre hoje e amanhã, e amanhã começa as aulas e meu primeiro dia de trabalho. Ansiedade me define.

— Posso.

— Como você vai, eu pago.

— Não precisa pagar.

— Precisa sim. Você vai andar uns vinte minutos. Lei da justiça. — Se levanta da cama e me entrega o cartão e o seu celular com fones de ouvido, o mesmo que estávamos ouvindo música há minutos. — A senha é o ano em que estamos e pode ir ouvindo música, assim nem vai sentir o caminho.

— E você?

— Estou de boa. Vou tirar um mini cochilo na sua cama.

E eu fui.

Gente, música é a melhor coisa. Até melhor que chocolate. Eu amo música. Até mesmo quando morava com Richard às vezes

ele me permitia ouvir quando não estava em casa. Eram meus melhores momentos. Ouvir música me permitia sonhar. Eu podia ir para um mundo em que ele não estava, onde eu era uma mulher forte que salvava outras mulheres de destinos como o meu, onde eu estudava tudo que queria, lia muitos livros e nunca sentia dor.

E foi para esse mundo que viajei. Só que esqueci que não estava mais entre quatro paredes. Quando vi já tinha esbarrado nele. Um rapaz muito alto e musculoso gritava comigo.

Não o culpo. Fiz com que derramasse bebida na blusa branca que colou ao seu peito. E havia pipoca ao nosso redor.

Ele disparou a falar palavras feias e tudo que consegui foi pedir desculpas e encarar meus pés. Eu devia saber que estava protegida, mas só conseguia ouvir os gritos de outro homem e antecipar a dor fí sica que viria.

— Sente porra nenhuma. Ou pelo menos olharia na minha cara para dizer. — Quando ele disse isso eu o encarei. Como todos, seu olhar foi direto no meu olho machucado.

— Pelo jeito não é a primeira vez que faz merda. Esse olho roxo aí é da última vez que ...

Ele começou a dizer e isso me fez dar um passo para trás, pronta para fugir. Foi quando me lembrei do motivo pelo qual fugi daquele homem. Eu não quero mais ter medo e não terei. Fiz minha melhor cara de corajosa e o enfrentei dizendo:

— J á pedi desculpas. Sei que cometi um erro.

— Você terá que pagar por isso — disse. Não pareceu nem um pouco impressionado com minha cara de corajosa.

— Quanto é? — questionei. Espero que não seja caro as coisas e se for para lavar suas roupas também eu mesma lavo.

Ele não respondeu de imediato, colocou a mão no queixo e ficou me encarando com seus olhos castanhos. Parecia me analisar.

— Uma trepada gostosa paga. — Finalmente responde, me fazendo dar outro passo para trás. Eu sei muito bem o que significa trepar, e nunca mais deixarei nenhum homem me tocar desse jeito. Só de lembrar do corpo daquele homem sobre o meu, só quero... nem sei. Me sinto tão suja só de imaginar.

— Na sua cama ou na minha? — o idiota continuou falando.

“Nunca mais!” Afirmava dentro de mim.

E antes que ele tentasse me forçar a algo, gritei e corri.

— São todos iguais!

Ainda bem que ele não me seguiu, mas pude ouvir sua resposta.

— Ainda me deve — gritou.

Nem olhei para trás. Se ele tentar fazer alguma coisa grito, chamo a polícia, faço o que for. Pode ter poucos dias que escapei das amarras, mas antes disso eu já sabia que tinha direitos. Claro que não naquela comunidade, não enquanto aquele homem pudesse evitar. A única coisa que preciso fazer é não depender de ninguém, assim ninguém pode me machucar sem sofrer as consequências.

Fiquei tão atordoada que comprei os lanches e voltei com o celular e os fones no bolso, com as músicas tocando.

Não contei nada para Jean. Apesar dela ficar me dizendo que me sentiu voltar estranha. Só respondi que nada de anormal aconteceu. Hoje não consigo contar, talvez depois, quando essa enxurrada de lembranças doer menos.

Os próximos dias passei com medo, como se a qualquer momento ele pudesse aparecer para me cobrar. Exigindo de mim, como aquele homem fazia.

Eu não sou propriedade. Muito menos sou fraca.

Só preciso me convencer disso, depois de uma vida toda sendo ensinada do contrário.

Sintomas iniciais

Robin

As aulas começaram. E nem precisei me esforçar para saber quem era aquele homem em quem esbarrei. No campus inteiro se fala nele. Se chama Vitor Rodrigues. Acabou de iniciar o último ano, dizem que sua família é muito poderosa, ele dá aula também, ajudando o professor de química, sendo que nem faz curso na área de biológicas, já pegou metade das mulheres da escola. Pegar é ter relações. Aprendi com Jean. E pelo que falam eles não parecem ter o mesmo nojo que eu quando o assunto é sexo.

No mais, ouvi tanto falar desse tal de Vitor que tomei raiva dele.

Sim, é por isso. Tenho raiva dele porque é um exibido e grosso. Não tem nada a ver com o fato de que ele me deixa desconfortável, com sintomas estranhos.

Até pesquisei na internet. Respiração ofegante, irritabilidade, inquietude, uma pressão estranha nas minhas partes íntimas. Não achei nenhuma doença que justificasse. Só apareceu muito sobre tensão sexual. E isso com certeza não é. Nunca vou sentir desejo por homem algum.

Toda vez que o via tinha esses sintomas. Então faço o possível para evitar sequer ver suas costas largas. Principalmente quando está jogando basquete, onde também ensina outros garotos e garotas a jogar, claro. E claro que sempre está sem camisa, mostrando uma tatuagem que cobre parte das suas costas e braços. Não faço ideia do que seja... Está bem, já pesquisei, é algo chamado tribal.

Até que não é muito difícil evitar esse homem. Entre trabalho e estudo não sobra muito tempo para ver ninguém. Até Jean tenho visto bem pouco. Minha colega de quarto também. Ela quase sempre chega de madrugada e acorda depois que já sai. Nem faço ideia de como ela pretende passar nas matérias.

O meu trabalho é incrível. Eu passo na mesa anotando os pedidos e levo para que sejam preparados. Como é muito cheio fica outra menina comigo, o nome dela é Cibele, uma negra muito alta perto de mim e de cabelos com tranças cor rosa.

— Atende os que chegarem enquanto vou ao banheiro? — ela me pergunta fazendo careta para mostrar que está apertada.

— Claro.

Ela se foi. Sei que iria fumar também. Ela quase sempre recebe bronca por fumar em horário de trabalho.

Algumas pessoas chegam e vou atender.

Não acredito no meu azar quando vejo o tal Vitor, dois rapazes e duas garotas, sendo que uma não desgruda do braço dele e a outra não desgruda os olhos deles.

— Oi baixinha! Então você é a nova atendente? Vê se não derruba nada em mim, pode ser?

Como se trata de trabalho não posso fugir, então engulo os sintomas de sempre e respondo:

— Terei atenção. O que vão pedir?

— Dois milkshake de chocolate, um de morango, dois de banana e duas porções mega de batata frita. — É a garota grudada nele que responde.

Repito os itens e pergunto:

— Mais alguma coisa?

— Uma água para cada. Só.

— Ok. Vou providenciar.

Assim que me viro para levar as anotações, o infeliz me chama:

— Baixinha...

O que fez algumas pessoas me olharem. Tive que parar e voltar até a mesa.

— Pois não? Mais algum pedido?

Ele levanta e sussurra no meu ouvido:

— Não. Só queria dizer que fica uma delícia nesse uniforme.

Sinceramente nem sei como não sai esbarrando nas mesas das pessoas. Ainda mais por ouvir risadinhas da mesa deles. Aqueles imbecis estavam rindo de mim, brincando comigo.

Azar deles. Se soubessem as merdas que já vivi saberiam que essas bobagens não me atinge.

Uma aposta clichê

Vitor

— O que foi isso, primo? — Maristela me pergunta olhando a garota que nos atendeu sair apressadamente.

É impossível vel conter um sorriso de canto.

— Lembra daquele dia que cheguei todo doce no quarto de vocês? — olhei dela para sua amiga. — Pois é, foi aquela baixinha que derrubou os refrigerantes em mim.

— Ela parece não gostar muito de você. — Hanna comenta.

Maristela balança a cabeça negativamente e diz:

— Pois para mim acho que ela tem é medo de você. Parece um bichinho assustado.

— E você já está interessada? Aff! — Hanna revira os olhos. É ciúme puro. Não sei por que essas duas ainda não estão namorando.

— Eu não. Gosto de mulheres fortes e decididas. — Maristela diz, não parece notar o ciúme da amiga.

— Ninguém quer saber a minha opinião? — Nick pergunta.

— Não! — respondemos ao mesmo tempo.

— Pois direi assim mesmo. O nosso poderoso Vitor não tem chance com a moreninha. Ela com medo ou não gostando dele. Apostaria minha guitarra.

— Opa! Vejo nascer um clichê de aposta. — Paul comenta. Ele faz parte da banda de Nick e é meu amigo desde que cheguei a Nova Iorque, todos da banda são. Ele é um romântico. Namora a mesma garota desde os doze anos de idade e vão se casar assim que finalizar o curso.

— Só você viu isso. — Nick empurra o amigo.

Até que gosto da ideia. Dou meu melhor sorriso safado e digo:

— Clichê não sei, mas a aposta eu topo. Adoraria ver você perdendo a guitarra que tanto ama.

— Pois ainda serei bonzinho. Nem precisa de foder a gatinha. Ela parece virgem e seria uma maldade desperdiçar a primeira vez com um canalha como você. Só um beijo. Ela tem que dar. Nada forçado.

— Não sou homem de forçar nenhuma mulher.

— Eu sei que as gatas caem aos seus pés, gostosão. — Paul adora me provocar. Devia perder mais tempo com sua mulher e me deixar em paz.

— E se ele perder? — Maristela pergunta.

Claro que não vou perder.

— Se ele perder aquele carro é meu. — Aponta para o meu bebê fora da lanchonete.

— Minha Charlotte? Impossível.

Ai já é demais. Mexer com o amor da minha vida.

— Medo, Vitor? Achei que estava certo de uma vitória.

— Qual o prazo? — pergunto.

Lásou homem de ter medo. Não se preocupe, Charlotte. Sem chances de te perder.

— Dez dias. Vou te dar tempo de trabalhar no romance.

Estendo a mão por cima da mesa.

— Temos uma aposta.

Nick aperta e Paul ri e fala:

— Vamos tocar no casamento.

Maristela e Hanna balançam a cabeça negativamente.

— Tia Will sabe o filho safado que ela tem? Que decepção para uma mãe.

— Deve ser problema por ser filho único. Dizem que esse tipo de pessoa criada sem irmãos tem complexo de todo poderoso. — Hanna comenta. Parece totalmente esquecida do ciúme que a baixinha despertou.

— Não seja por isso. Tenho primos que são como irmãos.

Minha fala me rendeu um forte abraço de Maristela.

— Seu lindo!

Fomos interrompidos por uma garçonete com nossos pedidos. Pelo jeito a moreninha não seria fácil. A safadinha colocou outra em seu lugar.

Issosó me atença mais. Sei que já tenho quase vinte e dois anos e esse tipo de coisa deveria não ser interessante para mim.

Apostas com garotas? Que bobagem! Mas quero muito brincar com essa baixinha. Uma aventura de universitário antes de perder esse título.

Vida que segue

Dias depois

Robin

— Robin, o cara vai sentir seu olhar de ódio. Pega leve! —
Jean me traz de volta a realidade.

Aff nem me dei conta que estava encarando a personificação do que acho mais errado em um homem. Aliás todos os homens devem ser assim, errados. Meu pai era, aquele monstro era, meus irmãos eram, e esse idiota que queria me fazer pagar com sexo por um acidente também era. Naquele dia em que esbarrei nele, fiquei escondida no meu quarto, temia que cobrasse. Na verdade, meio que me escondi por dias, até entender que não estava mais naquela vida, que esse homem não podia me afetar. Estou segura agora. Só falta mesmo sumir com os sintomas que sua presença me causa.

Dou de ombros e volto a atenção ao meu sanduiche.

— É muito ódio. Tem certeza que ele não te deu um fora? —
Jean insisti. Nesses poucos dias aprendi muita coisa com ela. Ela me ensinou que “dar um fora” significa que eu quis uma relação com ele e ele disse não. Jean é uma pessoa incrível, sinto como se a conhecesse a vida toda.

— Fala sério! Aquele dali não dá fora em mulher nenhuma. —
Sim, eu soube da fama dele um pouco mais a cada dia.

— Então eu tenho uma chance. — Ela diz suspirando. Minha amiga adora homens bonitos. E não posso negar que esse Vitor é o mais lindo que já vi.

Reviro os olhos.

— Vai com tudo. Eu vou voltar para a biblioteca porque tenho que manter uma bolsa. — Vou aproveitar que tenho um horário livre e estudar um pouco mais antes de ir trabalhar.

— Eu vou com você. Estou mandando muito mal em cálculos. Nunca vou administrar uma empresa assim.

Jean diz que vai se formar e administrar uma grande empresa. Acredito nela. É o tipo de pessoa que sempre consegue o que quer. Já eu escolhi contabilidade. Na época me parecia o mais fácil de conseguir, e estou gostando cada dia mais do curso.

Nos levantamos e passamos longe do grupinho que conversava animado.

Vitor Rodrigues é um desgraçado. O motivo? Eu não sei. Ou sei. Sei lá. Ele me irrita e me deixa excitada ao mesmo tempo. Não tem jeito, depois de tantos dias com esses sintomas me convenci que é desejo mesmo. Parece que viver o inferno na mão de um homem não me impediu de desejar outro. E não, ele não me deu um fora. Duvido que saiba da minha existência. Duvido que se lembre daquele acidente. Detesto que meu corpo reaja a um homem depois de tudo que passei.

Tenho problemas demais para focar em um homem.

Fugir do miserável que quase acabou com minha vida, trabalhar, juntar dinheiro para quando sair do alojamento da faculdade, estudar como louca para ter o benefício do alojamento grátis e estudar grátis. Onde que tenho tempo para pensar em homem?

Sendo bem sincera, tenho certo pavor do sexo oposto. Só de pensar na minha experiência meu sangue gela.

Não quero ninguém me tocando daquela forma nojenta.

Antes que as lembranças voltem, balaço a cabeça e sigo Jean até a biblioteca, tinha ficado para trás por me perder em pensamentos.

Nos sentamos e começamos a estudar.

— Por que você não gosta de falar da sua família? — Jean pergunta de repente.

— Já disse que eles moram no interior. Tenho dois irmãos, um mais novo e um mais velho, pai e mãe. O que mais quer saber?

— Você não parece ser ligada a eles.

Lá vai eu repetir o de sempre.

— Eles são ricos e religiosos...

— Por acaso é uma seita? — pergunta me interrompendo.

— Acho que não. São apenas pessoas do interior adorando ao deus que a maioria adora, Jesus.

Só não acho que o ser que se deixou matar para salvar a humanidade teria orgulho de alguém ali. Eles distorciam as partes que falava sobre obediência.

“Filhos, obedçam a seus pais em tudo, pois isso agrada ao Senhor.”^[1] Isso era repetido a cada ordem que recebia. Obedeça e faça seus deveres, obedeça e abra as pernas para aquele velho imundo. Como odeio essa palavra obedecer.

— Robin?

— Oi?

— Você viajou. Foi onde? Estava pensando em seus pais?

— E você? — ela levanta a sobrancelha, confusa com minha pergunta. — Você também não fala dos seus pais.

— Meus pais são tradicionais e negociantes. Amo eles mais que tudo, apesar das nossas diferenças. Sou filha única, o que mais quer saber?

— Agora, nada. Vamos estudar seus cálculos. Depois conversamos mais sobre tudo que quiser.

Só não prometo que serei sincera em tudo, ainda não estou pronta.

CAPÍTULO 12

A aposta

Robin

Meus dias seguem exatamente como programei. Trabalhar, estudar, dormir, estudar, estudar e estudar. Preciso sair dessa faculdade com um ótimo emprego. Não quero depender de homem nunca mais. Essa é a única forma. Eu não fugi de um abusivo para abrir caminho para outro.

Foi exatamente três dias após ver Vitor na lanchonete que isso mudou e minha paz começou a ser abalada.

Estava perto das prateleiras da biblioteca escolhendo minhas próximas leituras extras quando quase gritei.

— Oi! — um moreno gigante surgiu do nada no meu lado. O mesmo moreno que me causa sintomas tão indesejados.

— Que susto! — minha mão foi parar no meu peito.

— Desculpa, baixinha — diz com um sorriso.

— Posso ajudar? — me afasto da prateleira para o caso dele querer algum livro daquele lugar atrás de mim.

Ele passa a mão nos cabelos, como se estivesse sem jeito para falar. Até parece! Ai tem coisa!

— Na verdade pode. Eu apostei com meus amigos que você sairia comigo — responde sem rodeios.

Na minha cara estava explicito que eu não acreditava em suas palavras. Como assim apostou? O que há de errado com os homens do universo?

Levanto a cabeça, para olhar bem fundo nos olhos desse gigante.

— Você tem uma prima, não é? — pergunto encarando-o.

— Tenho. Por que? — Levanta a sobrancelha, confuso com a pergunta.

— Só me pergunto se gostaria que sua prima ajudasse um babaca que apostou usando ela.

Ele fica sem resposta. Ponto para mim. Pelo menos nisso os homens desse lugar tem de diferente com os que me cercavam, aqui os machos protegem as fêmeas da família.

— Acabou de perder uma aposta. — Deixo ele para trás e vou até o balcão registrar os livros que levaria.

Para meu azar ele para ao meu lado outra vez.

— Pelo jeito você é o tipo que só dá valor as fêmeas da família. — Balanço a cabeça.

Será que toda vez que encontrar esse cara vou me decepcionar com suas atitudes? Primeiro quer me cobrar sexo por um acidente, agora simplesmente aposta me usando.

— Não seja assim. Meu carro está em jogo e foi presente do meu pai.

Não desmentiu o que falei. Claro que para esse homem eu sou apenas um meio para um fim.

— Fico ainda menos tentada a te ajudar ao ver que aposta algo importante por uma bobagem.

— Quanto você quer? Deve ter algo que possa te dar em troca. Nem precisa ter sexo. Só um beijo e ganho.

É impossível não olhar para sua cara de pau. Balanço a cabeça, decepcionada com o sexo oposto.

— Jovens, velhos, vocês são todos uns... — Nem encontro palavra para descrever.

Pego meus livros e saio. Ainda bem que ele não me segue ou veria que estou chorando feito uma idiota. Estou revoltada por me sentir atraída por um homem. O que é pior, por um homem que também me vê como objeto com o qual pode jogar.

Malditos machos!

Não vou perder Charlotte

Vitor

Até parece que vou desistir. Meu pai me mata se eu perder o primeiro carro que me deu. É meu xodó ao ponto que o trouxe comigo do Brasil.

Sem contar que não é sacrifício nenhum sair com a ferinha morena. Sem as roupas feias ela deve ser uma onça na cama. Será que ainda é virgem? Tem todo o jeito de ser.

Pois é, não tenho interesse em parar no beijo da aposta. Quero essa mini fera na minha cama, me arranhando, revirando os olhos e gritando por mais.

Descobri que só tem dezoito anos. Somando isso a seu jeitinho, o resultado é que pode muito bem ser virgem. Não me prendo a isso. A mulher tem direito de transar com quem ela quiser, quando quiser. Só preciso convencer aquela coisinha gostosa que ela quer comigo e já.

Estaciono o carro e a primeira pessoa que vejo é meu amigo Nick, como sempre, com Paul. O desgraçado que me fez apostar quando estava bêbado, ele sabe que fico corajoso demais quando bebo. Só isso explica o fato de ter esquecido que meu pai é um

assassino que pode sumir com o meu corpo facilmente se eu perder o carro.

Naquele dia fomos na lanchonete depois de voltarmos do clube, onde bebemos mais do que devia no meio da semana. Eu merecia um pouco de rebeldia. É meu último ano. Faltar algumas aulas fingindo não se sentir bem faz parte da vida de todo acadêmico... Pelo menos devia. E eu só tomei vários drinks para curar minha doença chamada vontade de curtir

— Gastando meu carro, Rodrigues? — provoca. — Cuidado. Quero ele perfeito quando for dar meus passeios com minhas gatas.

Ele fala como se não tivesse uma namorada mega ciumenta.

— Ela, seu idiota! Para de chamar meu bebê de ele. O nome dela é Charlote.

— Feio. Vou mudar para Britney.

— Não sei que confiança é essa. Meu nome é Vitor Rodrigues e nenhuma mulher me diz não.

— Não é o que fiquei sabendo.

— Até sábado a moreninha vai estar na minha.

— Ou Britney estará na minha.

— Charlote! — rosno.

Paul só ri.

Eu vou te proteger desse babaca, Charlote.

— Fiquei sabendo que contou para a garota que se trata de uma aposta. Golpe baixo e jogada de mestre. Uma pena que não deu certo.

Maristela lí nguagrande! Não sei porque fico contando tudo a ela.

— Ainda não deu certo. Sábado não é hoje e nem foi ontem.

— Coitada da garota! — Paul fala para ninguém em específico. — As mulheres do campus acha que ela está desprezando o gostosão e os homens acham que ela está se achando demais. — Ele olha para mim. — Talvez ela já esteja te odiando e nem sabemos. Se eu fosse ela gritava aos quatro ventos que o gostosão ai fez uma aposta. Se bem que vai acreditar quem quiser.

— Eu vou ganhar essa aposta. Vou ficar com aquela garota e calar a boca de todos. Anotem! Os Rodrigues cumprem o que dizem.

— Ai senti firmeza!

— Agora, se mandem que tenho mais o que fazer.

Me afasto dele e entro no campus. Hoje preciso ajudar o professor de química.

Passo pelo jardim do campus e vejo algumas flores. Mulheres adoram essas coisas. Operação conquistar a baixinha em ação.

Disfarçadamente roubo uma. E como se programado, vejo a garota que sempre anda com a moreninha.

— Oi! — cumprimento parando na sua frente.

— Olá! — responde. Percebo que se assustou.

— Onde está sua amiga?

— Trabalhando. Por que? Algo sobre as aulas?

— Ela não te contou?

— Ela não é o tipo que conta muita coisa. E não é do tipo que fica por ficar. Você já deve ter percebido.

Então é mesmo virgem.

— Pode entregar a ela e dizer que sou um cara legal?

— E você é? — pergunta pegando a flor da minha mão.

— O melhor de todos.

— Eu entrego.

Ela começa a andar, mas se vira para dizer:

— Eu sei onde pegou.

— Será nosso segredinho.

Pisco para ela, que sorri e volta a andar.

CAPÍTULO 14

Flores

Robin

— Oi! — Jean se senta ao meu lado e coloca uma flor com uma mistura de vermelho e cor de rosa sobre a mesa.

Sei exatamente de onde ela veio.

— Oi! Anda roubando flores do jardim do campus? — pergunto.

Seu sorriso fica enorme.

— Eu não. Isso é coisa do seu futuro namorado. Mandou eu te entregar. Só pra constar, acho um absurdo você chegar e já ir conquistando o mais desejado do campus.

Olho para a flor. Aquele idiota ainda não desistiu. Deve estar morrendo de medo de perder o carro.

— Eu não conquistei ninguém. Esse cara implicou comigo. Tenho certeza que quer brincar comigo e não estou disponível.

— Ele parece bem interessado.

— Interessado em que mesmo? Em mim? Olha para mim, Jean. Você sempre foi sincera, diga se um homem como aquele se interessaria por alguém como eu quando pode ter qualquer uma.

Cada dia me dá mais certeza disso. Até mesmo professoras e funcionárias já percebi com interesse nele.

— Vestida assim, não mesmo. Já até falei para mudar o visual. Não precisa mudar sua essência, mas você é uma morena linda que merece destacar essa beleza.

— Eu não quero nada com ele nem com ninguém. Quando eu mudar de visual será por mim.

— E por que está guardando a flor? — ela diz rindo.

Nem percebi que a coloquei dentro do meu caderno.

Dou de ombros.

— A coitada foi arrancada do seu lugar. O mínimo que podemos fazer é guardar.

— Sei. Você não me engana.

— Não vamos falar desse cara, pode ser? Estou na semana que antecede minha menstruação e tudo me parece motivo para morrer ou matar.

— Já não está mais aqui quem falou.

— E você, amiga, fala tanto de romance, quando vai me apresentar um príncipe encantado como dos contos de fadas?

— Quando conhecer um. Esses caras de universidade não me agradam. Eu quero um homem diferente. Um que me tire o chão no primeiro olhar. E se ele for lindo e gostoso como o seu, agradeço.

Rimos. Jean começou a contar sobre os caras do campus que já tentaram algo com ela. Minha amiga está aqui há um ano. E viveu muitas coisas engraçadas que adora contar.

Realmente mudamos de assunto. Porém eu estava enganada se achava que Vitor ia parar de me perseguir. Eu passei a receber uma flor dessa de manhã, de tarde e de noite. Sempre vinham de rapazes que me olhavam como se perguntasse o que ele viu em mim.

Por todo lugar que passo recebo um olhar de julgamento, seja por inveja ou por desprezo mesmo. Sempre falam da minha roupa, da forma como amarro meu cabelo, criticam até o meu modo de andar, que não tem nada de incomum. Tudo porque acham que não estou aceitando a atenção de Vitor. Mas quando essa aposta passar vão encontrar outra coisa melhor para fazer do que me encarar.

Foco, Robin. Você está aqui para descobrir o significado da palavra felicidade em cada pequena coisa. Não deixe que nada te prive disso novamente.

Ele não desiste

Robin

— Para você, outra vez. — J eancoloca a flor sobre a mesa do refeitório. Chegou a flor do horário de almoço.

— Eu vou acabar sendo advertida por causa dessas flores. Ontem um professor as viu em meu caderno e perguntou de onde estavam vindo.

— Vai me contar porque o cara mais gostoso e desejado de New York está roubando flores dos jardins da faculdade e te presenteando?

Quer saber? Talvez seja bom ela saber e parar de achar que seremos um casal. Casal, oh palavra que me enoja.

— Sim. Talvez assim você me dê razão quando digo que o cara é imbecil. — Ela se aproximou como se fosse ouvir um segredo. — Ele fez uma aposta de que sairia comigo, acredita? — revelei.

— O que? Meu Deus! É igual aos filmes românticos.

Não acredito! A minha amiga maluca está sorrindo como se fosse a melhor coisa que já ouviu.

Nas férias preciso ver um desses tais filmes românticos. Na minha casa não tinha televisão e desde que vim parar aqui que só tenho estudado e trabalhado.

— Pelo jeito você ainda não acha ele um idiota.

— Vou ser a madrinha do primeiro filho de vocês. E se tiver outros, serei a madrinha também.

— Não sonha, Jean! Acha mesmo que alguém como aquele cara vai se prender a alguém como eu? Ele ainda tem a outra metade do campus para pegar.

— Pois é assim que os melhores romances começam. O rapaz que a garota nunca sonha em alcançar acaba descobrindo sua beleza e se apaixona.

Reviro os olhos e ela arregala os seus, encarando um ponto atrás de mim.

Por um tolo momento imagino aquele homem aparecendo e me arrastando de volta, mas quando me viro vejo Vitor se aproximando demais.

O ignoro enquanto ele vem e senta na minha frente.

Jean sai sem falar nada. Grande amiga!

— Posso ajudar?

— Já sabe como. Você realmente não quer ou tá fazendo cu doce? — fala em uma língua que desconheço. Deve ser português. É o que falam no Brasil.

— O que?

— Perguntei se não quer me ajudar ou só quer me ver perder. Só tenho até sábado. Me ajuda, moreninha.

— Escuta, Vitor, foi você quem apostou algo que não te pertence. É o meu beijo, a minha boca. E se fosse meu primeiro beijo, brincaria com isso assim?

— E é? Por que se for, eu desisto dos caras desse país. Seriam um bando de frouxos.

— Não é. Mas ainda assim eu não quero fazer isso. Pode me pelo menos tentar me entender?

Todos os meus beijos foram daquele homem. Se — eu disse se — eu cogitasse a possibilidade de beijar novamente, não queria que fosse por uma aposta, queria considerar como meu primeiro beijo. Será que estou sendo tola?

— Impossível! Minha maior missão é colocar uma expressão de prazer no seu rostinho bonito. — Se levanta e curva o corpo deixando nossos rostos próximos. — Isso não vai parar em um beijo ou em uma aposta. Te garanto.

E ele se afasta e sai.

Me deixando sem ar e com o coração disparado.

Em momento algum me afastei.

Acho que fiquei um minuto imóvel, depois sai do refeitório quase correndo.

Já estava cansada dos olhares maldosos das garotas e dos olhares curiosos dos garotos.

Que vontade de gritar que tudo não passa de uma aposta.

Perder ou ganhar

Robin

Segundo a última conversa no refeitório, hoje é o último dia para Vitor Rodrigues ganhar ou perder a aposta. Não entendi muito bem sua estratégia, pois parou de mandar as flores e não me procurou mais. Espero que tenha desistido. Mesmo me sentindo estranha com essa possibilidade.

Até pensei em ficar presa dentro do meu quarto para ele não tentar nada, mas o trabalho chama. O dono da lanchonete está experimentando abrir aos sábados e isso me gera dinheiro extra.

— Tem certeza que não vai dar uma chance ao cara? — Jean diz ao me ver quase pronta para sair. Ela fica mais tempo no meu quarto que a própria garota que divide comigo.

— É só uma aposta. Agora me deixa trabalhar.

Saio do quarto e sigo para fora do alojamento. A lanchonete onde trabalho fica fora do campus, mas bem perto. A maioria dos alunos come lá, já que nas lanchonetes dentro do imenso campus não servem bebidas alcoólicas. Lá serve, se o cliente tiver mais que vinte e um. Temos que exigir documentos.

Minha nossa!

Um grito fica preso em minha garganta quando o rapaz gigante aparece na minha frente. Ninguém menos que Vitor Rodrigues com seu peito tatuado nu e usando um jeans. Está suado como se estivesse fazendo atividade física. E lá vem os sintomas.

Não acredito que estou com vontade de tocar seu peito. Que ódio de mim!

Tento desviar, mas ele me intercepta, tento mais duas vezes em vão.

Finalmente paro e o encaro.

— Me disseram que você me odeia. Agora estou começando a acreditar. Te fiz alguma coisa que não lembro? — diz parado na minha frente.

Quem disse que eu odeio esse homem? Só não quero mais problemas.

— Não é você que odeio. É toda sua raça. Os homens acham que por ter força física maior que da mulher tem que subjugar-las. Isso está errado.

— Agora estou mais tranquilo.

— Duvido que sequer esteja ouvindo o que digo, pois agora mesmo está na minha frente causando um atraso no meu trabalho, simplesmente porque sabe que não sou forte o bastante para passar por você à força.

— Eu só queria conversar, tentar te convencer, e essa foi minha única maneira já que não para pra me ouvir.

— Está com raiva porque o fim da sua aposta é hoje e vai perder seu carro. Isso é motivo para achar você e sua raça uns

imbecis.

— Relaxa um pouco, ferinha.

— Vá se foder! — Assim que falei fiquei congelada no lugar. A última vez em que disse um palavrão não terminou nada bem.

Vitor ri. Como se visse um animal raro.

— Prefiro foder você.

O medo que as lembranças causou foi mesclado com a raiva desse homem que só pensa em seus próprios desejos.

— Vai perder seu maldito carro. E eu vou assistir de camarote outra pessoa dirigir ele.

Foi muito rápido. Ele se aproximou, me empurrando até me prender contra a árvore próxima a nós. Eu devia ter esperado por algo assim, mas baixe a guarda. Não tem nem um mês que me livre do pesadelo e já baixe a guarda. Burra!

Ele me encara de cima e exige:

— Me beija logo e acaba com isso.

— Ou? — mesmo com medo o desafiei.

— Ou da próxima vez vou apostar muito mais que só um beijo. — Aproxima o rosto da minha orelha. — Na próxima aposta ao invés de rosas, receberá ví deosmeus e ao invés de aparecer no refeitório, aparecerei nu na sua cama. Vai, moreninha, se recusa. Estou doido para subir essa aposta de ní vel.

Sinto meu coração a ponto de sair pela boca e mal consigo respirar. Isso é uma ameaça? Então por que não me parece ruim?

Ele volta a ficar com o rosto em frente ao meu.

Encaro seus olhos. Eu sabia que viveria um inferno se o contrariasse. Era por isso que odiava os homens. Eles usam força física e psicológica para me fazer sentir pequena e sem saída. Mesmo que esse homem cause sensações diferentes no meu corpo, ele não é diferente.

Era só um beijo para me livrar disso.

Dane-se!

Aproximei nossos rostos rapidamente e toquei nossos lábios com os meus.

Me afastei rápido, sentindo algo parecido com um pequeno choque.

— Satisfeito? — minha voz sai falha.

— Pouco. Muito pouco.

Ele me puxa pela cintura me envolvendo em um beijo que só poderia ser descrito como obsceno.

O pior de tudo é que eu gostei. Gostei tanto que deve ser errado. Meu corpo reagiu como nunca antes. Senti vontade de fazer aquelas coisas que eu abominava. Senti lágrimas de raiva descerem pelo meu rosto. Não era raiva dele, era raiva de mim.

Quando finalmente afastou nossos rostos, falei novamente:

— Satisfeito?

— O que? — parecia confuso.

— Espero que esteja satisfeito.

Me afastei dele rapidamente.

Como não podia correr para o quarto e me esconder embaixo das cobertas, fui trabalhar.

Se me perguntassem o que fiz durante o trabalho ou como voltei para o quarto não saberia dizer.

Fisgado por um beijo

Vitor

Que beijo foi esse?

Eu achei que ela estava gostando. Não... eu sei que ela estava gostando. Então por que seu rosto estava banhado em lágrimas quando se afastou do meu?

“Satisfeito?” Claro que eu não estava. Agora que provei quero mais dessa baixinha.

Confuso com sua reação deixei que ela se fosse.

Não demorou para que meus amigos se aproximassem. Até me esqueci que eles estavam observando tudo.

Maldita aposta!

— Acho que te devo uma guitarra autografada. — Nick comentou.

— Não me deve nada.

Deixei eles e fui atrás de Robin. Ela havia sumido do campus.

A encontrei na lanchonete.

— Precisamos conversar — falei assim que ela se afastou de uma mesa onde anotou os pedidos.

Tive que segurar o seu braço para evitar que caísse com o susto ao me ver.

— Eu estou te implorando, Vitor. Já me fez perder a dignidade, não me faça perder esse emprego.

A sinceridade em suas palavras me fez recuar. Não que eu achasse que ela perdeu a dignidade me beijando, mas me sentiria péssimo se perdesse o emprego e o gerente já olhava do seu canto.

— Eu vou me sentar ali para ele não achar que estava batendo papo. Me sirva um milkshake dos mais caros. Deve agradar o velho.

Ela só se foi.

Outra menina serviu meu pedido. E desisti. Por enquanto. Nada poderia salvar essa moreninha do que ela despertou em mim.

**

— Meu Deus, primo, reage. Sai desse sofá. Estou começando a acreditar que foi fisgado pela Miss Alienígena.

— O que? Quem?

— É assim que a amiga chama sua moreninha.

— Entendo — digo, sendo que nem prestei atenção ao que disse.

— Você ficou mesmo balançado? Jura que Vitor Rodrigues, aquele que comeu metade de Nova Iorque, foi fisgado por uma moreninha sem sal?

— Ela não é sem sal. E eu não fui fígado. Só estou intrigado.

— Com o que? Me explica. Talvez eu possa te ajudar. Afinal também sou mulher.

— Foi ela que me beijou, você viu...

— Ela te deu um beijinho e você tascou um beijão.

— Sim. Mas ela pareceu gostar, então por que chorou?

— Algumas pessoas choram de alegria, outras de prazer, nem sempre o choro está atrelado a dor ou tristeza.

— Duvido que tenha chorado de alegria ou prazer, foi só um beijo.

— Um beijo que derrubou meu amado primo.

— Vai me dar conselho ou debochar?

— Os dois, mas primeiro o conselho. Conversa com ela, pergunta. É o jeito mais fácil de saber a verdade. — Ela falou séria e depois riu. — Agora vamos ao deboche...

E lá se foi a minha paz, se é que eu tinha alguma desde que beijei aquela baixinha.

Maristela só parou de me zoar depois que recebeu uma mensagem de Hanna convidando para ver um filme.

Antes dela sair foi minha vez de zoar.

— Assume logo seu romance com a Hanna antes que outra pegue seu lugar na cama dela.

Como resposta, seu dedo do meio apareceu. E ela foi ver o filme com a amiga.

Talvez seja impressão, mas acho que rola algo a mais nessa amizade.

Maior que amizade

Maristela

Meu primo pode ser um chato, mas tem razão em uma coisa: eu gosto de Hanna bem mais que como amiga. E fico chateada quando vejo outras garotas dando em cima dela. Já tive algumas aventuras com garotas e com garotos. Minha virgindade foi embora quando eu tinha dezesseis anos.

Só que com Hanna é diferente.

Chego no quarto e Hanna está se arrumando demais para quem vai ver um filme.

— Vai sair?

— Vamos. A Rachel nos convidou para uma festa na casa dela — informa.

Rachel. Essa não larga o osso. Ela e Hanna já ficaram. Hanna diz que foi só uma coisa de momento, mas a outra não desiste de tentar repetir.

— Pensei que fossemos ver um filme.

— O plano era esse, mas festa é melhor, não?

— Na verdade não é não. — Me sento na cama. — Se for para a festa de Rachel, eu prefiro voltar para casa e dormir. Não

gosto daquela sua amiguinha.

— Ciúmes das minhas amizades? Você sempre será a número um. Só não posso dizer que será a única.

J á chega! Mesmo que nossa amizade acabe, vou cuspir esses sentimentos idiotas.

— Não gosto de ser sua amiga mesmo. Pode colocar quem quiser como número um.

— O que? Sei que está com raiva, mas cuidado com o que diz. Palavras magoam.

— Atitudes também. E a falta delas mais ainda. E eu já cansei de guardar isso para mim. Hanna, eu gosto de você, e não é só como amiga. Sinto muito, mas se não puder corresponder eu vou me afastar até me livrar dessa maldita obsessão, até não me incomodar com suas amiguinhas. Pronto, falei!

Ela ficou me encarando por longos segundos. Até dizer:

— Vai jogar a bomba na minha mão e exigir que escolha ser sua ou nada?

— I sso mesmo — digo sem titubear

— Não esperaria menos de você, loira. — Ela vem andando em minha direção, em seu estilo predadora. Aquele que molha minha calcinha sempre e a desgraçada parece nem perceber, ou nem ligar. — Pois eu tenho uma resposta para você.

— Qual? — minha voz sai estranha, denunciando as reações do meu corpo.

— Essa...

Por todos os deuses do universo, que beijo é esse?!

A resposta de Hanna é um beijo tão delicado e ao mesmo tempo tão arrebatador.

Deixo que me conduza em um turbilhão de sensações.

Quando ela para e beijo e fica me olhando, decido que é pouco. Inverto nossas posições na cama.

— Agora você é minha. E vou matar suas amiguinhas uma por uma — aviso tirando a blusa. As mãos dela vão parar nas minhas costas, desabotoando facilmente meu sutiã.

— Desde que eu possa matar qualquer um que ousar desejar o que é meu — informa.

— Tem todo direito. Hanna, quer ser minha namorada?

— Eu já sou, loira.

Ela tira meu sutiã e beija meu pescoço.

Foi ali onde as palavras deixaram de ser necessários. Ficou de lado filme, festa... aliás, na cama fizemos nossa festa. E agora Hanna é minha namorada. Posso rosnar para qualquer uma que se aproximar. Essa mulher linda e especial é minha.

Depois do beijo

Robin

Agora tenho que aguentar essas pessoas que nunca me notaram olhando para mim como se eu fosse um animal enjaulado em um zoológico. Pensei que estava ruim quando eles achavam que eu estava desprezando Vitor, porém agora que descobriram que era uma aposta ficou ainda pior. Acabou o olhar de inveja, agora só risos e piadinhas.

Eles deviam estudar mais e se preocupar menos com besteiras ou com a vida dos outros.

— Ai meu pai! — dou um grito quando Vitor surge na minha frente quando estava indo para a aula.

— Prefiro ai meu amante ou ai que delí cia. Essas fantasias de papai não me agrada — brinca.

Fecho a cara. Vitor está fazendo com que a atenção de muitos se voltem para mim. Não gosto disso.

— Mais alguma aposta que precisa ganhar? — pergunto andando, com ele em meu encalço e as pessoas olhando curiosas.
— Suas fãs vão achar que está me dando atenção demais, Rodrigues.

— E estou mesmo, Keach.

— Me deixe em paz. J á te pedi.

— Talvez depois que me disser por que estava chorando quando me beijou. Por acaso te coagi? Agi como uma dessas pessoas que fazem bullying? Sei que fui insistente demais, mas te fazer chorar não estava em meus planos.

Bullying... Eu sabia bem o que significa essa palavra. Era coagida dia e noite dentro de casa. Apesar de não ter nada a ver com crianças maldosas, acho que se encaixa bastante com a minha situação naquela época.

— Eu não vou te processar.

— Então realmente... Porra! Me desculpe, Robin. Nunca quis passar dos limites com você... Quer dizer, quis, mas não dessa forma. Nossa, cara, me sinto um merda!

Pude ver arrependimento em seus olhos. É a primeira vez que um homem me olha assim.

Não posso deixar que pense que é como os outros porque vejo que não é. Meu pai, meus irmãos, aquele homem, nenhum deles assumiria um erro e pediria desculpas. Eles me culpariam pelos erros deles.

“É sua culpa, Robin.” “Se não agisse assim não precisaria ser castigada, se me desse o que desejo não seria castigada.”

Antes de perder o foco e me perder nas lembranças, balanço a cabeça para espantá-las.

— Eu chorei porque gostei de te beijar e não queria gostar — confessei. — Nada de mais.

— Nada de mais? — Vejo sua expressão mudar para um daqueles sorrisos que aumentam meus sintomas ao extremo. — Baixinha, você acaba de entrar em uma tremenda fria. Não devia ter confirmado que gostou. Eu já queria mais de você e agora ... Porra!

— Você não tem jeito. Pode me deixar entrar na sala? A aula vai começar.

— Claro, minha moreninha! A gente se vê depois.

E novamente ele me surpreende se curvando e beijando o meu rosto antes de sair e me deixar congelada no lugar.

Só não fiquei ali a aula toda porque, assim que ele saiu, Jean segurou meu braço e me puxou para a sala exigindo:

— Me conta tudo.

O que eu fiz? Dei os detalhes que minha amiga exigiu.

Salva por ele

Robin

Odeio quando meu chefe me deixa para fechar a lanchonete com as outras duas garotas, porque elas sempre vão embora antes dos últimos clientes e eu tenho que aturar bêbados universitários. Hoje nem Cibeles ficou até o final.

A lanchonete já está quase toda limpa e pronta para fechar, só falta os quatro últimos clientes se derem conta disso. Ele pediram uma garrafa de uísque quando falei que ia fechar. Eu avisei que deveriam levar para consumir fora do lugar — aqui só pode consumir cerveja em lata, bebida de garrafa só compra para levar —, mas qual não foi minha surpresa ao ver os malditos sentando como se nunca tivesse avisado que fecharia a lanchonete. Pior, abriram a garrafa e começaram a beber direto nela.

Eles estão fazendo de propósito.

É segunda-feira. A lanchonete fecha às nove da noite. Já vai dar onze. Minhas horas de estudo depois do trabalho já era.

— Com licença — chamo a atenção de um deles. — Realmente precisam sair para que eu feche.

— A noite só começou, moreninha. — Odiei ser chamada de moreninha por um babaca bêbedo. O termo fica bem melhor saindo

de um certo moreno, mesmo que eu nunca confesse isso. Um certo moreno que prometeu não me deixar em paz e sumiu há quase uma semana. Mal o vejo de longe pelo campus. E isso me incomoda mais do que quero confessar.

Antes que meus pensamentos sejam tomados por Vitor Rodrigues, volto aos rapazes.

— Se não saírem agora, vou precisar chamar a polícia.— Olho a porta aberta e aviso. São três e só uma está aberta. Eles estão sim testando meus limites.

— Já fez gang bang? Que tal quatro paus de gorjeta?

— Vou chamar a polícia.— Pego meu telefone no avental, mas um deles segura minha mão.

— Me solta!

Já passou da hora desse lugar ter segurança até o fechamento. O gerente é maluco por deixar mulher sozinha para fechar um lugar que serve bebida.

Isso não pode estar acontecendo comigo. Não pode! Não era para eu estar segura longe do meu passado?

— Me solta agora! — gritei já sentindo as lágrimas queimando meus olhos.

— Não ouviu a moça dizendo para soltar?

Reconheci a voz antes mesmo de virar e encontrar Vitor com seus amigos de sempre. O trio pelo qual todas suspiram no campus. Sendo que só um deles é disponível.

— Não se mete, Rodrigues! Só estávamos conversando com a moça.

— Ela disse que vai fechar a lanchonete, então saiam.

— Estraga prazeres. — Um deles resmungou. Mas ninguém quis comprar briga. Se levantaram e saíram resmungando.

— Obrigada! — falo.

— Temos que ir, Vitor. Você fica? — Ouço um dos rapazes falar.

Ridicularmente estou parada, olhando para eles.

— Sim. Vejo vocês amanhã.

Não reclamei enquanto os outros saiam e ele ficava, me encarando tanto quanto eu o encarava.

— Obrigada por me ajudar! — falo novamente e começo a apagar as luzes. Não sei mais o que dizer.

Ele segue meus passos, dizendo:

— Não fiz nada além da minha obrigação de tentar mostrar que minha raça não é tão bosta assim.

— Não conseguiu. — Só depois que falei foi que percebi que estava ofendendo a ele por causa dos outros. E ele acabou de me salvar.

Abro a boca para completar, mas ele me interrompe.

— Eu sei. E vai piorar porque vou ter que te acompanhar até o alojamento. Esses imbecis têm fama de vingativos. Eles que estragam nossa fama de cavalheiros.

— Sei... apostas tolas não estragam? — novamente falei sem pensar. Que inferno!

— Foi uma aposta inocente de um beijo que eu teria que conquistar não tomar a força. Tem diferença. Você está exagerando.

— Talvez esteja. Desculpe. Você me ajudou e estou aqui julgando. Me desculpe mesmo.

— Não precisa pedir desculpas. — Apaga a última luz e fica segurando a porta para fechar. — Vamos fazer o seguinte: Vamos apostar. Um mês, me dê um mês para mostrar que sou um cara legal, confiável e gostoso. Começou como aposta, vamos continuar como aposta.

Acabei rindo.

— Nessa lista parece que não cabe modesto.

— Está vendo, já te fiz sorrir, ponto para mim.

Fechamos a lanchonete e começamos a andar em direção ao campus, ainda falando sobre a aposta.

— Aposta não tem que ter prêmio?

— O prêmio é o seguinte: se eu ganhar você se torna minha namorada. Se você ganhar eu me torno seu namorado.

— É a mesma coisa independente de quem ganhar.

— Temos uma aposta? — ele ignora meu comentário de propósito.

— Tudo bem, mas se em um mês você não me provar que é um homem decente, vai me deixar em paz. Promete?

— Prometo. E para começar, amanhã depois da aula vou te levar ao cinema. Tem algum filme que queira ver?

— Não sei dizer. Olha, eu nunca fui a um cinema.

— Está falando sério? Uau!

— Não ria.

— Nem pensei nisso. Vou adorar te mostrar o mundo.

— Só o cinema depois do trabalho. O mundo é grande demais para conhecer no meu tempo livre.

— É. Esqueci da lanchonete. Depois do trabalho veremos uma sessão.

— Ok. Boa noite, Vitor! — Paro em frente ao alojamento.

Ele olha ao redor, confuso e diz:

— Nossa! Nem percebi que chegamos. Boa noite, então baixinha!

Sinto um beijo suave em meus lábios. E fico observando ele partir.

Primeiro encontro

Robin

— Pode tirar essa roupa agora mesmo. — Jane está eufórica por saber que Vitor vai me levar ao cinema. Ela olha para minha roupa de sempre e balança a cabeça negativamente.

— O que tem de errado?

— Você está indo ao cinema, não a um velório. Vestido preto nem pensar.

— Ele só vai me levar ao cinema depois do trabalho.

Será que tem exigência de roupas no cinema? Não vi isso em lugar nenhum que pesquisei para não passar vergonha.

— Independente. — Se levanta da cama. — Vamos agora mesmo ao meu quarto. Você é mais baixa que eu, mas devo ter algo que sirva.

Fui literalmente arrastada até o quarto dela. Sou empurrada contra a cama, onde fico sentada enquanto ela procura no seu armário.

— Experimenta esse. — Me joga um tecido azul, branco e rosa. É um vestido.

Vou até o banheiro e me troco.

Ele fica acima do joelho e isso me faz sentir um pouco nua. Só até me olhar no espelho. A imagem que me olhou de volta me fez sorrir. Me sinto linda. É isso. O primeiro salário que vou receber semana que vem já vai ter um destino, pelo menos uma parte, comprar roupas bonitas.

— Gostou, não é, safada?!

— Não está exagerado? — me olho de vários ângulos no espelho. O vestido é curto, mas possui mangas longas.

— Está mais linda que antes. Leve ele na bolsa e só se vista quando estiver saindo.

— Sim.

— E quero saber cada detalhe. Se voltar sem pelo menos beijar aquele monumento você nem entra no campus. Não é cinema se ele não te beijar.

Tudo que fiz foi balançar a cabeça.

Mas depois fiquei me perguntando se era alguma regra beijar no cinema. Afinal nunca estive em um, mal sei como funciona.

Espero não passar vergonha, muito menos o envergonhar.

Foi mais um dia de trabalho aéreo.

No fim do expediente, Vitor chegou e ficou me esperando.

— Vá com seu gato. Nós finalizamos aqui. — Cibeles disse.

Agora teremos sempre um segurança enorme que aparece um pouco antes de fechar ou quando o gerente não está.

— Vou trocar de roupa então. Obrigada!

— Divirta-se.

Fui até o banheiro e coloquei o vestido de Jean.

Pronto. Agora estou com vergonha de sair do banheiro.

— Morreu ai? — Cibeles bate na porta. — Seu namorado perguntou por você.

— Estou indo.

Abro a porta e encontro seu sorriso.

— Escondendo a beleza, hein vadia!

Vou ao encontro de Vitor e todos no lugar ficam me olhando. Que vergonha!

— Está linda, baixinha! Eu sabia que era linda, mas ainda assim conseguiu me surpreender.

— É só uma roupa.

— Fato. Imagino como deve ser perfeita sem ela.

Suas palavras me deixaram sem jeito.

— Vitor, você não vai tentar nada... Eu não quero me decepcionar com você.

Com um sorriso perigoso, ele responde:

— Calma! Nunca farei nada que não queira.

Realmente espero que não, porque sinto que estou me entregando a algo novo e intenso. Não era para ser assim. Eu fugi

em busca de paz e estou cada vez mais envolvida com esse homem que me deixa inquieta.

CAPÍTULO 22

A música

Vitor

— Vai aonde? — Maristela questiona.

— Ao cinema. — Dou de ombros e respondo.

— Com alguma garota? — insiste, com a curiosidade de sempre.

— Com minha futura namorada.

— Bem que Paul disse. Aposto que é a moreninha da aposta. Você nunca levou ninguém ao cinema.

— Ganharia a aposta. Agora me deixe ir. — Pego carteira e chaves do carro e sigo para a porta.

— Bom filme. E vê se não assusta a garota. Nada de enfiar a mão na roupa no primeiro encontro.

— Cala a boca, Maristela!

Minha prima é intrometida.

Até parece que vou enfiar a mão debaixo da roupa da baixinha. Querer eu quero, mas sei que isso vai minar minhas chances com ela.

Cheguei a lanchonete e ela ainda estava trabalhando, então me sentei e esperei. Ela só veio até a mim quando estava pronta para sair, trazia seu sorriso que me deixa zonzinho. E por todos os deuses, que mulher linda!

Sempre soube que existia uma beldade sob as roupas sóbrias, mas Robin ainda conseguiu me surpreender ao aparecer de vestido e bota. Cabelo desfiado e solto. É a primeira vez que o vejo solto. Sem maquiagem. A própria perfeição.

Gastei alguns minutos elogiando sua beleza, deixando-a sem graça e vermelha. Até que saímos.

O cinema era um pouco longe, então fomos no meu carro.

— Te levar para dar uma volta no carro que me ajudou a não perder.

— Não devia apostar suas coisas.

— Acho que nem foi pela aposta. Eu queria mesmo um motivo para perseguir a baixinha que me deu um banho de refrigerante. — Como ela não disse nada, mudei de assunto. — Posso colocar uma música?

— Claro.

— Gosta de que?

— Hoje ouvi Shivers dezessete vezes — diz sem jeito.

— E pelo jeito quer ouvir mais — brinco.

— Se puder.

— Você pode tudo quando estiver comigo.

Ligo o rádio e coloco a música.

Robin por alguns instantes até esqueceu de mim. Acompanhava a música com um sorriso tão doce que me dava vontade de mordê-la toda.

Até a parte que dizia:

***I n t o t h e c a r
O n t h e b a c k s e a t i n t h e M o o n l i t d a r k
W r a p m e u p b e t w e e n y o u r l e g s a n d a r m s***

***N o c a r r o
N o e s c u r o d o b a n c o d e t r á s , i l u m i n a d o s p e l a L u a
M e m a n t e n h a e n t r e s u a s p e r n a s e s e u s b r a ç o s***

Ela parou e arregalou os olhos.

Foi impossível não gargalhar com sua expressão.

— Relaxa. Não vou entender como um convite.

Vermelho é pouco para descrever a vergonha no seu rosto.

Para deixar o clima mais leve comecei a acompanhar a música também. Que, detalhe, deixei repetindo até chegar ao cinema. Afinal era perto e ela parecia na fase do “só mais uma”.

***I w a n n a b e t h a t g u y
I w a n n a k i s s y o u r e y e s
I w a n n a d r i n k t h a t s m i l e
I w a n n a f e e l l i k e I ' m
L i k e m y s o u l ' s o n f i r e***

*I wanna stay up all day and all night
Yeah, you got me singing like*

*Eu quero ser aquele cara
Eu quero beijar seus olhos
Eu quero beber aquele sorriso
Eu quero sentir como se
Como se minha alma estivesse pegando fogo
Eu quero ficar acordado o dia todo e a noite toda
Sim, você me faz cantar mais ou menos assim*

Enquanto acompanhava a letra, percebia que queria mesmo beijar seus olhos, ser aquele cara que a deixa vermelha, que lhe tira sorrisos e gemidos, claro.

Será que estou me apaixonando por essa baixinha?

CAPÍTULO 23

No cinema

Vitor

Deus como Robin fica linda toda curiosa com tudo no cinema. Escolhi algo leve, uma animação. É um bom começo já que não posso ir rápido demais. Sua risada é coisa mais linda.

Quando entramos comprei um monte de pipoca e refrigerante, para não ter o risco de precisar sair antes do filme terminar.

A loirinha se empolgava com as coisas em 3D, e amou a pipoca. Literalmente assisti mais a ela que ao filme. Eu poderia assisti-la por horas.

— Gostou? — pergunto enquanto íamos em direção a saída da sala do cinema.

— Foi lindo! Engraçado e emocionante.

— Realmente — respondo a encarando.

Ela fica sem jeito com meu olhar e disfarça olhando os posters nas paredes.

— Hoje você não me achou uma raça ruim então... — provoco. Quero muito beijar esses lábios perfeitos, entre outras coisas.

— O que? — pergunta. Me parece um pouco perdida outra vez. Em vários momentos Robin me parece não saber como agir.

Dou de ombros.

— Esquece. Cedo demais.

Ela olha as próprias mãos. É quando percebo que estamos parados.

— Posso te fazer uma pergunta? — diz sem me olhar.

— Até duas.

— É verdade que é obrigatório as pessoas se beijarem no cinema?

— O que? — ri, o que a deixou vermelhinha.

— É que a Jean disse. E olhei ao redor e todos estavam se beijando. Tirando as famílias com crianças. Eu deveria ter te beijado?

— Venha cá.

A puxo de volta para dentro da sala de cinema.

A segurança até tenta nos barrar, mas digo que esqueci minha carteira. Ele não impõem resistência já que ainda tem gente saindo.

Puxo Robin até a frente da tela e a puxo para mim segurando sua cintura.

Ela arregala seus olhos bonitos.

Foi ela quem provocou. Eu não queria avançar assim, mas não sou de ferro.

Provo novamente dos seus lábios, sentindo meu corpo todo reagir. Se as pessoas estão nos olhando? Nem faço ideia.

Só quando o ar se faz necessário é que a afasto e digo:

— A resposta é que não é obrigatório.

— Então por que me beijou?

— Sempre que te vejo eu quero te beijar. Não pode me culpar por isso.

Sem palavras. Foi assim que ela ficou. Voltamos para o carro em silêncio. Só que antes de o colocar em movimento, decidi quebrar o clima estranho.

— Ficou chateada por eu te beijar?

— Não.

— Gostou que eu te beijei?

— Eu não sei.

— Só diga. Não haverá julgamento. Mas também não vou desistir. Se disser que não gostou, melhora no próximo.

Sabia que ela sorria.

— Eu gostei muito. — E lá se foi o sorriso. — O problema é que quando se espera muito tem mais a perder.

— Pode esperar o mundo de mim, baixinha. J uro que te dou.

— O que você viu em mim, Vitor? J áouvi que você só me vê como um desafio, que depois que conseguir transar comigo vai esquecer e me chutar.

— Seria um cínico se dissesse que não quero foder a cada vez que te vejo, mas esse não é o único motivo para estarmos aqui. Eu gosto do que vejo quando estamos juntos. Gosto do seu sorriso,

de quando fica vermelha, da sua energia... não sei. De tudo em você. Quem mandou esbarrar em mim?

— Confesso que também gosto de ficar com você, até dos seus beijos selvagens. Mas não gosto de sexo, Vitor. Não posso dizer que terá isso comigo. E se isso render e eu acabar fazendo, será só para não te decepcionar.

Tive que parar o carro. Preciso olhar em seus olhos.

Ela me olha assustada. Sempre assustada essa coelhinha.

— É impossível não gostar de sexo. Eu te prometo que quando fizermos será por você e não por mim.

Sem dar tempo de resposta, volto a dirigir. Dessa vez nenhuma música no carro. Só o som do meu corpo desejando essa mulher.

Comprando um celular

Vitor

Ao chegar ao campus, entro com ela. Andamos de mãos dadas e em silêncio. Está tarde, quase ninguém circula pelo lugar.

— Você tem celular, loirinha? — pergunto assim que chegamos a entrada do alojamento. Nunca a vi com celular, apenas com fones no dia em que esbarramos.

Ela balança a cabeça negativamente e responde:

— Não. Vou juntar dinheiro para ter nos próximos meses. Para falar comigo terá que ser do jeito tradicional, indo até onde estou.

— Vou pensar no seu caso. — Seu sorriso tímido me faz confessar. — Eu não quero ir agora.

— Está tarde e amanhã eu trabalho e estudo. Mas confesso que ficaria aqui sem ver o tempo passar. Custo a acreditar que a presença de um homem me faça sentir assim.

— Espero ser esse homem? — brinco.

Ela sorri.

— Não vejo outro.

— Posso te dar um beijo de boa noite ou é demais?

Como resposta, ela se aproxima.

Eu que não sou besta, avanço em seus lábios com toda minha fome.

No começo ela se assusta um pouco, mas logo está completamente entregue. Ela nem parece perceber como me deixa. Simplesmente me deixa tomar os seus lábios com paixão.

— Boa noite, moreninha! — sussurro ao seu ouvido antes de finalmente desfazer o abraço. Eu queria mesmo levá-la ao meu apartamento e nem guindaste me tiraria dela.

— Boa noite!

Ela é tão transparente. Fica meio perdida, sem saber se entra ou não. Como não quero que fique cansada no trabalho, digo:

— Vou esperar você entrar.

E é o que faço.

Assim que ela some atrás da porta, volto para casa. Onde chego e encontro Maristela e Hanna quase transando no sofá.

— Vão para o quarto — reclamo. — Quando sou eu ouço o dia todo sobre as regras do apartamento.

Claro que eu não ligava para o carinho das duas, que finalmente estão namorando, só queria zoar mesmo, e Maristela sabe.

— Como foi o encontro? — pergunta sentando direito e ignorando meu comentário.

— Melhor impossí vel.

— Eita! J á comeu a garota? — faz cara de espantada. Depois dá de ombros. — Claro. Até parece que Vitor Rodrigues iria apenas ter um encontro de adolescentes.

— Cala a boca, Maristela. E saiba que não comi ninguém. Não fale assim da Robin.

— J á não está mais aqui quem falou.

Vou até a cozinha, pego uma cerveja e volto.

— Maristela, que tipo de celular mulher gosta? — pergunto.

— Já chegou na fase de presentes com a namoradinha? — ela brinca.

— Ela ainda não é minha namorada.

— E já pediu presentes? — Hanna se mete. — Cuidado com golpe.

— Ela não me pediu nada. Eu é que preciso com urgência que aquela garota tenha um telefone. Não vou esperar ela juntar dinheiro por meses até ter um se posso comprar hoje.

— Melhor comprar amanhã. Está muito tarde.

— Vai ajudar ou não, sua chata?

— Claro. Se quiser, vamos ao shopping depois da aula e compramos. Te ajudo a escolher um lindo.

Perfeito!

Combinamos, converso um pouco mais com elas e depois vou para o meu quarto ler um pouco e deixar as duas namorarem um pouco mais no sofá.

**

Só depois de passar em várias lojas com Maristela, que ela me deixou escolher o telefone. Sabia que se eu comprasse a deixaria ali.

Enquanto a via escolher roupas e acessórios, pensei em comprar algo para Robin, mas desisti. Eu quero que ela venha comigo quando for fazer isso. Aposto que vou adorar ver a cena.

Finalmente na frente de vários modelos que ela selecionou, escolho o mais pequeno e prateado. Se parece com minha baixinha.

Minha baixinha? Será mesmo que é para tanto?

Pago pelo aparelho e sou obrigado a levar minha prima para tomar um sorvete.

— Você não tem namorada, não? — resmungo.

Ela apenas ri. Não muda de ideia. E como seu primo escravo tenho que obedecer.

Que dia longo!

Meu primeiro presente

Robin

Estava quase dormindo quando uma aluna bateu na porta e avisou que Vitor estava na entrada. Só coloquei meu casaco sai.

Ele estava tão lindo como sempre. Jaqueta preta de couro, jeans escuro. O sorriso bobo que nasceu em meu rosto foi instantâneo.

— Oi! — é a única coisa que vem a minha cabeça para dizer

— Oi! Podemos dar uma volta pelo campus?

Tentei ver em sua expressão se era um convite para um passeio ou para dizer que cansou da brincadeira comigo. Sem sucesso. Não sei ler as pessoas.

— Sim.

Para alívio do meu coração, ele segura a minha mão e me guia caminhando devagar.

Eu juro que não queria me sentir tão dependente desse homem que mal conheço e que não faz a mínima ideia de quem sou, mas acho que não tenho escolha.

Caminhamos até um banco de madeira em um lugar iluminado e nos sentamos.

Ele coloca a sacola que carregava em meu colo e diz:

— Para você. Não terá mais desculpas.

— O que é? Chocolate? — Acho que estou viciada em chocolate.

— Não, formiguinha. Abre.

Abri a sacola e encontrei uma caixinha com um celular

— Um celular? Por que?

— Não é assim que se agradece. Deixa eu te ensinar. Você diz: Que lindo, Vitor. Você é o melhor futuro namorado do mundo, vou te ligar toda noite antes de dormir só para dizer boa noite.

É impossível vel não rir da sua imitação de voz feminina.

— É lindo sim. Eu só não sei como reagir. Não posso te dar nada tão caro.

— Um sorriso seu vale mais que duzentos celulares desse. Só aceita e diz que meu número será o primeiro a ser gravado.

— Tudo bem. Mas com a condição de que se em algum momento, seja qual for o motivo, a gente não estiver mais junto, você vai pegar de volta. Combinado?

— Se quer assim. Por mim combinado. Nunca pretendo te deixar ir mesmo.

— Você ainda nem me conhece. Pode vir a mudar de ideia.

— Ei, cadê o sorriso para pagar o celular?

Forcei a verdade a voltar para a gaveta e sorri para ele.

Ficamos um bom tempo mexendo no aparelho.

Depois que ele me deixou no quarto, recebi sua mensagem.

“Sonhe comigo, baixinha.”

Sorrindo, respondi:

“Vou sonhar. Obrigada, Vitor. Você não sabe o quanto me faz bem seus menores gestos de carinho. Você está me ensinando a acreditar.”

Veio outra mensagem, dessa vem em tom sério:

“Quando quiser conversar, sobre qualquer coisa que tenha te machucado, estarei aqui por você.”

Não hoje. Não estou pronta.

**

Os dias passaram rápido. Recebi meu primeiro salário e já não vejo a hora de receber o próximo. Tenho planos de comprar roupas novas.

Vitor parece não se importar com meu estilo, mas eu gostei muito de usar o vestido de Jean quando fomos ao cinema. Quero me sentir bonita daquela forma todo dia e vou comprar roupas para isso.

Vitor tenta me ver todos os dias, mas quando as coisas apertam nos falamos pelo celular.

Cada beijo dele me leva a começar a acreditar que o que vivi é uma exceção, não regra. Eu posso gostar do beijo de alguém, e como posso, talvez até goste de sexo com outra pessoa. Penso nisso toda vez que ele me beija com força me amassando toda e me deixando zozza.

Cheguei até a me esquecer que ainda estávamos em um período de aposta.

O fim da nossa aposta

Robin

— Hoje faz um mês. É hora de me dizer sim.

Vitor está sentado com sua prima e seus amigos. Já me acostumei com a presença deles na lanchonete. Não esqueci que a primeira vez que o vi com eles tive ciúmes da sua prima.

— Achei que tinha esquecido.

— Consegui te mostrar que sou um cara legal?

— Sim.

— Então diga sim ao meu pedido de namoro. Se não disser vou subir nessa mesa e fazer uma declaração que vai te deixar da cor de um tomate.

— Já está me deixando dessa cor

— Diga.

— Sim, Vitor.

As pessoas na mesa bateram palmas.

— Eu sabia. Não se atreva a se casar antes de mim. — Paul disse zoadando. Eu já sei o nome de todos na turma deles. Vitor fala muito deles.

— Podem comemorar no show de amanhã. Entrada grátis para todos. — O nome da minha amiga me veio a cabeça e antes que eu pudesse dizer algo, ele continuou: — Pode levar quem quiser, moreninha.

— Obrigada!

Não tenho muita intimidade com eles. Apesar de estar com Vitor, não faço parte da turma dele.

— Amanhã é sábado. Você tem um tempinho para umas compras? — Maristela me pergunta.

Sem chance. Meu dinheiro suado não vai dar para comprar nem uma blusa nos lugares que ela frequenta.

— Se eu puder escolher onde será as compras.

— Oba! Vou adorar.

— Não exagerem. Também quero levar minha namorada para fazer compras um dia desses. — Vitor diz. Já estou vermelha ao extremo.

— I gual nos clichês.

— Paul, se continuar viadinho assim sua mulher vai te deixar.

— Ela ama esse meu lado romântico. Você que vai perder a moreninha se for um ogro.

— Tenho que servir mesas. Nos falamos sobre amanhã, Maristela.

— Não ganho um beijo de despedida.

— Estou trabalhando. — Saio quase correndo. Vitor tem vício em me deixar sem jeito.

**

— Amiga, você tem planos para sábado à noite? — pergunto assim que vejo Jean.

— Tenho — diz acabando com minhas ideias.

— Hum! Que pena! Queria que fosse comigo a um show dos amigos do Vitor, comemorar meu namoro oficial.

— Então, são exatamente esses meus planos — responde sorrindo e me enchendo de alegria.

— Sua boba! Então, amanhã a prima dele quer fazer compras de roupas para usar. Pensei em levar ela no bazar daquela sua amiga.

— Ótima ideia. Não precisa ir em shoppings só porque esse pessoal é cheio de dinheiro. A Penelope mesmo não mudou por causa do Nick, mesmo ele sendo cheio de grana e andando com a turma do seu namorado.

— O que? Nick é o namorado dela? — Só agora que associei as coisas. Já tinha ouvido o nome na boca de Penelope, mas não cheguei a ouvir o nome dela na boca dele.

— Não sabe? Achei que tivesse te contado. O Nick que anda com o Vitor é o mesmo Nick que namora a dona do bazar.

Eu devia ter ligado os pontos. Os nomes, ambos envolvidos com música. É, estou tão envolvida com Vitor que algumas coisas estão me passando despercebida.

Com tudo combinado, esperamos Maristela e seguimos para nosso destino.

Chegamos ao bazar. E pelo jeito não era a primeira vez de Maristela aqui.

— Então era esse o lugar onde queria me trazer. — Ela sorri antes de se afastar da namorada e dar um abraço forte em Penelope. — Deus, Penelope, adoro esse lugar. Sempre encontro coisas únicas.

— Se adorasse passaria menos tempo nos shoppings — ela brinca. — Pelo que acabei de ouvir, só veio porque a Robin chamou.

Foi uma tarde muito agradável. Dessa vez fiz questão de escolher minha roupa sozinha e fui aprovada.

Para hoje à noite vamos de saia longa com fenda, bota de cano alto e blusa preta com mangas de renda. Adorei a imagem no espelho.

Logo as meninas também escolheram suas roupas e nos despedimos para nos encontrar logo mais.

CAPÍTULO 27

No bar

Robin

Vitor veio nos buscar em seu carro. Como sempre, sua beleza é demais para os meus olhos.

— Pelo menos um batom. Olha esse seu namorado gato. Ele merece tirar seu batom.

Vitor nos olha confuso.

— Ela está implicando porque não quero maquiagem.

— Você não precisa disso. — Recebo um selinho demorado.
— É gostosa por natureza.

— Muita melação! Podemos ir?

Jean se dá bem com qualquer pessoa. Queria ter sua facilidade de se enturmar.

Chegamos rápido ao lugar.

Nem precisei dizer que nunca estive em um lugar assim, se cinema era uma novidade, imagine um bar.

Vitor nos guiou até uma mesa onde estavam várias pessoas. Nick e Penelope, Paul e sua namorada, Maristela e Hanna e mais dois rapazes que devem ser da banda.

O barulho da música me incomodava um pouco.

— O que quer beber? — Vitor pergunta perto do meu ouvido.

Olhei as coisas do cardápio e decidi que é melhor beber água em casa. Muito caro.

Não queria que as pessoas ouvissem então peguei o celular no bolso e mandei uma mensagem.

“Eu não tenho dinheiro. Tem problema não beber nada?”

Ele lê, sorri e volta a falar no meu ouvido.

— Pode escolher qualquer coisa para você e sua amiga. Hoje eu pago. Você me compensa me levando para um passeio legal depois.

Mando outra mensagem.

“Legal e barato. Obrigada, Vitor. Talvez você ache bobagem algumas coisas que falo, mas é que não sei como ser uma namorada. Estou aprendendo com você.”

Ele volta ao meu ouvido, mas apenas o beija e depois diz:

— Pare de me provocar. Está me deixando assim. — Puxa minha mão, que estava em meu colo e coloca sobre o seu membro.
— Duríssimo. Com vontade de tirar toda sua inocência.

Puxo a mão. Meu rosto pega fogo. E ele ri.

— O que quer beber? — me viro para Jean. Preciso de algo para tirar meu pensamento do que acabou de acontecer. Apesar dos nossos beijos descontrolados, era a primeira vez que minha mão tocava Vitor em suas partes. E estou apavorada pelo breve sentimento que tive: desejo de ver como ele estava ali.

— O coquetel de frutas tropicais aqui é incrível. Vou querer um. — Jean responde.

— Também vou.

— Três. — Vitor também pede. — Estou dirigindo. E vocês?

Mal ouço eles fazendo os pedidos, ainda pensando no que o Vitor fez.

Durante todo o evento, Vitor sempre procurava um jeito de me tocar, seja segurando a mão, me abraçando ou mesmo em beijos em meu ombro e cabelo.

Até gostei do show. A banda canta bem e tem uma melodia que envolve. Eles cantaram músicas agitadas e músicas mais calmas.

No fim nem foi Vitor que pagou a conta, foi Paul. Segundo ele já estava abrindo caminho para ser o padrinho favorito dos nossos filhos.

Quando chegamos no campus, Jean desceu e ele me pediu para ficar um pouco mais.

— Me dê sua mão — fala depois de tirar o cinto e se virar em minha direção.

Estendo a mão e ele coloca uma pulseira.

— É tão linda! — olho o objeto onde tinha nossas iniciais.

Será que ele riria se eu dissesse que é o meu primeiro presente na vida? Tirando o celular, que também foi ele quem deu, até já ganhei algumas coisas, mas era para a casa. No meu aniversário só fazí amos um culto. Nada de presentes.

— É para todos saberem que você é minha.

— E que você é meu? — sai como uma pergunta.

— Sempre, minha baixinha.

Não faço ideia de onde tiro coragem, mas destravo o cinto e o puxo para um beijo.

— Você me faz tão bem, Vitor. Prometo que vou ser a melhor namorada.

— Você já é.

Acho que estou me apaixonado

Vitor

Não sei exatamente quando aconteceu. Se foi no banho de refrigerante, se foi no beijo, se foi uma mistura de cada momento. O que sei é que estou apaixonado, literalmente de quatro por aquela baixinha.

Quero comprar tudo que me faz lembrar dela. Quero levá-la para todo lugar onde estiver. Estou fodido. E sem foder há séculos. Desde que começamos nossa aposta.

Preciso dar um jeito de mostrar a essa mulher que sexo não é um bicho de sete cabeças. Quando ela sentir tudo que tenho a oferecer sei que nunca mais vai querer sair de cima do meu pau.

Mais uma vez estou levando ela do trabalho para o campus.

Vejo a árvore onde nos beijamos pela primeira vez.

— Venha comigo — chamo, já a puxando pela mão.

Vamos até a árvore e a pressiono contra o tronco, procurando seus lábios com sede.

Ela resiste.

— As pessoas estão olhando.

— Que olhem. — Aperto sua cintura. E aspiro seu perfume segurando a vontade de morder seu pescoço e marcá-la como um personagem de um filme fantasioso.

— Vitor! — ela me empurra, o que não faz muita diferença, a diferença entre meu físico e o dessa baixinha é muito grande.

— Você é muito fraquinha, amor. Vamos ter que treinar isso. Não quero te quebrar quando estivermos na cama.

— Pode me ensinar alguns golpes? — pergunta animada. Por um momento chega a esquecer que está nos braços de um homem de pau duro. Isso me mata em Robin.

— Posso. Se não se importa em treinar com um cara excitado. Porque você sempre me deixa assim. — Roço meu pau nela.

— Minha nossa! Você só pensa nisso?

— Acho que sim. — Rio.

— Vou fingir que não estou ouvindo. Quando podemos treinar?

— Podemos treinar um pouco agora. A academia fica vazia depois do horário de aulas e eu tenho a chave.

— Mas acabei de sair do trabalho, estou suada.

— E deve suar mais, então relaxa.

— Promete que não vai fazer nenhuma gracinha.

— Não posso prometer nada. — A puxo pela mão e vamos até a academia do campus. Como imaginei, estava fechada, mas eu

sabia onde ficava a chave e peguei.

Como não prometi nada a Robin, nosso treino foi com muitos beijos e tesão. Eu sei que ela está com a boceta pulsando por mim, sempre fica, mas nunca cede.

No fim, combinamos de treinar um pouco depois do trabalho dela todos os dias. Ela não conseguiu me derrubar ou imobilizar nenhuma vez, mas estava muito empolgada em aprender. E claro que eu estava empolgado em fazer algo que me deixasse roçando seu corpo gostoso.

E seguimos assim. Nossos beijos estão cada dia mais quentes, porém sempre que minha mão se atreve a tocar uma parte mais íntima, ela foge e diz que ainda não está pronta para isso. Cheguei a perguntar se ela era virgem. Ela disse que não, só queria se sentir mais segura para dar esse passo.

Acho que até lá eu enlouqueço. Ou minhas bolas explodem.

O filme na casa dele

Robin

— Uau! Namorado rico? — Jean segura meu pulso e admira a pulseira. Esqueci que ainda não tinha mostrado a ela. É tanta correria.

— Eu aceitei o pedido de namoro de Vitor e ele é rico. Então sim. — Dou de ombros.

— Por isso essa pulseira de ouro branco cravejada de diamantes.

— Diamantes?

— Não sabia?

— Achei que era só uma pulseira bonita.

— É uma pulseira linda e caríssima. Deve valer uma casa pequena.

— Acho melhor devolver.

— Bobagem! Ele é cheio da grana. Nem liga para isso. Para ele é só uma pulseira bonita.

— Não sei. Vou conversar com ele. Não quero presentes muito caros. Ficaria feliz com uma pulseira comum.

— Você que sabe.

— Vai pedir alguma coisa, amiga. Já estão olhando. —
Qualquer parada e o gerente já acha que é corpo mole.

— Me traz um milkshake.

Enquanto anotava, meu celular vibra no bolso do uniforme.
Saio lendo uma mensagem de Vitor.

“Venha assistir um filme comigo em casa só nós dois.”

Guardo o celular sem responder.

Me lembro bem do que quase aconteceu quando estivemos
sozinhos no carro dele vendo estrelas. Não sei se estou pronta para
isso.

Mas também não posso fugir do meu namorado. Uma hora
ele vai querer transar. E eu posso escolher entre dizer sim ou não
esperar que ele não faça com outras.

Respondi que depois do trabalho iria tomar banho no
alojamento e depois iria até ele. Em resposta ele disse para mandar
mensagem que me buscaria.

**

Chego ao seu apartamento e não vejo nada de diferente.

— Senta. Vou fazer pipoca. Comprei alguns chocolates para
a minha chocólatra favorita.

Ao invés de me sentar, o segui até a cozinha.

— Quer me dizer alguma coisa ou só me contemplar? — diz sorrindo e procurando as coisas para fazer pipoca.

— Queria te perguntar uma coisa. É que não entendo muito de joias, achei que você tivesse me dado uma pulseira normal.

— É uma pulseira normal.

— Jean disse que é de ouro branco e diamantes. Que vale uma casa.

— Uma pulseira normal que vale uma casa.

— Eu não sei se posso andar por aí com uma casa no pulso. Vitor, meu salário mal dá para comprar coisas básicas. Se eu perder isso — balanço o braço. — Vou me sentir péssima.

— Espero que se sinta mesmo, mas pelo valor simbólico dela.

— Promete que não vai mais me dar coisas tão caras? Existem pulseiras lindas que não custam o valor de uma casa.

— Se te faz feliz. Prometo. Mas saiba que isso me magoa. Não é esforço algum comprar presentes para você. Eu gosto. Me faz feliz poder ver algo que eu ache bonito e comprar para você. E espero mudar essa sua opinião com o tempo.

— Não quero que fique triste.

— Então sente naquele sofá e vamos assistir “Uma linda mulher”. Acho que está na hora de conhecer alguns clichês.

Obedeço e me sento, logo ele senta comigo com uma vasilha cheia de pipoca que passamos a dividir.

**

Vitor me deixou ver o filme inteiro sem tentar nada. Mas quando acabou, nem vi seu movimento. De repente estava sob seu corpo, sendo beijada com voracidade.

Um de suas pernas entre as minhas se movimentando e me tirando a razão. Quando suas mãos desceram as alças da minha blusa não tentei impedir. Quando senti a pele das suas mãos em meus seios gemi. E ele rosnou feito um cão bravo.

Isso me faz acordar para o que estava fazendo.

— Não, Vitor. Eu não quero. — O empurro, mas ele nem se move.

— Eu estou vendo o quanto quer, Robin. Não resista — insiste e desce seus beijos até meu seio esquerdo.

Sinto a lambida e a pressão entre minhas pernas vem forte.

Eu sei que estou gostando. Só queria que ele aceitasse o meu não. Mesmo um não cheio de dúvidas. Só queria estar no controle da situação pelo menos uma vez na minha vida.

Ridiculamente começo a chorar

Um pouquinho do que quero te dar

Robin

Vitor congela sobre o meu corpo. Me encara sem acreditar

— Vitor, não insista mais, por favor — imploro. É a segunda vez que me perco ao ponto de acabar quase nua nos braços desse gigante tatuado.

— Por que não, morena? Te sinto toda excitada, então me diz um motivo para parar.

Só de pensar que posso não me sentir bem quando ele estiver dentro de mim me apavora.

— O motivo é que eu sei que vai me machucar.

— É virgem por acaso? — pergunta pela segunda vez, mesmo que não primeira vez eu tenha dito que não.

— Não.

— Meu pau é grande e grosso, mas prometo ir com carinho — ele brinca.

— Eu não posso.

— Não pode ou não quer?

— Qual faria você parar?

— Qualquer um que viesse com uma explicação.

— Tem algo sobre mim que preciso confessar, mas ainda não estou pronta para contar. Não estou pronta para que me olhe diferente ou até mesmo que deixe de gostar de mim.

— Eu não gosto de você. — Tenho consciência de como murchei com isso, mas fui renovada com suas próximas palavras. — Eu te amo. E nada no seu passado vai mudar isso. Mesmo que me confesse que era uma assassina. Desde que não seja crimes envolvendo crianças. Meus pais não permitiriam nossa relação.

Segurei a vontade de pular nos braços dele e chorar de alegria.

— Tem certeza que nada vergonhoso vai te fazer mudar de ideia?

— Absolutamente nada. Esperarei que esteja pronta para me contar e para ser minha. Mesmo que isso me deixe com as bolas doendo.

— Obrigada! Eu te amo muito. Nunca imaginei que amaria um homem em minha vida, mas amo.

— Por enquanto, que tal namorarmos um pouco mais? — até parece que esse meu namorado safado desistiria tão fácil. Só que depois do que ouvi, quero muito namorar um pouco mais.

— Pode ser — respondo.

— Confia em mim? — pergunta com seu sorriso perigoso.

— Sim. — E é verdade.

— Quero te mostrar um pouquinho do que está perdendo.

Mesmo com medo concordei.

Vitor simplesmente volta a me beijar, pressionando sua perna entre as minhas. Quando começo a gemer em seus braços desce uma mão e substitui a pressão da pernas pela dos seus dedos.

Ele abre minha calça e me toca, gemendo ao descobrir o quanto estou enxarcada.

— Que delí cia! Molhadinha. Deve ser tão doce quanto sua boca. — Suas palavras saem afetadas e eu estou perdida em um paraí so desconhecido, sem forças para recusar seu toque, e confesso que sem vontade de o fazer.

Sinto seu dedo escorregar para dentro de mim e agarro seus cabelos. Seus movimentos aceleram e simplesmente perco qualquer noção, reboło contra os seus dedos até sentir meu corpo todo contrair e ser envolvido por uma gostosa sensação de plenitude.

Nunca senti algo assim em toda minha vida. Mas sei o que é. Chama-se masturbar. L ique é algo comum que as pessoas fazem. Eu nunca fiz. E aquele homem muito menos. Ele apenas abria minhas pernas e se forçava para dentro. Muitas vezes era doloroso.

— Gostou desse pouquinho? — Vitor pergunta, evitando que lembranças ruins estraguem esse momento.

Balanço a cabeça.

— Sim.

Devo estar mais vermelha que um pimentão.

Ele tira os dedos e leva aos lábios, chupando um por um.

Por mim ficaria assim o resto da minha vida, embaixo do corpo desse homem, que ao contrário de me fazer sentir medo, apenas me deixa segura.

Sem pensar. O abraço com toda minha força.

— Obrigada por ser tão bom comigo. Prometo que vou me esforçar para merecer o seu carinho. Só me espere.

— Não sairei daqui — diz e logo me beija.

Conselhos dos pais

Vitor

Tem alguma coisa prendendo Robin. Ela não consegue ir até o fim na nossa relação. Sinceramente, se continuarmos assim vou acabar tendo problemas nos pulsos.

Sem saber o que fazer, decido buscar ajuda internacional.

Pela primeira vez na minha vida desde a minha primeira namorada, ligo para meu pai pedindo conselhos amorosos.

— Pai, como o senhor conquistou a mamãe? — pergunto depois dos cumprimentos.

— *Interessado em alguma garota?*

— Uma bem complicada. Vive dizendo não.

Meu pai riu muito. E o ouvi chamar minha mãe. “Will, vem cá dizer ao seu filho como te conquistei.”

Depois se vira para mim.

— *Igualzinho a sua mãe. Deve ser uma estratégia para amarrar o cara.*

— *Se estiver incomodado é só dizer que saio do caminho para mulheres mais fáceis* — ouvi minha mãe dizer e logo ela apareceu na frente da câmera. A saudade foi forte. Que vontade de

abraçar essa mulher e colocar minha cabeça no seu colo para receber seus cafunes tão gostosos.

— *Foi uma piada, pequena Will. Me ajude a aconselhar o seu filho.* — Papai tenta se justificar.

Mamãe senta no colo dele.

— *Querido, você sente o que quando ela diz não?* — me questiona.

— Que ela quer dizer sim. É como se algo a prendesse.

Ela ficou pensativa por um tempo.

— *Então ela certamente tem algo que a machucou no passado.*

— *Ela é virgem?* — Meu pai pergunta e leva um tapa da mamãe.

— *Não pergunte essas coisas ao seu filho.*

— *O que tem de mais?*

Ela bufa e resolve interromper a pequena discussão.

— Acho que não.

— *Só posso dizer que seja paciente. Quando conheci seu pai eu estava magoada porque um homem casado me iludiu por um longo tempo, ao ponto de ficarmos noivos. Aposto que ela viveu ou está vivendo algo que a impeça de acreditar no amor*

Eu quis dizer a minha mãe que não se tratava de amor, apenas sexo, mas não faria isso. Sinceramente nem sei mais se é só sexo mesmo. Por sexo eu não precisaria ficar abstinente por tanto tempo esperando uma mulher.

Meu pai começou a falar e quando vi já estávamos em chamada de vídeo há mais de trinta minutos. É saudade que chama, né?

Ouvi os conselhos dos dois e encerrei.

Será mesmo que ela tem um passado problemático? Ela disse que precisava confessar algo que talvez acabasse com nossa relação. E eu realmente senti que ela ia contra o próprio desejo. Não sou cego. Robin subia pelas paredes sempre que a tinha em meus braços. Até mesmo durante nossos treinos que se tornaram constantes. Sei que se forçar a barra ela se entrega, mas não é isso que quero, preciso que parta dela.

Qual será o problema?

Tanto faz. Seguirei o conselho da minha mãe. Eu a quero, serei paciente até que esteja pronta.

Só preciso dizer isso a ela, para que possa sempre se sentir segura da nossa relação. Ela precisa saber que, mesmo sem sexo, com ela não preciso de nenhuma outra. Só preciso da minha baixinha.

Não fugirei

Robin

A cada dia que passa meu namoro caminha mais para uma consumação sexual. Sei que estou sendo tola, talvez até infantil em evitar isso. Ainda mais depois do que aconteceu no sofá na casa de Vitor. Eu me senti tão bem com o seu toque. E quando o vi ainda excitado, quase perguntei se queria que eu fizesse algo para aliviar aquilo, quase, não tive coragem.

Venho pensado bastante em dar esse passo. Confio em Vitor, sei que ele é diferente daquele homem, é diferente de qualquer homem.

É isso, direi a ele que vamos dar esse passo.

Estava na biblioteca quando Vitor apareceu no exato momento em que decidi.

— Robin... — falou se sentando ao meu lado. Por um momento até me perguntei se ele estava falando comigo. Nunca me chamou assim, sempre de baixinha ou morena.

Viro para ele.

— Está me chamando assim porque vai terminar nosso namoro porque eu não consegui? — tento parecer em tom de

brincadeira, mas é em vão. Não acredito que ele vai desistir justo quando eu me decidi.

— De jeito nenhum. Te chamei assim porque quero que saiba o quanto é sério o que vou lhe dizer. — Eu o encaro curiosa, franzindo as sobrancelhas. — Eu posso e vou esperar. Não importa se é porque é virgem ou apenas ainda não confia em nós... independente do motivo, esperarei. Eu namoro com você toda, não só com a boceta.

Não acredito no que estou ouvindo. Nem me importei com os olhares de duas garotas ao nosso lado quando ele falou a palavra boceta.

É demais para mim.

Quando vejo já estou com os braços ao redor do seu corpo em um abraço apertado.

— Obrigada por ser tão incrível! Eu quero fazer isso no próximo fim de semana — declaro.

Ele ri. As pessoas nos olhavam, mas não podiam fazer nada. Apesar de tudo não estávamos fazendo barulho.

— Acabei de dizer que vou esperar, morena.

— Eu já estava decidida. E o que acabou de dizer fez eu ter certeza que fiz a escolha certa. Eu te amo, Vitor. E confio em você e no que sinto.

— Você é maluquinha, minha baixinha. — Brinca apertando o meu nariz.

— Vai desistir agora que me decidi? — o encaro em expectativa.

— Nem que o inferno congele, meu bem. Você será toda minha este fim de semana. Sem possibilidades de fuga.

— Não fugirei.

Ele começa a me puxar para a sessão de livros de contabilidade. É um lugar sem quase movimento. Onde confesso que já nos beijamos várias vezes. E é exatamente esse o propósito. Ficamos ali entregues a beijos famintos até a aula começar. Apesar de alunos nos virem e saberem nossa intenção, nenhum nos dedurou, afinal se o fizessem teria mais vigilância no lugar, e não éramos os únicos a usar como ponto de encontro. Já vi vários aqui.

E mesmo que alguém nos mandasse sair, o importante é que eu amo esse homem e serei dele... com ou sem medo.

Quase cancelado

Robin

Ainda é quinta e já não tem nenhuma unha nos meus dedos. Estou com medo de não gostar. Tive nojo durante anos do único homem em minha vida. E se eu tiver nojo de Vitor também? Me sinto tão bem namorando ele. Mas sei que se nunca der esse passo vamos acabar nos separando ou ele vai procurar em outras o que afirma não ter desde que começamos a namorar.

— Está sangrando, Rob. — Jean puxa minha mão que levo a boca outra vez. Estamos no quarto conversando sobre tudo e nada ao mesmo tempo. — Que nervosismo é esse? Nem estamos em época de provas.

— Eu disse ao Vitor que vamos fazer sexo sábado. — Dou uma pausa para o seu “o que?” indignado e empolgado. — Agora não sei se estou pronta.

— Vai ser a sua primeira vez?

— Não, mas é complicado.

— Nada é complicado. Nós é que complicamos. Você namora um cara lindo e gostoso que desde que fez aquela aposta não vejo com outra. Todas estão te odiando, até eu às vezes.

— Obrigada por ser minha amiga.

— Isso não é algo para agradecer, bobinha. Acontece naturalmente. Agora, como sua amiga, preciso te ajudar a melhorar a forma que fala senão o pau do seu boy nem vai subir. Nada de fazer sexo, tá bom. Vocês vão foder, trepar, até transar.

É impossível vel não rir

Jean continuou falando coisas que me deixaram boquiaberta. E acabamos dormindo sem nem perceber. Quando acordamos estávamos ambas doloridas por dividirmos uma cama de solteiro. E ao olhar para o lado vejo que minha colega outra vez não dormiu no quarto.

**

Estou usando luvas. Sim. É a única forma de não roer os dedos já que as unhas estão quase no fim.

Estava saindo do trabalho quando encontrei Vitor me esperando encostado no seu carro. A visão mais perfeita que se pode ter. Uma camisa branca que deixa parte da sua tatuagem exposta e jeans, além do sorriso que tira as forças das minhas pernas.

Me seguro para não correr em sua direção.

— Oi — falo assim que paro na sua frente.

— Oi — ele responde sorrindo. — Vamos. Te levarei hoje.

Ele já fez isso. Deixa o carro estacionando na frente da lanchonete e me leva até o campus.

Quando começo a caminhar ele puxa minha cintura e me beija.

Deixo um suspiro escapar ao fim do beijo.

Ele segura a minha mão e andamos juntos.

Estávamos dentro do campus quando ele diz:

— Baixinha, vamos ter que adiar a nossa noite. Eu...

Paralisei. As palavras saíram da minha boca antes que eu pudesse sequer pensar.

— O que? Fiz algo errado?

Ele se segura pelos ombros, na sua frente.

— Claro que não. É que meu primo Valentim vai chegar exatamente no sábado. Ele vai estudar aqui no ano que vem. E eu estarei formado. Ele vai ficar com o apartamento depois que eu sair. Não quero te levar para um motel.

— Eu nunca estive em um motel — comento mais para mim.

— Depois te levo. Não na nossa primeira vez.

— É só por isso mesmo?

— Claro. Tudo que mais quero é você nua ao meu dispor.

— Está bem. Vou aproveitar a folga e estudar.

— Eu vou ver outro lugar e preparar tudo o mais rápido possível. Sem chances de te deixar escapar

— Nem pensei em fugir.

Aquele sábado

Robin

Sábado chegou. Como não teria mais nada especial para fazer, acordei tarde. Na verdade só acordei com alguém espancando a porta do quarto.

— Que foi? — pergunto após abrir. Nem sinal da minha colega de quarto na cama dela. Também, quase não a vejo.

— Seu namorado está enlouquecendo todo mundo na entrada. Resolve isso. — Uma das meninas do dormitório fala e sai, me deixando atordoada.

J ogo sobretudo que ele me deu sobre a roupa e vou até a porta do dormitório.

— Vitor, o que houve? — questiono, preocupada com todo o escândalo.

— Vim te buscar para um fim de semana romântico. — Sorri como se não tivesse feito nada de mais.

— Mas você disse...

— Mudei de ideia. Meu primo chegou ontem a noite, saiu com minha prima e ainda nem voltaram.

— Eles podem voltar.

— Por isso aluguei um lugarzinho bem charmoso. Existem aplicativos que alugam essas coisas, sabia? Eu descobri enquanto amaldiçoava aqueles dois por atrapalhar meus planos.

— Preciso me trocar Acabei de acordar.

— Vamos assim. Você está linda. E não pretendo deixar que fique vestida por muito tempo.

Tive um momento de indecisão que culminou em Vitor me puxando pela mão e me colocando em seu carro. Ele dirigiu por quase uma hora e chegamos a um lugar charmoso como em ilustrações e quadros de paisagem. Em nada se parece com a agitação de New York.

Entramos em um chalé de madeira onde há uma lareira, uma cama, uma banheira protegida apenas por um vidro, uma pequena cozinha. Tudo em uma mistura de madeira e branco.

— Nossa! Nunca vi nada tão lindo.

— Você vê algo mais perfeito todos os dias: eu. — Vitor diz ao meu ouvido, depois de agarrar minha cintura. — Vai se instalando que vou buscar nossa comida no carro.

Pelo jeito ele pensou em tudo, enquanto eu apenas trouxe o celular por estar no bolso do casaco.

— Quer ajuda?

— Não precisa. — Ele levanta meu cabelo e dá um beijo em meu pescoço, gesto que me afeta de imediato.

Em poucos minutos, Vitor vai até o carro e volta com algumas sacolas.

Estava arrumando as coisas com ele, quando de repente...

— Ahhh! Vitor, o que está fazendo?

Ele me pegou no colo e está caminhando em direção a cama.

— Chega de esperar.

Sou jogada na cama.

Ele vem por cima de mim. E as malditas imagens forçam passagem. Fecho os olhos com força tentando espantá-las.

— Tudo bem? — pergunta parando pouco antes de me beijar.

— Está mais tensa que o normal. Não precisa fazer nada que não queira.

De jeito nenhum que vou deixar aquele homem me perseguir. Eu estou livre. Ele nunca vai me encontrar. E se tenho a chance de viver algo tão bom preciso aproveitar.

— Eu quero. Continua. — Respondo quase sem voz.

Mas Vitor continua sério.

— Robin, posso te perguntar uma coisa? — balanço a cabeça e ele continua. — Você teve uma experiência ruim com algum homem?

Viro a cabeça para o lado. Não quero encará-lo e dizer que tive várias durante anos com o mesmo homem.

Ele me faz voltar a encará-lo.

— I ssoresponde. Eu não vou deixar você sair daqui sem saber o que é ser amada de verdade. Prometo.

Dizendo isso, ele volta ao que estava fazendo antes e seus lábios exigem os meus.

Nossa primeira vez

Robin

Me deixo levar pelo seu beijo enquanto luto com memórias dolorosas. Uma mistura de medo e desejo me faz mal ver os momentos em que ficamos nus. Só sinto meu corpo todo entregue a reações que nunca imaginei sequer existir.

Vitor se afasta, com um sorriso satisfeito. Completamente lindo nu. Sinto meu rosto queimar, como se o fato dele se afastar me mostrar o que estávamos fazendo há pouco. Eu estou nua diante desse homem, esperando que venha e me faça sua.

Vejo quando ele coloca o preservativo. Penso que virá com tudo, mas não. Vitor se ocupa de beijar minhas pernas, minha barriga, minha intimidade, meus seios, de forma tão suave e provocante que me vejo implorando por ele. Ai sim o sinto me invadir. Nunca imaginei que sentiria prazer com um homem dentro de mim, é só isso que sinto, prazer. De tal forma que sinto vontade de chorar.

— Nossa, amor. Esse encaixe perfeito — diz antes de beijar o meu pescoço e descer para o vale entre meus seios. Quando penso que vai sugá-los, ele levanta parcialmente para me encarar.

Vitor apoia o corpo e não desvia o olhar em nenhum momento enquanto se move dentro de mim. Um vai e vem lento e provocante que logo se torna rápido, que faz sons vergonhosos saírem dos nossos corpos e lábios.

Ele geme sobre mim e eu embaixo dele. Preciso desesperadamente alcançar algo que nunca provei.

De repente ele para, me causando um resmungo de frustração, que lhe causa um riso.

— Quero te ver mais. Fica por cima — diz.

Obedeço. Ele sai de mim e invertemos as posições. Fico sobre ele, as pernas ao redor de seus quadris, e o encaixo em minha entrada.

Um gemido escapa dos meus lábios. E fico feliz por ver que também sai da boca dele.

Mesmo sem ele pedir começo a me mover para cima e para baixo. Às vezes seu membro saía e eu, ansiosa, o colocava de volta.

As mãos dele em minha cintura me guiam até deixar esse lugar para esmagar meus seios.

Eu fico completamente louca a cada movimento, principalmente quando ele desce a mão e me toca em um lugar tão sensível. Subo e desço cada vez mais rápido. Ele não para de tocar, eu não paro de subir e descer.

Algo vem. E eu não sei o que é. Não sei se é bom ou ruim, só sei que gosto. E quando chega, eu perco as forças e grito.

— VI TOR!

Caio sobre o seu corpo, sentindo o meu como nunca senti.

Ele acaricia meus cabelos. Em um carinho que me faz chorar.

— Eu gritei. Me desculpe. Nunca senti nada assim — digo sem o olhar.

— Adorei te ouvir gritar meu nome. Pode gritar quando quiser.

— E você, você...

— Estou bem. No paraí sopra ser mais exato. Só esperando você ficar pronta para um segundo round.

— Podemos fazer de novo?

— Claro que podemos. Esse parquinho é todo seu. Hoje vamos experimentar o máximo de posições que conseguirmos.

— Eu estou pronta.

Paraíso entre suas pernas

Vitor

Acordo e a primeira reação é buscar o corpo de Robin. Só encontro o seu lado na cama vazio. Olho para onde fica a cozinha e fico duro. Ela está com a minha camisa, concentrada em algo no balcão.

Devagar levanto da cama e vou até ela. Meu pau doido para escapar da cueca que vesti a noite.

Agarro sua cintura e enfio meu rosto em seu pescoço.

— Que susto!

— Que visão incrível de se ter logo de manhã. — Desço minhas mãos e subo a camisa, descobrindo uma Robin sem calcinha. — Que delícia! Quero foder no café da manhã. Enfio a mão entre suas pernas e sinto a boceta que tanto desejo. Meu trabalho agora é deixá-la molhadinha.

Eu sei que ela não toma remédios, ao mesmo tempo acho uma distância longa demais ir até a gaveta pegar uma camisinha. Por sorte minha carteira está sobre o balcão e sempre tem uma nela.

Com Robin de costas para mim, desço a cueca e coloco o preservativo. Ela rebola contra meu pau, do seu jeito doce e sem

vergonha de quem não sabe o que está fazendo, e só quer fazer.

— Pronta pra mim? — a sinto molhar meus dedos quando a toco. Não resisto e me abaixo por trás do seu corpo. — Preciso muito disso, amor.

Vejo ela segurar com força no balcão quando minha boca toca sua boceta. Abro suas pernas e arreganho sua boceta. Passo a línguano clitóris sentindo ela estremecer. Ai já era. A chupo como a mais doce das frutas. Castigo seu clitóris com lambidas e chupadas. Para ela aprender a deixar de ser tão gostosa.

Robin começa a gritar meu nome e chamar a Deus. Porra! Quando eu ensinar essa delícia a xingar na foda estarei perdido.

Ela estremece toda, ficando mole. E sei que acabou de passar por um orgasmo. Beijo seus lábios dividindo com ela o seu sabor delicioso.

A pego e coloco sentada sobre a mesa.

— É sempre assim? — pergunta com seus olhos brilhando.
— É sempre tão bom?

— Quando se tem essa nossa conexão a tendência é sempre melhorar. Ainda vou te apresentar a orgasmos múltiplos.

— Mal dou conta de um por vez.

— Abre as pernas para mim, amor. E vou te dar outro.

— Pode ser daquele jeito? — pergunta ficando tão vermelha quanto o tomate que cortava antes.

— Do jeito que quiser. Mas a qual se refere?

— Quando você estava atrás de mim, eu quis... — conseguiu ficar ainda mais vermelha.

— Vou adorar.

A ajudo a descer e empurro contra o balcão. Se mais nada, a invado todinha. Ela se curva com a surpresa me deixando entrar mais.

Fico parado dentro dela.

— Esse pau é todo seu, amor. Assim como o dono dele.

J á sabia que foder com Robin seria perfeito. Só não esperava me tornar um viciado.

Eu sou a porra de um perdido porque essa mulher me tem nas mãos.

Garoto novo na cidade

Valentim

Cheguei um dia antes do planejado. Diferente do meu primo, não tenho nenhuma superstição em viajar de jatinho. Estou muito empolgado com minha temporada em Nova Iorque.

Meus planos incluem beber e curtir todos os dias com meu primo. Planos todos no chão ao encontrar um cara apaixonado, literalmente de quatro por uma mulher.

Já sabia que ele estava namorando, mas pensei que ainda podia se divertir. Parece que não. A cada dez palavras que ele fala, cinco é Robin e as outras cinco ficam entre minha baixinha e minha morena.

— Prima, você também foi laçada ou podemos nos divertir?
— pergunto para Maristela depois que Vitor recusa o convite para sair.

— Só estava esperando o convite.

— E vai levar sua namorada? — Vitor provoca.

— Claro que vou. Preciso dela para quando meu irmãozinho decidir sair com uma das muitas que vão cair no colo dele.

— Que exagero! Mas pode levar. A Hanna é legal.

Conheci a namorada da minha irmã logo quando cheguei, elas foram me buscar no aeroporto. Era como se já nos conhecêssemos de tanto que Maristela me falou sobre ela. Até já havíamos conversado por chamada de vídeo.

— Eu deixei esse trabalho para fazer hoje porque achei que o folgado aí só chegaria amanhã. Quem mandou se adiantar?

— Faz amanhã.

— Sair com você é ressaca na certa. Duvido que eu consiga fazer algo esse fim de semana.

— Esquece o Vitor, irmão. Eu vou te levar para se divertir.

Desisto do meu primo e espero minha irmã se aprontar. Depois passamos no campus para pegar Hanna e seguimos para uma noite de diversão.

Chego ao bar e minha prima já me apresenta para uma turma. Pelo jeito ela frequenta muito esse bar. Conhece até a banda.

Quando ela some com Hanna, aproveito para me sentar um pouco no balcão. Quero observar melhor as opções para terminar a noite. Muitas já se ariscaram a falar comigo enquanto outras apenas investiam no olhar. Ter os genes do meu pai dá nisso. Não descartei nenhuma, até o fim da noite decido quem quero.

Uma garota loira para ao meu lado. Usa botas de cano alto, vestido preto e uma jaqueta por cima. Seu cabelo loiro é cheio e volumoso. Linda é a descrição certa.

Ela encosta no balcão e fica olhando as pessoas, da mesma forma que eu. Só que suga uma bebida colorida chamando minha atenção para os seus lábios e o prazer que poderia proporcionar.

Ela percebe que estou olhando e se vira para mim.

— Que tal sair daqui para fazer algo mais gostoso? — propõe de repente, sem rodeios.

Droga! J usto a mulher mais interessante do bar tinha que ser uma garota de programa.

— Desculpe, amor, adoraria te foder, mas não pago por sexo — respondo.

Ela ri tanto que engasga com a bebida.

— Falei alguma merda? — questiono confuso, enquanto pego guardanapo no balcão e entrego para que limpe a boca suja pela bebida que derramou.

— Não sou uma prostituta... — Tosse. — Eu é que costumo falar merda quando faço algo por impulso.

— O jeito como falou deu a entender... — Ri sem jeito e bagunço meus cabelos. — Me lembrou as prostitutas da ficção.

— Duvido que elas se vistam com jeans e camisa de time.

— Você não está vestindo assim.

— É. Saio tão pouco que às vezes esqueço o que vesti.

Garota estranha... mas gosto.

— Então, o convite...

— Só quero transar mesmo. I rpara um motel transar até cansar e depois fingir que nunca aconteceu.

— Topo — digo rápido, até demais. O que lhe causa um riso. Um riso que me parece um pouco nervoso. Deve ser impressão.

Claro que topo.

Só quando saímos do bar e entramos em um taxi foi que lembrei de mandar uma mensagem para minha irmã. Só falei que sai com uma garota.

Assim que entramos no motel não perdi tempo, fui logo agarrando a garota e experimentando seus lábios. Ela tira a jaqueta facilitando meu acesso a sua pele cheirosa.

— Não quer saber meu nome? — pergunto perto do seu ouvido enquanto minha mão abre o seu vestido e desce.

— Não — responde.

O vestido cai ao seus pés e tenho visão do seu corpo só de calcinha e sutiã.

E agora é a vez dela, vem para cima de mim, me ajudando a tirar a camisa e beijando meu peito.

— Loiro, você é muito gostoso — diz abrindo minha calça meio atrapalhada.

A ajuda e logo estávamos os dois nus, na cama. Essa mulher linda e cheirosa me faz ter certeza que fiz a escolha certa.

Nenhuma outra tinha esse poder de sedução somente por me olhar.

E nua então... Puta que pariu! Essa delícia vai sofrer na minha mão.

Missão de hoje: deixar ela com dificuldade para andar

Chá de pau na loirinha.

Surpresa!

Vitor

Entro de uma vez.

E... porra!

O grito foi tão alto que paralisei.

Estava longe de ser um grito de prazer.

Virgem? É isso mesmo? A mulher escolhe um cara na balada e não avisa que é virgem?

Tiro o foco da sensação maravilhosa para o meu pau e a encaro. Alguns fios dos seus cabelos estão grudados no rosto pelas nossas preliminares intensas. Os retiro e encaro seus olhos.

— Por que não disse que era virgem? Porra! Eu teria ido com menos força.

— Melhor rápido, como tirar um curativo — diz ainda com uma careta de dor. — Não vai parar agora.

Não acho que seja assim que tira um curativo.

— Garota, você é a mais louca que já conheci — falo antes de voltar a atenção ao que fazíamos.

Parar? Jamais. Essa boceta apertadinha vai conhecer meu pau por inteiro.

Confesso que não é a primeira virgem na minha cama. Não sou preconceituoso. Desde que a pessoa saiba o que está fazendo e não se apegue.

Os próximos momentos foi de dedicação total a fazer dessa experiência incrível para essa loirinha virgem e safada. Essa garota não tem medo nenhum de sentir.

Eu sei onde é o paraíso. É exatamente onde estou.

**

Desabamos, exaustos. Ficamos frente a frente só observando nossas respirações voltando ao normal depois de uma queda no princípio do orgasmo. O silêncio não é nada constrangedor.

Após alguns instantes, ela quebra o silêncio dizendo com um sorriso safado e meigo:

— Isso foi muito bom.

Não resisto e acabo dizendo:

— Os homens estão em falta em Nova Iorque? Acho estranho uma mulher linda e foda esperar chegar um forasteiro para perder a virgindade. Tem algum problema com você, não tem?

Ela ri.

— Eu pensei bem e decidi que é bem melhor com alguém que nunca vi e possivelmente nunca vou ver. E tenho certeza que jamais encontrarei um tão gato como você. Se um dia tiver filhas e

netas vou contar para elas a primeira vez inesquecí vel com um homem misterioso.

Devo dizer a ela que pretendo ficar na cidade? Melhor não. É possí vel que nem nos encontremos mais. Deixe que eu seja esse seu homem misterioso.

— Louaras a parte, espero que tenha sido bom para você. Porque para mim foi com foder no paraí so.

— Dói como um caralho, mas foi muito bom.

— Vai mesmo me deixar com uma única lembrança? Sem saber seu nome? Sem poder repetir? — Sinceramente, eu queria mais.

— Claro! Se me visse de camisa de time e jeans, descabelada por ter um monte de coisas pendentes, acabaria o encanto.

— Aposto que não.

— Deixa assim. Se tiver que ser, nos encontraremos novamente.

— Fazer o que? Consegue mais uma de despedida?

— Cara, eu vou precisar sentar amanhã.

— Não custa mendigar — brinco.

A gargalhada dela é linda. Ainda faz uma cara safada e diz:

— Que tal se responsabilizar por outra parte virgem?

Se ela estiver dizendo o que acho é porque morri e estou no paraí so mesmo.

— É isso mesmo que está pensando. Reage logo antes que eu perca a coragem.

Não esperei segundo convite.

**

Acordei sozinho no quarto de motel.

Droga!

Agora mesmo que perdi qualquer chance de mais uma noite com a loirinha foga. Eu devia ter pelo menos tirado uma foto dela, assim poderia ver se encontro.

Burro! Agora vai ficar só com as lembranças.

Viciado em você

Vitor

Abriu-se a porta do céu. E eu entrei. E ela fica entre as pernas de Robin.

Estou mais viciado na boceta dessa mulher que parece ser possí vel. É só ela abrir um sorriso que já fico de pau duro. É só ela ficar corada que já tiro a roupa.

Transamos tanto no carro que às vezes tenho a impressão que Charlotte vai me deixar na mão por ciúmes.

Demorou um pouco, mas consegui convencer Robin a dormir no apartamento. Ela é minha namorada e precisa entender que meus primos não mordem. Quero que sejam amigos. Todos sabem o que é sexo. Ela não precisa ter vergonha.

Agora mesmo essa deusa em forma de mulher está nua em meus braços, depois de foder até cansar.

— Você não usa crucifixo nem nada... — passo as pontas dos meus dedos pela pele desnuda do seu pescoço.

Adoro quando ela dorme comigo no sábado. Ficamos a manhã quase toda na cama, só namorando. Simplesmente porque nunca dormimos cedo. Agora mesmo é duas da madrugada,

acabamos de foder e já penso se teremos tempo para mais uma antes de o sono ser mais forte.

— Por que deveria? — questiona.

— Pelo seu jeito e as roupas que usa, eu jurava que era evangélica ou algo assim.

— Não acredito em deuses. Nunca acreditei.

Achei estranho a forma como falou, tem muita amargura.

— Então era só moda mesmo. — Tento deixar o ambiente mais leve.

— Eu me vestia daquela forma desde que me entendo por gente. Estava tão impregnado em mim que demorei para consegui me livrar. Mas está na minha lista de prioridades mudar ainda mais meu estilo. Quero muito usar um jeans e uma blusa bonita que mostre meus braços, vestidos, tudo que eu tiver direito.

Uma onda de ciúme vem e fica. Seguro a língua para não falar nada sobre modo de vestir. Nem se fossemos casados eu mandaria nessa questão.

— Por que diz que não acredita mais em deuses? — pergunto. Acho que esqueci que queria manter o clima leve.

Ela abre a boca para responder e um bocejo escapa. É claro, eu queria o que às duas horas da madrugada? Depois de passar a noite toda estudando com ela, consegui uma horinha para mim. Sim, nosso sábado não passamos só fodendo. Essa baixinha leva muito a sério suas notas perfeitas.

— Nenhum me ajudou quando precisei. Tive que escapar das armadilhas do mundo sozinha.

— Quer falar sobre essas armadilhas? — questiono.

— Quem sabe depois... Agora quero dormir. — Ela se acomoda em meus braços e entendo que acabou a conversa e a possibilidade de foder mais. Só que ao amanhecer estarei entre suas pernas. Pode apostar.

**

Menos de duas horas depois, acordo com Robin gritando e pedindo perdão por alguma coisa. Ela gritava “não me castigue. Pelo amor de Deus!”

— Robin... — a abraço. — Calma, amor. Foi só um pesadelo.

Ela tremia. Demorou para eu a convencer que foi apenas um pesadelo. Ainda assim ela permaneceu acordada.

— Robin... — chamo.

— Oi.

— Perdeu o sono?

— Acho que sim. Me desculpe por te acordar.

— Vem cá. — A aperto em meus braços e começo a acariciar seus cabelos. — Minha mãe gostava de cantar para me fazer dormir. Ela tem uma voz doce. Não eram canções de ninar. Ela cantava de acordo com o seu coração. Antes de eu vir para Nova Iorque ela cantou uma música que me marcou pela letra.

Ela ficou calada em meus braços. Comecei a cantar uma das músicas favoritas da minha mãe.

**Eu sei que às vezes dá vontade de parar
Mas, se você desistir, quem vai lutar por você?
Tanta luta pra chegar até aqui
Tanta história, pra agora desistir?
Caso aconteça, deixe o cansaço pra trás
E nunca se esqueça: Por aqui não há tarde demais
Então mire as estrelas e salte o mais alto que der
Tome distância, e faça o melhor que puder
Só não se permita viver na sombra do talvez
Aqui só se vive uma vez**

— A letra é linda, mas sua voz cantando é uma decepção —
brinca, me deixando feliz por estar melhor.

**Muitos medos vão tentar te segurar
Muitas vozes vão dizer que não vai dar..^[2]**

Não respondi. Continuei cantando até a sentir dormir em meus braços.

— Posso não ser cantor, mas deu certo, baixinha.

Foi a primeira noite em que cantei para ela. Robin se acostumou a dormir ouvindo minha voz desafinada antes.

O apartamento

Robin

Estou namorando há quase um mês. Se alguém um dia dissesse que eu viria para essa cidade e conheceria o amor, acho que riria da pessoa e mandaria ela enfiar esse tal amor onde achasse melhor. Agora não consigo me imaginar em uma vida em que Vitor não esteja. Estou dependente dele, mas gosto porque sinto que dependemos um do outro, sinto que isso é amor. E é por isso que tenho medo que ele descubra sobre o meu passado e tenha nojo de mim.

Fazer amor com ele — foder, como dizem — é completamente diferente do que aquele homem fazia. Vitor me faz sentir bem e desejar mais. Enquanto com aquele homem eu implorava ao universo para ser rápido. Ele mal me tocava, só abria as minhas pernas e fazia o que tinha que fazer. Vitor me toca tanto que acho que ele conhece cada célula minha pelo nome.

Quando eu imaginaria na minha vida que sexo era isso? Que eu poderia me sentir poderosa com um homem comigo?

Saio do trabalho e já vejo Vitor escorado no carro, como todos os dias desse tempo em que estamos juntos. O sorriso nasce instantaneamente.

A rotina que se segue sempre tira todo o cansaço do dia corrido. Primeiro um beijo de tirar o folego, depois ele abre a porta do carro, coloca meu cinto de segurança, fecha a porta, vai para o seu lado e se prepara para colocar o carro em movimento.

Dessa vez, antes de dar partida ele coloca uma caixinha de presente no meu colo.

— Pelo nosso um mês de namoro — diz.

— Vitor, é melhor não me dar mais presentes caros. Essa pulseira já me deixa apreensiva com a possibilidade de perder. — Encaro a caixa e depois a minha pulseira.

— O importante na pulseira não é o valor pago e sim o que representa. E esse presente é mais para nós dois. Abre.

Obedeço e encontro uma chave na pequena caixa.

— O que significa?

— É a chave do seu novo apartamento. Agora vamos poder foder em todos os cômodos sem que você fique com medo de sermos vistos. Você vai poder gritar tão alto quanto quiser.

— Você disse “seu”.

— O apartamento vai ficar no seu nome, mas é só um detalhe. A gente se ama. É natural morar juntos.

— Eu não posso te dar presentes desse tipo.

— Pode me dar presentes bem melhores. Vou te mostrar assim que chegarmos lá.

O apartamento é a cobertura de um prédio luxuoso.

— Ele foi mobiliado parcialmente com as coisas mais básicas. Você pode mobiliar como quiser. Acho que até podemos morar aqui depois que nos casarmos.

— Casar?

Tenho que resolver logo a questão do meu casamento.

— É. Não acho que vou encontrar alguém que eu ame tanto quanto você, então vou te amarrar logo.

— Antes de dar um passo assim, precisamos conversar.

— E vamos conversar sobre o que você quiser, mas não hoje. Já estamos atrasados.

— Atrasados para que?

— Quartos, sala, cozinha, banheiro, biblioteca e varanda. Temos que foder em todos esses lugares hoje.

— Na varanda as pessoas podem ver.

— Então lá só brincadeiras. Você ajoelha, eu ajoelho e os dois se dão bem.

Até tentei fazer ele desistir da ideia e conversar comigo, mas quem consegue pensar com esse homem provocando?

Quando finalmente se deu por satisfeito, eu já tinha perdido a coragem.

Sobre famílias

Vitor

Foi um tremendo passo comprar um apartamento? Claro que foi. Mas não me vejo mais acordando sem Robin comigo. Dormindo sem ser exausto de tanto dar prazer a essa baixinha. Amo demais essa morena. Pois é, não tem mais como mentir, eu a amo. Acho que a amei no momento em que a conheci, por isso nunca consegui deixar ela ir. Sempre aceitando qualquer pretexto para estar com ela.

Ela dorme no alojamento apenas uma vez por semana. Se dependesse de mim dormiria sempre no apartamento, mas ela tem medo de perder os benefícios da bolsa e não me deixa pagar suas mensalidades.

Robin é a pessoa mais doce e ingênua que já conheci. Ela deixa a pulseira no apartamento, só usa quando estamos juntos, tem medo de perder.

O que não significa que seja fraca ou covarde. Minha baixinha acorda todo dia muito cedo, estuda, vai para o trabalho, volta comigo para o apartamento e estuda mais, depois disso ainda tem força para foder a noite toda e repetir o processo no dia seguinte.

Queria poder aliviar seu dia a dia, mas ela não aceita nada.

Mas não vou desistir. Estou pensando em uma maneira infalível de convencer essa pequena a aceitar o que ofereço. Uma ideia que envolve alianças e um certo castelo em Paris. Vale a pena. Já sei que quero viver o resto da minha vida ao lado dessa mulher que sorri vindo em minha direção.

Não resisto, como todas as vezes que venho buscá-la, beijo seus lábios e a abraço como se isso fosse necessário para respirar.

— Oi — diz depois que nos afastamos.

— Oi — respondo sorrindo.

É sempre como se fosse o primeiro beijo, o primeiro encontro. Me sinto um menino diante do primeiro amor. Tudo intenso demais. Não consigo sequer mais enxergar minha vida sem essa baixinha.

Entramos no carro e colocamos nossa playlist. Temos em comum o fato que amamos música.

Tento dirigir com uma mão na sua perna e outra no volante, mas Robin não deixa.

— Espera chegar em casa — diz empurrando minha mão e me fazendo rir.

— O que acha de visitar o Brasil nas férias? Quero que conheça os meus pais, tios, primos. Tenho uma família gigante.

— Seria ótimo, mas tenho que ver como vai ficar na lanchonete e a passagem...

— Robin, essa lanchonete está te sugando. Você ficou até mais magra.

— É o meu trabalho.

— Já que não quer o meu dinheiro, me deixa pelo menos te ajudar a encontrar um trabalho menos cansativo.

— Eu vou pensar no seu caso.

Vai pensar mesmo. Cansei. Dessa vez vou insistir. Nem que eu tenha que inventar um trabalho para ela.

— Quanto a passagem, não se preocupe. Vou superar meus medos e viajamos de avião particular. — Mudo de assunto.

— Nunca viajei de avião. Por que você tem medo? Todos falam que é seguro.

— É seguro. Mas sempre que vejo acidente de avião nos noticiários é sobre avião particular, por isso evito. Sei lá.

Ela me surpreende colocando a mão na minha perna. O que obviamente deixou uma parte minha em alerta.

— Faz sentido — diz.

Sem contar que meu tio Antônio já foi responsável pela queda de um jatinho de um cantor em ascensão. Vai lá saber se alguém também não quer me derrubar.

Resolvo mudar um pouco o rumo do assunto quando paramos em um sinal.

— Também quero conhecer a sua família. Quando vou te ouvir falar sobre eles?

— Não gosto de falar sobre eles. Para saciar sua curiosidade, saiba que sou de uma cidade pequena, uma comunidade na cidade para ser mais exata, e na minha casa somos educadas para sermos esposas dedicadas. Eu não sou bem esse tipo, por isso estou aqui.

— Atiçou ainda mais minha curiosidade.

— Sei que você ama a sua família e tem uma relação de intimidade com todos, mas comigo não é assim. Acho que você nunca vai conhecer os meus pais. — Ela suspira e sussurra mais para si. — É possível que eu nunca mais os veja.

— Você tem mágoa deles?

— Não sei o que sinto por eles, Vitor. Podemos mudar de assunto?

— Se vamos construir algo juntos, sua família vem no pacote. Em algum momento vai ter que falar deles. A não ser que eles tenham te ferido de alguma forma. Feriu?

— O que é ferir? Talvez um dia eu esteja pronta para falar sobre eles. Não hoje. Talvez nunca esteja. Só saiba que o que construirmos, da minha parte só terá a mim. Espero que seja o suficiente para você.

Percebo que sua voz falha. É assim quando ela está prestes a chorar. Inferno!

Eu poderia pedir ao tio André que descobrisse tudo sobre ela, mas vou esperar. Sei que Robin confia em mim, logo ela contará suas dores.

— Você é mais que suficiente. Afinal é você que vai me chupar assim que chegarmos em casa — brinco para tentar aliviar o clima.

Se bem que é uma ótima ideia ter essa boquinha no meu pau.

Ela ri e uma lágrima escapa.

— Você só pensa nisso!

— E você também. Aposto que trabalha toda molhadinha pensando em mim.

— Pior que é verdade — diz dando de ombros.

Acelero. Precisamos chegar no apartamento logo antes que meu pau exploda de tesão.

Confissões de melhor amiga

Robin

Não aguento mais esconder meu passado de Vitor. Me sinto uma mentirosa. Ele se esforça de todas as formas para me agradar. E agora quer que eu conheça sua família. O que vou dizer a eles quando perguntarem sobre a minha?

Jean. Eu preciso conversar com minha amiga. Quero contar primeiro a ela.

Hoje Vitor não vem me buscar. É meu dia de dormir no alojamento. Vou aproveitar e conversar com minha amiga.

Agora entendo porque minha colega de quarto quase não aparece. Ela deve ter um namorado grudento igual ao meu.

Enquanto ando para o campus, digito uma mensagem para Jean.

“Onde você está? Disponíveis para uma conversa séria depois de matar a saudade da melhor amiga?”

Eu falo assim com ela. Como se eu fosse muito importante em sua vida. O que parece que sou mesmo. Nunca tive uma amiga

como Jean. Ela me ensinou, e ensina, tanta coisa.

Logo veio sua resposta.

“No seu quarto em vinte minutos. Já estou sabendo que a coleguinha não está. Levo sorvete.”

Sorriso feito boba para o celular. Só ela e Vitor tem esse efeito sobre mim. Isso que é se sentir amada? Estou adorando a experiência.

Chego no quarto e tomo um banho rápido. Deixando a porta apenas encostada para o caso de Jean aparecer. Quando saio do banheiro ela está na cama com um pote de sorvete de chocolate.

— Oi! — falo sorrindo.

— Sorvete de chocolate para uma amiga que não merece. Cada dia que passa percebo que fui trocada por músculos, tatuagens e um pau.

— Você nunca será trocada por nada nem ninguém. — Vou até ela e tiro o pote de sorvete de sua mão. — Você é a amiga mais perfeita do universo.

— Não diria isso se soubesse o que sua amiga anda fazendo pelos bares da cidade — diz com um sorriso envergonhado.

— Você está estranha há algum tempo, Jean. Aconteceu alguma coisa?

Desde a minha primeira noite com Vitor que percebo ela estranha.

Ela balança os ombros e sai da cama.

— Percebi isso faz um bom tempo. Já passou da hora de perguntar. — Me viro para ela, ainda sentada na cama. — Dinheiro eu não tenho, mas se o problema for outro posso oferecer meu ombro ou meu esforço em ajudar. Vou sempre estar aqui por você.

Espero até Jean voltar para a cama e se sentar

— Eu queria te contar, mas você é tão puritana às vezes. Mesmo depois que começou a morar com o seu gato gostoso.

— Não sou puritana, você sabe. Apenas tinha receio de algumas coisas. Agora mesmo estamos conversando aqui depois de eu ter passado vários dias dormindo com meu namorado.

— Eu transei com um desconhecido. Perdi minha virgindade com ele. As duas, se é que me entende — diz de uma vez.

Fico de boca aberta. Não sei se por ela ter transado com um desconhecido ou por ser virgem quando claramente parecia que não.

— Fala alguma coisa? — me balança, aflita. — Eu disse que você era puritana. Acha tão errado assim?

— Amiga, se você se sentiu bem fazendo isso, só apoio.

— Eu gostei. Dói como um caralho, mas adorei. Ele foi gentil, na medida do possível.

— E vocês vão voltar a se ver?

— Duvido. Não sei nem o nome do cara. Eu estava no bar tomando meu coquetel favorito e pensando na vida quando o vi. Loiro, alto, musculoso, o homem mais lindo do planeta, até mais lindo que o seu namorado. Parece que Vitor Rodrigues não é o mais

gostoso de New York. — Ela faz uma expressão de safada. — Era para ser só uma brincadeira de gato e rato, queria saber se eu conseguiria conquistar um homem daqueles. Confesso que por um pouco de inveja da sua relação com o Vitor. Mas quando vi já estava decidida que seria ele.

— O que vai fazer agora? Pretende deixar seu coração aberto para um amor?

— Olha só a rainha de “todos os homens são uns crápulas” falando de amor. — Dou de ombros. Se tivesse conhecido Vitor em outra situação nunca acharia que todos os homens são iguais. — Mas respondendo a sua pergunta; sim. Está na hora dessa loira encontrar um macho para chamar de seu.

Resolvi deixar para falar sobre os meus problemas outro dia. A minha amiga também tem seus problemas. Quero estar aqui por ela.

— Então, um dos motivos de te chamar aqui, além de matar a saudade, claro, é te convidar para uma festinha no apartamento do Vitor. É para apresentar o primo dele que veio do Brasil para terminar os estudos aqui, ele é gêmeo da Maristela. Posso te apresentar. É melhor que seja a primeira da fila se quiser porque o Vitor disse que ele é o mais lindo dos Rodrigues, genes do pai segundo ele. Ainda não o vi.

— Duvido que exista no mundo um homem mais bonito que o que me comeu. Pelo menos tenho essa história para contar. Estarei velhinha, casada com um velho babão e jogando na cara dele que ele nunca foi o melhor.

— Só você — me acabo de rir.

— Não custa nada conhecer o gato. Pega esse sorvete e vamos comer vendo alguma coisa na sala de TV. E amanhã nosso primeiro programa será uma visita ao bazar da Penelope. Precisamos de roupas especiais para o evento.

Agora sim. É essa empolgação que gosto na minha amiga.

Pelo jeito que falou, acho que se arrepende de não ter mais contato com o homem que conheceu.

Espero que forme um par com o primo do Vitor e fique tão feliz que nem se lembrará disso.

Compras e conversa de mulher

Robin

— O que acha desse short? — Já andiz aparecendo com um short com alguns rasgos. — Combina com uma jaqueta preta e uma blusa de banda. Tenho muito disso.

— Vai ficar perfeito. Pode usar com aquela que tem uma língueta gigante.

Ela ri.

— Aquela é do Kiss. Gosto da ideia.

Minha amiga adora roupas bonitas, mas sua preferência mesmo é por blusas de banda. Ela coleciona.

— Minha vez. — Pego a peça que escolhi.

Depois de alguns minutos saio do provador usando uma calça jeans preta com alguns rasgos.

— Puta merda! Que gata! Acho que virei lésbica.

— Boba! Não está estranho? — Já me acostumei com calça por ter que usar o uniforme da lanchonete, mas depois que comecei a namorar, fico ansiosa para ficar linda para Vitor.

— Está incrível. Você só precisa se acostumar com o novo visual.

— Espero que Vitor goste.

— Essas mulheres apaixonadas! — debocha.

— Quando você estiver apaixonada pelo primo dele, me conta — falo e mostro a língua.

— Ficou quente aqui. — Penelope se abana. Resolveu entrar no assunto depois de passar mais tempo rindo de nós. — Aquela oitava maravilha foi no bar. Que o Nick não saiba, mas minha calcinha ficou ensopada.

Rimos.

— Exagero! — Jean debocha. — Depois do último que conheci, sei que é impossível esse tal primo me surpreender

— O nome da delícia é Valentim. Só aviso que se ele me der bola na festa eu meto um chifre na cabeça do Nick.

— Meu Deus! — falo.

— Ela está brincando.

— Aposta para ver. Tem chances que temos que aproveitar. Depois faço o Nick me perdoar. Isso se o gostoso não me quiser fixa.

— Que gostoso? — Maristela fala.

Nem percebemos ela entrar na loja. Ainda bem que não era um assaltante.

Ficamos mudas por um instante. Até que Jean quebra o silêncio.

— Seu irmão. Parece que todas as mulheres de Nova Iorque querem ele, até as comprometidas — diz e aponta para Penelope, que dá de ombros.

— Eh meninas, sinto dizer, mas meu maninho não está assim tão livre.

— Oh! Que pena! Eu ia apresentar a Jean a ele — falo.

— Ele tem namorada no Brasil? — Penelope pergunta.

— Que nada. No dia que chegou ele foi fisgado.

— Quem foi a puta?! Aff! — Penelope está indignada, como se realmente pretendesse ter um caso com o rapaz. — Conhecemos?

— Não faço ideia. Ele não quer falar sobre.

— E como sabe?

— Somos gêmeos, baby. Sei quando meu irmão está estranho. Eu enchi tanto o saco que ele confessou que é por causa de uma garota, mas que não vai dizer mais nada. E quando Valentim Rodrigues informa que não vai mais falar, ele não fala. Aprendeu com o papai a se fazer de mudo.

— Desculpa, Jean! — falo para a minha amiga.

— Credo! Você fala como se eu fosse na festa só pelo garoto. Preciso repetir que estou numa boa? Vou ficar numa boa por anos depois da minha última noite.

— Opa! Conte tudo.

Passamos longos momentos com Jean falando sobre seus momentos com o homem estranho. Ela não poupou detalhes. Devo

ter corado umas quinze vezes, mesmo sabendo que faço muitas coisas como aquelas com Vitor.

Quando as meninas perguntaram sobre a aparência dele, ela só dizia que era um tremendo de um deus grego.

— Não quero dar mais motivos para Penelope sair em uma caçada e abandonar o pobre do Nick. Ela já estava querendo pegar seu primo — fala rindo e olhando para Maristela.

E por falar nela, a garota está com uma expressão estranha desde que Jean falou sobre quando conheceu o cara e onde. Enquanto Penelope estava irritada por não ter visto o cara.

Segundo ela, só não vai dar um ataque porque viu o deuso do primo de Maristela.

E foi assim que Maristela escolheu sua roupa e depois cada uma seguiu seu caminho. Nos encontraremos novamente mais tarde na festa.

Buscando a namorada do primo

Valentim

Caralho!

É macumba, só pode!

Vim para Nova Iorque achando que me acabaria de foder com americanas e estou na fossa porque não consigo esquecer aquela loirinha.

Tão sério que Maristela veio me cobrar explicação para eu negar os convites que eu mesmo havia pedido que conseguisse. Ela tem umas amigas gostosas que vi no seu Instagram. Era para eu pegar todas, esse era o plano.

Como ela não me deixaria em paz, confessei que estava vidrado em uma mulher que conheci quando cheguei. E só. Paro literalmente de falar se preciso, mas não conto a deliciosa loucura que vivi.

Agora estou aqui, esperando uma festa onde serei o centro das atenções e com a única vontade de voltar no bar para ver se encontro a loirinha. Não quero nem pensar que aquela atrevida poderia estar dando a boceta que é minha para outro.

— O que foi? — resmungo quando Maristela chega e se joga no sofá ao meu lado.

— Você está péssimo, maninho. O que uma mulher não faz com esses homens frágeis.

— Não enche!

— Deixa seu primo apaixonado em paz, prima. E vai se arrumar porque a senhorita demora um século. Só digo que a festa não vai te esperar.

Ela se levanta.

— Pois eu digo que essa festa terá altas surpresas.

Sem maiores explicações, ela vai para o quarto começar seu ritual de beleza.

— E você — Vitor se vira para mim —, trate de me ajudar. Quero colocar esse sofá no canto.

Levanto.

Nick e Paul foram buscar as bebidas e logo os petiscos encomendados seriam entregues. Nada de pessoas servindo. Ficariam tudo pela casa e as bebidas em um freezer que Vitor alugou, quem quisesse comer ou beber que pegasse.

Depois de um tempo, conseguimos deixar a sala do jeito que ele queria. Os quartos ficariam trancados. Pelo amor de Deus, não quero ninguém além de mim transando na minha cama.

J á tinha algumas pessoas adiantadas quando Maristela saiu do quarto em um micro vestido branco.

— Cadê a Jean e sua namorada, Vitor? — questiona.

— Vá buscá-las, Valentim. Preciso receber a comida.

— Pensei que eu fosse o convidado especial.

— Se eu fosse você ia correndo buscar as meninas. A namorada do Vitor está doida para te apresentar a amiga que está doente de amor igual você. Casal perfeito!

Doente de amor? Só pode estar doida!

Nem respondo.

— Vou no seu carro — aviso já pegando as chaves da Charlotte. Vitor detesta emprestar seu bebê.

— Cuidado com ela. Nenhum arranhão ou a festa vai se tornar o seu velório.

— I so é que é namorado, só se preocupa com o carro. Pelo jeito posso fazer o que quiser com a sua morena.

— Se quiser ter uma morte lenta e dolorosa.

— Parem de tanto carinho. — Maristela resmunga e abre um sorriso ao ver Hanna chegar. — Já mandei uma mensagem avisando que você vai pegá-la na porta do campus. Agiliza — fala e vai até a namorada.

Rindo, saio do apartamento.

J á sei onde fica o campus.

Dirijo devagar por Nova I orque. Quando chego a porta do campus vejo uma mulher morena de jeans e casaco com aparência de ser quentinho.

Ao seu lado, o motivo de todos os meus sonhos eróticos.

Como sempre destoando de toda a realidade do momento.
Short e camiseta sob uma jaqueta que não deve esquentar nada.

Fico satisfeito ao ver sua expressão surpresa.

Meu pau pulsa na calça saboreando tudo que pretendo fazer
com essa loirinha safada por me deixar tão louco por ela.

A festa de boas-vindas

Robin

Estamos na porta do campus, Jean e eu.

É Valentim quem vai nos buscar. Espero que se deem bem.

— Lá vem o cara famoso! — Jean comenta ao notar a aproximação do carro de Vitor.

Quando o rapaz sai do carro perco até o ar. E olha que Vitor é lindo.

Sem chances da minha amiga não investir.

Olho para o lado e vejo que ela está encarando-o como se não houvesse amanhã.

— Olá, meninas! Me chamo Valentim e serei seu motorista hoje. — Ele diz com uma voz magnífica. É melhor eu parar de prestar atenção nele antes que Vitor me mate. Não sou como Penelope, jamais cogitaria a possibilidade de trair meu namorado.

— Oi, Valentim. Eu só a Robin e essa é minha amiga Jean.

Ele me cumprimenta com um abraço e cumprimenta a Jean.

Posso ouvir quando diz no ouvido dela:

— Você fica ainda mais linda de jeans e camisa de banda.

Agora fiquei curiosa. Não me pareceu uma cantada de dois desconhecidos. Mas como sou leiga nesse assunto, vou perguntar Jean o que foi isso depois.

Chegamos na festa e Vitor me arrastou para o seu quarto.

— Vitor, e a festa? — perguntei com ele já abrindo minha calça. — Não posso deixar minha amiga sozinha.

— Valentim toma conta dela. Passei uma maldita noite sem você na cama comigo.

— Não. Pode parar. Depois da festa, a gente fica a noite toda, mas agora vamos ficar lá.

Deus, essa mulher vai me matar qualquer hora. Aposto que a causa da morte será explosão de bolas.

Como um bom cãozinho adestrado, obedeco e voltamos para a festa.

Até que me divirto, mas uma passada na cozinha é o suficiente para reacender a vontade de me trancar no quarto com essa morena.

Volto, entrego o refrigerante e jogo o que vi na sua cara linda.

— Você fica negando foda por causa da sua amiga, acabei de ver ela quase transando com meu primo na cozinha.

Ela me olha incrédula e.. feliz?

— Jura? Acho que sou meio que culpada. Falei para ela investir nele.

— Pois ela ouviu direitinho. E aquele safado não perdeu tempo. Olha lá! — aponta com a cabeça o primo e Jean sumindo no corredor que leva aos quartos.

— A Jean é uma boa pessoa. Foi a melhor pessoa que conheci desde que cheguei nessa cidade.

— Errado. Eu é que sou.

— Digamos então que ela é a melhor pessoa do sexo feminino e você a melhor do sexo masculino.

— Acho que aceito. Agora que sua amiga está bem acompanhada, podemos voltar ao que...

— Não, garoto! Nem pensar que vou ficar naquele quarto enquanto as pessoas estão por aqui.

— Deus! Não sei o que faço com você.

— Me faça feliz. — Ela diz coisas assim com uma simplicidade que chega a doer o coração.

— Já que não vamos transar, vamos dançar. Está tocando a nossa música. — A levo para a pista e começamos a dançar uma música romântica de Ed Sheeran.

Baby, I 'm dancing in the dark

With you between my Arms

Amor, eu estou dançando no escuro

Com você entre meus braços

Barefoot on the grass

L istening to our favorite song

Descalços na grama

Ouvindo nossa música favorita

Ela canta junto com a música enquanto nossos corpos colados balançam com o ritmo.

Antes mesmo que a canção acabe, estamos perdidos em beijos.

— Podemos ir para o quarto agora? — pergunta me fazendo rir e não perder tempo.

Antes que o efeitos dos beijos passem, a levo para o quarto, tranco a porta e a faço esquecer do mundo lá fora, assim como esqueço sempre que a tenho nos braços.

Penelope

— Os donos da festa sumiram — Nick comenta me entregando uma cerveja.

Claro que percebi isso. Eles foram sumindo em pares.

Dou de ombros.

— Estão todos em seus devidos quartos, fodendo.

Nick me abraça por trás e fala no meu ouvido:

— Que inveja! Podemos ir embora também.

— Para que? Viemos aproveitar a festa. Transar por transar, fazemos em casa depois.

Ele é um cara bonito, bom de cama e moramos juntos há quase dois anos. Mas eu não estava brincando quando disse que

daria sem pensar para o irmão da Maristela. Cara lindo da porra! Sorte da Jean.

Que inveja!

Mais tarde, quando estivermos na cama, vou fechar os olhos e fingir que Nick é ele. O que não se sabe não tem problema.

Sorrio levando a mão discretamente ao pau do meu namorado, já aproveitando que ele está atrás de mim para iniciar a fantasia.

— Mais tarde, a espera será compensada.

Ele fica todo animado. E eu também, pois adoro fantasias.

Depois da festa

Vitor

Vejo Robin levantando e pegando as roupas. Pego o celular sobre a cômoda. Oito da manhã. Muito cedo.

— Veste uma das minhas camisas, como faz no nosso apartamento — digo enquanto contemplo seu corpo perfeito.

— Não. Pode ter alguém.

— A minha camisa é como um vestido longo em você, baixinha.

— Ainda assim...

— Ainda assim todos vão saber o que estávamos fazendo quando sairmos do quarto.

— Não gosto disso.

Sei que ela não gosta. Quando estamos fodendo Robin se entrega, mas às vezes age como se sexo fosse algo sujo.

— Quero saber quando vou colocar nessa sua cabecinha linda que sexo é algo natural.

— Vai demorar, Vitor. A minha vida toda aprendi que sexo é algo que os casais fazem em segredo e só com a intenção de procriar. Isso entre nós é muito novo.

— Ok. Ok.

Quando ela fica pronta, me levanto e coloco um moletom. Diferente dela, nem cueca coloco.

Estamos chegando na cozinha quando ouço:

— Tira a mão! Meu Deus, cara! Você tem problemas.

É a amiga de Robin. E está vestindo uma camisa do meu primo.

Entramos na cozinha e encontramos ela com uma colher de pau na mão tentando escapar das garras de Valentim que literalmente está tentando entrar dentro da própria camisa, sem tirar a ocupante atual.

— Pelo jeito o café da manhã não sai tão cedo — resmungo chamando a atenção deles. A loirinha fica vermelha com nossa chegada.

— Ninguém aqui está fazendo café para você, Grande Filho!
— Valentim diz finalmente soltando a moça.

— Você é um ótimo cupido, amor. — Abraço Robin. — Nem precisou fazer esforço para juntar esses dois.

— Eu tenho mais é que obedecer os desejos da minha melhor amiga. — A loirinha diz dando de ombros com um sorriso sapeca.

— Obedecer porra nenhuma! É ela, não é, maninho? — Maristela aparece com Hanna.

Olho para o meu primo, confuso. Robin me imita.

— Eu o que? — Jean pergunta.

— Fodeu com a cabeça desse aí. As duas cabeças. Está de quatro.

— Cala a boca, Estela! — Valentim diz bravo.

Ele a chama assim desde criança, quando não conseguia falar o nome todo.

— Relaxa aí! Ela também estava falando sobre a noite inesquecível. Então também está de quatro. Não precisa ter medo de espantar a moça.

— Alguém desenha que não estou entendendo — digo.

— Esses dois já estavam fodendo antes de ontem. Acham que não liguei os pontos.

— Então é o cara que... — Robin começa a falar, mas Jeanana interrompe só com um olhar assustado. A garota está mais vermelha que um tomate.

— Chega de falar da minha mulher, pode ser?

— Minha mulher? — Todos falamos juntos, até Jeanana. É a vez de Valentim ficar vermelho.

— Quer saber... — Meu primo joga a garota nas costas como um saco de batatas e sai dizendo: — Avisa quando o café da manhã estiver pronto.

Só rimos dos protestos inúteis da garota. E logo se ouviu a porta do quarto dele batendo.

Juro que estava prestes a imitar ele, deixando Hanna e Maristela na cozinha, mas o estômago de Robin deu o alerta. Hora de alimentar minha baixinha.

O passado volta

Robin

Estou tão feliz que às vezes acordo e temo ter apenas sonhado. Só quando leio a mensagem de bom dia de Vitor é que fico em paz.

Semana que vem tenho uma consulta marcada com uma ginecologista. Nos descuidamos várias vezes e para evitar uma gravidez antes de estarmos prontos vou começar a tomar remédio. Já era para ter feito isso, mas a correria das aulas e do trabalho acabaram interferindo.

Pensei em chamar Jean para ir comigo, porém mudei de ideia quando ela disse que no dia iria com Valentim escolher roupas que combinam para quando começar as aulas dele. Pelo que soube, o rapaz é um gênio que mesmo estando em período letivo durante a transferência, pode fazer uma pausa nos estudos. Veio para New York porque a universidade queria a pesquisa dele de algo importante, então literalmente pagou pela transferência. Alguns nascem assim, outros como eu tem que ralar para aprender as matérias obrigatórias.

Jean está apaixonada e namorando firme. De anel de compromisso e tudo.

Ao contrário de mim ela não vê problemas em o namorado a encher de presentes. Diz que ele tem dinheiro de sobra.

Vou sozinha mesmo. É até melhor caso tenha que falar alguma coisa do meu casamento para a médica. Acabei perdendo a coragem de contar a ela.

Enquanto o dia não chega, vamos trabalhar.

Meus fones tocam a playlist que Vitor e eu escolhemos como nossa. Isso me deixa com muita energia para aguentar os clientes da lanchonete.

Espero o sinal ficar liberado e quando coloco o pé na rua, um carro para na minha frente, ignorando que atrapalha o trânsito.

Não. Por favor, não.

Conheço um carro exatamente como esse.

Meu coração está prestes a sair do peito. A porta do meu lado se abre e uma voz que eu queria nunca mais ouvir se faz presente.

— Entra.

Como eu não tenho voz, nego balançando a cabeça. Já não. Eu sei que se entrar nesse carro posso não sair viva. E mesmo que saia, retornaria ao inferno de antes. Não. Nunca mais.

— Entra logo e vamos conversar — ele insiste.

Conversar? Como se eu não o conhecesse.

Volto a balançar a cabeça e aproveito que o sinal está livre para atravessar correndo. O sinal abre e suspiro aliviada ao entrar na lanchonete.

Um alívio que dura pouco porque agora que ele sabe onde estou minha vida vai voltar a ser aquele inferno. Preciso encontrar uma forma de contar para Vitor. Ele não pode descobrir que sou casada com esse traste sem que seja eu a contar.

Também, sou muito idiota. Será mesmo que achei que ele desistiria de mim, que nunca procuraria. Nova Iorque é longe de onde cresci, mas não tanto.

Mesmo assim, como ele me achou? Essa cidade é tão grande. Pode ser através da escola...

Não importa. O importante agora é ter forças para enfrentar esse homem de uma vez por todas. E conseguir minha liberdade definitiva.

Não posso mais adiar. Preciso dizer a Vitor a verdade sobre meu passado miserável antes que aquele homem o faça da pior maneira. Se ele veio atrás de mim, tenho que acreditar que é capaz de qualquer coisa.

É, Robin, coloque sua armadura e enfrente a guerra.

Só espero que Vitor não me deixe.

Espero não voltar para minha vida de antes.

O marido

Vitor

Estou em um café com meu primo, que é viciado. Ele está me contando, todo empolgado, sobre sua pesquisa que vai revolucionar a área da saúde. E eu, como belo ser humano que não entende termos médicos, estou boiando na conversa.

Confesso que estou ansioso pela tarde. Quero muito buscar minha morena e levar para o nosso apartamento. Meu primo me deu uma ideia ótima para mudar a rotina dela sem que ache que a estou bancando. Eu dei um cartão sem limites para ela usar com coisas do apartamento e ela fica me informando sobre tudo que compra.

Com esse novo emprego ela terá um salário que nem vai dar conta de gastar. Enquanto eu terei muito mais tempo com minha baixinha.

Estou pensando nisso, e ouvindo a ladainha de Valentim, quando um homem que nunca vi na minha vida se senta na cadeira que estava vazia em nossa mesa.

— Qual de vocês é Vitor Rodrigues mesmo?

Meu primo levanta a sobrancelha e eu pergunto:

— Por que? Nos conhecemos?

— Temos uma pessoa em comum e acho que está na hora de acabar com a brincadeira. — Deixo ele falar. — Acredito que conheça Robin Keach.

Meu sangue já esquentou com esse porco falando sobre minha namorada. Não quero nem saber se ele tem idade para ser o pai dela, ou até pode ser o pai dela. Não sei, não gosto nada da cara desse otário.

— Por acaso você é pai dela? — pergunto. Ele não deve ser um bom pai, já que a filha se recusa a falar sobre ele.

— Digamos que algo mais íntimo. Então sugiro não ter testemunhas.

— Ele fica. — Olho para Valentim, que nem se move.

— Pois bem. Você precisa saber que a sua “namorada” — fez sinal de aspas com os dedos — é minha mulher de acordo com as leis.

— Você quer morrer — afirmei. Porque só pode ser isso para esse imbecil me dizer algo assim.

Ele coloca um papel sobre a mesa.

— Leia e analise os papéis se quiser. Claro que estou te dando uma cópia. Não posso deixar nossos documentos nas mãos de qualquer um.

— Por que está me contando isso?

— Nosso único objetivo era um trouxa para raspar a grana. Somos do interior e lá vivemos como os mais ricos, inclusive meus sogros. — Ele frisa a palavras sogros, me causando vontade de vomitar. — Robin fez sua parte vindo para New York e raspando a

conta de um babaca. Mas a minha menina é ambiciosa e descobriu uma idiota mais abastado. Ela não quer largar o osso. Mas todos sabemos que não se deve ficar no lugar depois de fazer inimigos. O cara está nos ameaçando. Não posso deixar minha menina em perigo.

Não posso acreditar. Se isso for verdade, Robin me enganou demais. Ao ponto de eu ter comprado apartamento no nome dela e até lhe dado um cartão sem limites. Mas por que todo o teatro de que não aceita presentes caros? Para me tirar mais?

Não pode ser.

Fico olhando para o velho a minha frente e tentando entender, ao mesmo tempo que só quero matá-lo.

— Robin tem dezoito anos. Quando ela se casou com você?

— Está na certidão. Nos casamos legalmente quando ela tinha dezesseis anos, com a permissão dos pais, mas já tínhamos uma relação.

— Pedofilia, você quer dizer.

— Não quando os pais apoiam e a menor insiste muito.

Juro, eu vou matar esse cara.

— Por que estaria me contando isso?

— Olha para mim, garoto. Eu sei das minhas limitações. Não quero perder a minha mulher para um garotão mais rico que eu. E pelo que conheço daquela chave de boceta, você não largaria o osso tão facilmente. Robin é jovem e ama dinheiro, se eu não me cuidar perco ela. Afinal, através de você ela pode conseguir muito mais, inclusive acesso a outros mais poderosos.

Não consigo mais me manter na cadeira. O imbecil levanta antes de mim.

— Ela nem se deu ao trabalho de usar o nome de solteira. O sobrenome Keach veio do nosso casamento. Espero que tenha se divertido. E leve numa boa.

Numa boa de cu é rola.

O soco na cara do babaca o arremessou longe. Estava com desejo de fazer isso desde que ele sentou a nossa frente.

Deixo o cara caí do e sigo para fora do café.

Não acredito que Robin seja casada com esse babaca. Ela me deve uma explicação. E se não for boa, juro que mato a vadia.

Verdade e mentiras

Vitor

Se não fosse Valentim, eu teria saído do café direto para a lanchonete confrontar Robin.

Ele me segurou antes que eu abrisse a porta do carro.

— Você não pode dirigir assim.

— Me solta, porra! Eu mereço uma explicação.

— Me dê as chaves, primo. Não importa onde esteja indo, eu dirijo.

Demoro um pouco, mas entrego.

— Quero que me leve a lanchonete.

Entro no banco do passageiro e ele começa a dirigir. Meus pensamentos estão tão confusos que demoro a perceber.

— Esse caminho é do nosso apartamento, seu bosta!

— Pois é. Eu menti. Você vai esfriar a cabeça antes. Do jeito que está vai fazer merda.

— Cara, se aquela mulher estiver me enganando... Nem sei.

— Ela não me parece ser uma má pessoa. Mas vamos descobrir tudo sobre ela. Fique tranquilo.

— Você ficaria? Tranquilo nada. Me leva para o apartamento que comprei para ela. Vou esperar lá.

Porra! Eu comprei um apartamento para uma golpista?

Sinceramente, se tiver caído do golpe, eu não mereço ser um Rodrigues, não mereço ser filho do meu pai.

Valentim me levou ao apartamento. Até quis ficar comigo, mas não deixei. A conversa é entre eu e Robin Keach.

Me pareceu uma eternidade até ela chegar com seu sorriso que me desarma. Mas não dessa vez.

— Oi! Senti falta de você me esperando. Como não atendeu o telefone, vim de ônibus. Estava preocupada.

Nem sei onde está a porra do meu telefone. Duvido que tenha vindo de ônibus. Preciso conversar com meu contador urgente, ele que cuida dos gastos nos meus cartões.

— É verdade que você é casada? — fui logo perguntando.

Pude ver a cor sumir do rosto dela. Não haveria resposta mais clara.

— Caralho! Não acredito que eu caí na porra de um golpe — grito sentindo o controle fugir de mim. Hoje eu mato essa mulher.

— Não... Eu posso explicar.

Me aproximo dela, segurando o ímpeto de agarrar sua garganta.

— Então me responda. Apenas com sim ou não. Por favor, não teste o meu controle. — Sem esperar resposta, continuo. — Você agiu como uma hipócrita santa para transar comigo quando já tinha a porra de um marido?

— Eu não queria mentir... eu... — Não aguento a raiva e avanço sobre ela. Minhas mãos estão sobre o seu pescoço. Só me falta coragem de apertar. Meu coração idiota ainda ama essa mentirosa. Meu corpo é incapaz de machucá-la.

— Você prometeu que nunca ia me deixar. — Ela diz entre lágrimas. Uma bela atriz.

— Cí nicamiserável! Lembre-se de uma promessa maior que fez ao seu maldito marido. Na doença e na pobreza até que a morte os separe. Por favor, não me faça te matar agora.

Ela apenas chora. Que respostas poderia dar? Foi pega no seu maldito golpe.

A jogo sobre o sofá. Quando me dou conta percebo que tudo que quero é foder o seu corpo com fúria. Isso mesmo deixa com muita raiva de mim.

— Foi tudo por dinheiro, vadia? Fodeu com minha vida por dinheiro? — Irrado, rasgo seu vestido e começo a beijar o seu pescoço enquanto berro meu ódio. — Todo aquele teatro. A máscara caiu, Robin. Vamos foder uma última vez. E posso até pagar.

— Não, Vitor. Assim não. Você não.

Ela me empurra e me chuta.

Mordo seu ombro e rasgo sua calcinha.

— Vitor, está me machucando.

Saio de cima dela. Porra! Esse não sou eu. Não vou descer ao nível dessas pessoas.

A puxo do sofá para que ela fique na minha frente. Não vou forçar sexo. Penso na minha mãe, em como ela ficaria decepcionada por seu filho forçar uma mulher.

— Você me machucou muito mais. De um jeito irreversível. Eu te amava, porra. Amava tudo em você e esse tudo era a porra de uma mentira.

A solto e ela cai no chão.

— Nunca mais na sua vida miserável se aproxime de mim.

— Me deixe explicar. Eu ia te contar.

— Claro que ia. É um casamento, porra! Uma hora teria que expor. Quando seria? Esperaria até ter um filho para me arrancar pensão? Isso é tão pequeno, Robin. Tão baixo.

— O meu casamento era horrível, Vitor. Eu...

— Você o que? Tenho vontade de vomitar só de imaginar você fodendo com aquele homem nojento. Me poupe. Não consigo nem olhar para você. Tenho nojo de você.

— Vitor, eu não te enganei.

— Se é casada, enganou. Nunca mais apareça na minha frente. Juro que se tentar falar comigo nem sei o que sou capaz de fazer. Eu só não acabo com você agora porque meu pai me ensinou a ser homem. E seu maior castigo será voltar para aquele seu marido murcho sem nenhum centavo meu. Deixe tudo aqui quando sair.

Dou-lhe as costas e saio. Dói demais olhar essa mulher porque parece que ser um trouxa não foi o suficiente para me fazer apagar o amor.

Eu preciso me afastar dela com urgência antes que volte como um cão e aceite ser seu brinquedo.

Desespero

Robin

Depois do meu encontro com aquele homem, eu passei o dia todo com medo. Sei que é bobagem. Ele não poderia simplesmente me arrastar, mas sinto como se pudesse.

Eu devia ter entendido que era mau sinal quando Vitor não estava no lugar de sempre me esperando para levar para casa. Devia ter entendido o péssimo sinal quando ele não atendeu o telefone. Ao invés disso fiquei com medo. E se aquele homem o machucou por minha causa?

Até pensei em ir de táxi para casa, mas acabei pegando um ônibus.

Quando cheguei ele estava na sala, como se me esperasse. Esse sinal eu entendi, significa que devo abrir logo sobre o meu passado antes que ele descubra de outra forma.

— Oi! Senti falta de você me esperando. Como não atendeu o telefone, vim de ônibus. Estava preocupada — comecei. Procurando uma abertura para contar. E mesmo se não visse, eu contaria.

— É verdade que você é casada? — perguntou.

Foi quando eu entendi que não haveria abertura, que perdi a chance de contar.

Meu corpo ficou gelado. Me vi perdida quando ele começou a me acusar de golpe.

Tentei explicar. Em vão. Ele veio como um louco para cima de mim. O que me deixou ainda mais sem palavras.

— Eu não queria mentir... eu... — Antes que eu possa me explicar suas mãos estão em minha garganta.

— Você prometeu que nunca ia me deixar. — Consigo dizer. É bobagem dizer isso agora, eu sei, mas eu não quero perdê-lo. Nem mesmo sei o que aquele homem disse a ele.

Ele fala sobre promessa de casamento que eu nunca fiz. J amais prometi estar com aquele homem até a morte. Muitas vezes preferia morrer a estar com ele.

As lágrimas descem sem controle.

Quando ele segurou minha garganta nem foi tão terrível quanto quando me jogou no sofá, rasgando minha roupa, gritando que nosso amor era mentira, que foi por dinheiro, dizendo que me pagaria para estar comigo.

— Não, Vitor. Assim não. Você não. — Se ele fizer isso eu juro que morro. Se o homem que amo, que me ensinou a ter prazer no sexo, me estuprar sem se importar com o que sinto, como aquele homem...

Não posso deixar. Tento o afastar empurrando e chutando. Mas ele me morde e rasga minha calcinha.

— Vitor, está me machucando. — Tento chamá-lo para a realidade. Eu estou quebrada. Se ele fizer isso não sobrá nem cacos.

Ele acaba saindo de cima, me deixando em farrapos. E me rasgando mais com suas próximas palavras.

— Você me machucou muito mais. De um jeito irreversível. Eu te amava, porra. Amava tudo em você e esse tudo era a porra de uma mentira.

Ele me faz encará-lo e quando me solta perco as forças das pernas e caio sentada no chão.

— Nunca mais na sua vida miserável se aproxime de mim.

— Me deixe explicar. Eu ia te contar — tento mais uma vez vencer sua ira e meu medo.

— Claro que ia. É um casamento, porra! Uma hora teria que expor. Quando seria? Esperaria até ter um filho para me arrancar pensão? Isso é tão pequeno, Robin. Tão baixo.

— O meu casamento era horrível, Vitor. Eu...

— Você o que? Tenho vontade de vomitar só de imaginar você fodendo com aquele homem nojento. Me poupe. Não consigo nem olhar para você. Tenho nojo de você.

Era disso que eu tinha medo, ele tem nojo de mim. Como não teria? Eu também tenho sempre que me lembro de tudo que vivi.

Penso em desistir. Eu sou muito pouco para alguém tão bom quanto esse homem. Talvez eu não mereça mesmo amor. Devo ser alguém para foder e ser doméstica. Alguém para que um homem sem escrúpulos espere um herdeiro.

Se ele quiser eu desisto, mas preciso dizer toda a verdade antes. Não levarei nenhum arrependimento.

— Vitor, eu não te enganei. Por favor, se acalme e me deixe te contar o que escondi por vergonha.

— Se é casada enganou. Nunca mais apareça na minha frente. Juro que se tentar falar comigo nem sei o que sou capaz de fazer. Eu só não acabo com você agora porque meu pai me ensinou a ser homem. E seu maior castigo será voltar para aquele seu marido murcho sem nenhum centavo meu. Deixe tudo aqui quando sair.

Ele me deu as costas e saiu.

Rápido o bastante para eu não o alcançar no tempo que levei para sair do chão.

Desci as escadas correndo, sem me importar com minhas roupas em farrapos. Mas era tarde demais, nem o carro dele estava na garagem.

Eu o perdi.

Sinto que o chão está me engolindo. Eu devia ter tido coragem de contar antes. Esse foi meu maior erro. Vitor está se sentindo enganado e não posso culpá-lo, ele não sabe do meu pesadelo. Ou sabe? E se ele sabe e se importa mais com o fato de eu ser casada que ter sofrido? Não, não posso acreditar nisso.

Grávida?

Robin

Volto para o apartamento e caio sentada no mesmo lugar de onde sai.

Meu telefone toca e vou desesperada atender. Com a tola esperança de que é Vitor e uma chance.

É um número que nunca vi. Quando atendo a voz do outro lado me enche de pavor. É automático.

— Aquele moleque já te deu o pé na bunda?

— O que você disse a ele?

— Que minha esposa amada só estava vivendo uma aventura com um homem rico. Eu descobri quem é o moleque e não foi difícil colocar na cabeça dele que você só queria grana. Deve ter dados motivos.

Na hora me lembrei do apartamento, do celular, do cartão... Eu não devia ter aceitado nada disso.

— Nunca vou voltar. Mesmo que ele não fique comigo, nunca vou voltar.

— É o que veremos. Sua vida nessa cidade vai virar um inferno, eu garanto. Você vai me pagar por ter fugido e me

humilhado daquela forma. Nova Iorque vai ser pequena demais para se esconder.

— Pois me escondo em outros países.

Desligo o telefone. Não aguento mais ouvir a voz desse homem.

Se Vitor acha que eu estava com ele por dinheiro, só preciso provar que não e explicar porque não contei sobre o meu casamento. Quando ele esfriar a cabeça, vamos conversar

Primeiro preciso sair desse apartamento. Não quero que pense que estou me recusando a devolver.

Faço uma sacola só com o que eu comprei e deixo a pulseira.

O telefone vou devolver quando ele falar comigo.

Volto para o alojamento de ônibus. Tenho pouca coisa no apartamento. A maioria foi comprada com o cartão dele, então é dele. Até mesmo os presentes. Não levarei nada.

Durmo sem comer. Me alimentando de dor e lágrimas.

Na manhã seguinte tenho que ir para a aula.

Descuidar dos estudos não está entre minhas opções.

Não vejo Jean, mas é normal. Nossas aulas são muito diferentes. Geralmente só nos vemos à noite, e depois que as duas começaram a namorar nos vemos menos.

Me pergunto se Valentim já sabe. Se contou para ela. Talvez ela também me ache uma golpista. Afinal nem na minha melhor amiga eu confiei.

Em um intervalo, vejo Vitor saindo da sala onde se tratam sobre matrículas.

Fico paralisada, me perguntando se está menos nervoso. O que aquele homem inventou deve ter machucado muito, principalmente porque errei em esconder meu passado.

Se mexa, Robin, vai atrás da sua felicidade. Obrigue esse homem a te ouvir.

Corro até a saída, por onde ele foi, e vejo suas costas sumindo na distância. É a última coisa que vejo antes de desmaiar.

**

— Onde estou? — pergunto a mulher de branco que mexe em meu braço.

— Enfermaria. Você desmaiou e alguns alunos te trouxeram.

— Vitor...

— Não vi seu namorado. — Sim, todos sabem que namoramos. — Precisamos entender esse desmaio. Como anda sua alimentação, trabalho e estudo?

— Tudo bem. Faço todas as refeições e o trabalho não é tão pesado assim.

— Então tenho uma suspeita. Sua vida sexual é ativa? — Fico vermelha. — Nem precisa responder. Agora, se não estiver se protegendo, sugiro um teste de gravidez.

Se antes eu estava vermelha, agora estou branca como papel.

Sei alguns sintomas de gravidez, pois sempre que sentia aquele homem tinha esperança e sempre que era alarme falso ele me castigava.

— Pela sua cara acho bom fazer um teste de farmácia e dependendo do resultado você e seu namorado vão precisar de uma conversa séria. É bom que procure sua ginecologista.

Me lembro da consulta daqui alguns dias.

Será? Nunca imaginei que pudesse ficar grávida. Por não acontecer com aquele homem, cheguei a pensar que tinha algum problema comigo.

Logo agora que Vitor suspeita de golpe. Vai achar que engravidei para arrancar algo dele. Realmente, quando é para dar errado por que não vir tudo de uma vez?

A constatação

Robin

Literalmente corri logo que sai da enfermaria para fazer o teste. Positivo nos três que fiz. Estou apavorada. Se Vitor não assumir? Como vou cuidar de uma criança nas minhas condições?

Preciso falar com ele. Vitor tem que me escutar. Não pode simplesmente ter deixado de me amar assim. Pode? O amor é assim tão fácil de esquecer? Se for, ainda não me ensinaram como.

Minha noite foi em claro. Passei chorando. Mal comi também.

Na manhã seguinte fui ao apartamento de Vitor. Tinha aula, mas nunca faltei na vida. Seria por uma boa causa.

Toquei a campainha. Nada. Toquei novamente. Nada.

Não vou desistir.

Sento em sua porta. Só vou sair daqui depois que conversar com ele.

Pela noite em claro, acabo adormecendo. Acordo com uma pessoa me balançando.

— Vitor? — chamo antes mesmo de abrir os olhos.

— Errado. Já perdeu esse bonde.

Quando foco minha visão vejo Maristela e sua namorada.

— Eu preciso conversar com ele, explicar tudo.

— Meu primo uma hora dessas deve estar em um avião com destino ao Brasil. Você conseguiu estragar o último ano do meu primo, vadia. Parabéns! E ainda fez meu irmão ir com ele, deixando a namorada. Grande amiga.

— Brasil? — Ele foi embora. E agora? — Eu juro que não queria mentir, eu...

— Apenas escondeu ser casada. E eu que briguei com ele por ter feito aquela aposta, por ter te beijado daquele jeito na frente de todo mundo, aposto que ele poderia ter te comido que você nem ligava, desde que ficasse com a grana dele... Adivinha? Sem grana para você.

— Eu não quero dinheiro. Será que é tão difícil assim pelo menos me escutar? Agora nem mesmo me importo com perdão. Estou apavorada, Maristela. Estou grávida e não sei o que fazer.

Na minha frente vejo a cena da mulher gargalhando. Juro que não esperava isso dela, por mais que tenham descoberto sobre o meu casamento da pior forma, eu ainda esperava ao menos a chance de me explicar.

— Golpe da barriga não vai funcionar — diz com desprezo, enquanto Hanna só olha e segura a namorada que está prestes a pular no meu pescoço.

Se eu tivesse opções nem estaria aqui. Dói muito olhar essas pessoas que sorriram ao meu lado agora me dedicando apenas desprezo. Como não tenho opção, engulo a dor.

— Existem métodos para provar que não estou mentindo. Por favor, só peço a ele que não abandone o seu filho.

— Tarde demais, vadia. E ele não está abandonando filho nenhum, está abandonando uma vadia que se uniu com um marido asqueroso para tirar vantagem. Aposto que esse filho é do velho. Se é que tem filho.

— Maristela, eu...

— Quer saber... — Só vejo a porta se fechando na minha cara.

Eu já tinha uma certa ideia de que estava entrando em outro inferno.

Acabei com minha vida e ainda estraguei a da minha melhor amiga. Já deve estar me odiando por seu namorado estar saindo do país por minha causa. Por isso ainda não a vi.

Preciso falar com ela. Não posso perder ela também.

Fugindo

Vitor

— Tem certeza que quer fazer isso? Fugir nunca foi uma opção para um Rodrigues. — Valentim fala quando comunico que vou voltar ao Brasil. Não é uma provocação dele, apenas um fato.

— Você viu a porra da certidão. Aquilo era real. E ela não negou. A desgraçada teve a cara de pau de não negar e ainda quis tentar me enganar. Pode ter certeza que não estou fugindo, estou apenas evitando seguir os passos dos nossos pais e cometer um assassinato.

— Tem razão. Você está com a cabeça quente. O melhor a fazer é afastar e esfriar a cabeça. Vou arrumar minhas coisas e providenciar nosso voo em um avião comum.

— Por que arrumar suas coisas?

— Porque vou também. Vamos na universidade resolver tudo e vamos tirar esse tempo para nós.

— Não precisa ir comigo. Você tem sua namorada. É melhor ficar e confirmar se ela também não é uma mulher casada e golpista.

— Nem casada, nem golpista, isso eu garanto. Te contei como foi nosso primeiro encontro.

— Pois é, você com uma que não parece virgem, mas é, e eu como uma que parece santa, mas é casada e golpista. — Ainda não consigo acreditar que Robin fez essa merda comigo. E o pior de tudo é saber que estou por um triz de aceitar qualquer migalha que ela me der. Mesmo podendo ter qualquer mulher, meu coração escolheu ficar de quatro por uma que não vale nada. Eu sou uma vergonha.

Olho para o meu primo e ele está me encarando com um olhar profundo.

— Agora que ela provou da fruta, pode ser perigoso sair do país e deixar a loirinha. — Decido manter o clima o mais leve possível, não quero pena de ninguém.

— Eu me garanto. Direi a ela que é uma emergência familiar.

— E ela vai acreditar? O Brasil tem muitas mulheres que desejam a cama de Valentim Rodrigues, o mais bonito da família.

— Pior que não desejo mais ninguém além daquela loirinha. E tenho certeza que ela sabe.

— Malditas mulheres! — resmunguei. Simplesmente porque me sentia igual em relação a Robin, a diferença é que ela não correspondia.

— Chega de papo. Vou preparar minhas coisas e preparar minha irmã.

— Que porra é essa! — Maristela grita quando informo que vamos voltar ao Brasil por alguns dias.

— É melhor contar a verdade a ela, primo. Ela pode acabar sendo vítima. — Valentim fala me olhando.

— Conta você. Eu vou tomar um banho e beber, não nessa ordem. Se tiver que repetir essa história eu juro que mato um. — Saio e deixo Valentim na sala com a irmã.

Acabo tendo que colocar música para não ouvir seus gritos. Quando saio do banheiro, visto um moletom e vou a cozinha pegar uma cerveja. As pessoas aqui bebem em temperatura ambiente, mas eu, como bom brasileiro, deixo ficar geladinha.

— E Maristela? — pergunto quando Valentim aparece.

— Está no quarto com a namorada. Foi difícil convencer a não ir arrancar os cabelos da Robin.

— Bem que podia ter deixado, assim ela compensava um pouco da minha raiva.

— Está tudo pronto. Amanhã passamos no campus e resolvemos tudo, e de lá vamos direto para o aeroporto.

— Não vai se despedir da namorada?

— Não. Falei com ela por telefone. De qualquer forma, Jean já tinha uma viagem marcada com os pais.

Minha confissão

Robin

É isso. Vitor me deixou. Não respondeu a nenhuma das minhas mensagens. Pelo contrário, ele fez aquilo que prometeu quando me deu o celular. Soube quando no mesmo dia recebi uma visita no alojamento.

— Maristela. — Abro a porta do quarto e a vejo.

— Vim aqui buscar a pulseira e o celular. As chaves do apartamento pode ficar, vou mandar trocar tudo — disse.

Ela chegou quando eu tinha acabado de mandar uma mensagem para ele. O celular estava em minhas mãos e ela puxou.

— Só falta a pulseira.

— Está no apartamento. Eu só usava lá — respondo. Não vou tentar me explicar com ela. Quem precisa de explicação é Vitor.

— Então até nunca mais, vadia golpista.

Assim que ela se foi voltei para a cama e desabei mais uma vez. Parece que vai ser assim os meus dias. Chorar e chorar. Será que devo agradecer por pelo menos não estar apanhando regularmente? Porque dói demais assim também.

Bateram na porta novamente e ignorei, mas a pessoa insistiu e quando abri vi Jean com uma expressão preocupada.

— Está todo mundo dizendo que você tentou dar um golpe no Rodrigues. O que houve, amiga? — disse já entrando no quarto.

— Eu juro que não sou o que dizem. Acredita em mim, por favor. — Sinto meus olhos se enchendo de lágrimas.

— Claro que acredito. Isso tudo é uma loucura.

— Pode me abraçar? — implorei. Precisava muito sentir que alguém não me odiava.

Jean me abraçou com todo seu carinho.

Quando consegui achar voz, contei tudo a ela.

— Meu Deus, você é casada?

— Desde os treze anos.

— Com um velho?

— Com um monstro que acabou com minha infância e minha adolescência, e agora quer acabar com o que resta de mim.

— Oh amiga! Eu sinto tanto que tenha vivido algo tão terrível. Devia ter me contado.

— Eu tive vergonha de te contar, me desculpe. Tive vergonha de contar ao Vitor também. Foi a chance daquele homem distorcer tudo. Acho que ter aceitado seus presentes só piorou tudo.

— O Vitor foi embora mesmo? Valentim me ligou dizendo que eles estavam voltando ao Brasil por um tempo.

— Sim. Me perdoe por ter atrapalhado seu namoro.

— Então eu vou ter que ficar. Você não pode ficar sozinha com todos contra você.

Foi quando lembrei que amanhã Jean viajaria com seus pais para alguma coisa importante que ela não quis dar detalhes.

— Claro que não! Pode ficar tranquila, amiga. Eu vou chorar muito ainda, mas estarei inteira quando voltar. E quando Vitor voltar vou fazer ele me ouvir, custe o que custar.

— Tem certeza? E se esse homem te procurar novamente? Pode ser perigoso.

— Ficarei esperta. E vou continuar tentando falar com Vitor.

— Isso mesmo. Nada de desistir

Sei que já escondi coisas demais, porém também sei que Jean não viajaria se soubesse da minha gravidez, então me calei. Mais uma vez me calei.

Sozinha

Robin

Um mês. Faz um mês que Jean está fora e não responde minhas mensagens nas redes sociais, nem mesmo fica online. Um mês que Vitor partiu e um mês que descobri que estou grávida.

Para piorar minha situação, fico enjoada com frequência. É diferente do que me falaram meu enjoo não vem durante o café da manhã, ele vem de madrugada, atrapalha meu sono e meu rendimento no trabalho e na faculdade, sem contar que mal posso olhar para os lanches da lanchonete.

E para coroar, todos sabem da minha gravidez e acham que foi tentativa de golpe. Alguns até acham que não estou grávida e outros apostam que o filho não é de Vitor.

Não discuto, deixo que falem de mim, que me apontem.

Pelo menos ainda não tive o desprazer de falar com aquele homem. Já o vi rondando a lanchonete e o campus, mas sempre consigo escapar. Ele ainda não teve coragem de entrar em nenhum desses lugares para falar comigo. Se o fizer, vou procurar a polícia.

Agora na minha rotina tem procedimentos para gestantes. Estou aprendendo muita coisa sobre bebês e gestação. Queria que Vitor estivesse comigo, que acompanhasse o seu filho.

Agora choro menos e me alimento melhor. A médica disse que o feto sente nossas emoções, então tento fazer de tudo para que meu bebê sinta que é amado e que vai ficar tudo bem.

Eu disse que meu azar é cheio de pequenos e grandes brindes, não disse? Pois é, para meu azar, a minha colega de quarto decidiu passar mais tempo no alojamento, dorme aqui todas as noites. E mais de uma vez já reclamou por eu acordar de madrugada correndo para o banheiro.

E mais um brinde veio quando me chamaram para conversar, as mesmas pessoas que me receberam com a bolsa.

— Senhorita Keach, sei que não podemos te expulsar do curso por causa do seu estado, nem queremos isso, mas recebemos mais de uma reclamação de sua colega de quarto sobre não conseguir dormir direito há dias. Ela também é bolsista. Acha justo que seja prejudicada por sua situação? Como se sentiria se estivesse no lugar dela?

Ficaria puta. Se não transei, por que tenho que sofrer com gravidez alheia? — penso.

— O que decidiram fazer? — é minha única pergunta.

— Teremos que cortar seu alojamento. Ainda poderá estudar com a bolsa se manter as notas, mas as regras são claras quanto a reclamações. Reincidência em reclamações ocasionam expulsão do alojamento. Não podemos fazer exceções, nem mesmo no seu estado. Temos que prezar pelo ensino de todos os alunos.

Enquanto eles falavam eu fazia as contas de quanto tempo conseguiria sobreviver com meu salário e o dinheiro que ainda tenho de quando fugi.

— Qual o prazo tenho para sair?

— Uma semana. Sentimos muito.

— Eu também. Posso ir? — não tinha mais nada que eu pudesse dizer. Aprendi desde muito cedo que implorar não resolve nada, apenas nos deixa mais humilhados.

Saio da sala sentindo novamente o chão engolir meus pés. Fico pensando se sempre terei um buraco para me engolir em meu caminho. Eu saio dele, acho que estou livre e caio novamente. É justo?

Agora tenho uma semana para encontrar onde morar. Um lugar barato.

Enquanto isso, ainda tem a imensa dor de ter perdido alguém que era meu porto seguro.

No Brasil

Vitor

— O que foi, filho? — Meu pai pergunta. — Faz um mês que está em casa e desde que voltou que você anda aéreo e nem diz o motivo da volta. Valentim é outro que anda misterioso e irritado.

Valentim está irritado porque não consegue contato com a namorada de nenhuma forma, e segundo a Maristela ela não voltou da viagem com os pais. Ninguém tem notícias.

Quanto a mim... ainda não tive coragem de contar aos meus pais o motivo da minha volta em pleno período de luto. Como eles me apoiam em tudo, ainda não fizeram perguntas. Até agora.

— Cometi o erro de me apaixonar. Agora não consigo voltar ao normal — confesso. Falar com meus pais é algo natural, eu só precisava de um tempo antes.

— Se apaixonar nunca é um erro. — Minha mãe aparece na sala dizendo.

— É quando a mulher mente para você e acaba descobrindo que ela é só uma golpista. Isso até aceitaria, afinal dinheiro nunca foi problema. O que me mata é que ela é casada. A maldita é casada e se juntou com o marido asqueroso para me extorquir. — Minhas palavras saem cheias de amargura.

Minha mãe leva a mão a boca, pasma com a revelação.

— Nossa, filho! Que mulher sem caráter. Como soube disso?

— O marido me procurou. O miserável disse que estava com medo de perder a esposa para um homem mais jovem e rico. Acabou confessando tudo para que eu deixasse ela.

— Como pode existir pessoas assim? Mesmo com tudo que passamos nessa família eu ainda me assusto com a maldade das pessoas.

— É difícil. Estamos em uma época de caos no interior do ser humano. Fazem coisas horribéis por dinheiro, por prazer ou simplesmente por serem mais fortes. — Meu pai diz. Os pensamentos parecem longe.

— Quantos anos essa menina tem? — mãe pergunta.

— Vai fazer dezenove em breve.

— Nossa! Se casou tão cedo.

Dou de ombros, incomodado. E ela continua perguntando:

— Ela é de Nova Iorque?

— Pelo que me contou, nasceu em uma cidade pequena. Mas vai saber se é verdade. Tudo pode ser parte do golpe. Inventar uma menina de interior para enganar o idiota aqui.

Mãe vem e me abraça.

— Ah meu filho, você vai se apaixonar novamente e será por uma boa moça que vai encher seu coração de alegria.

— Já aconteceu comigo. — Meu pai se mete em nosso abraço. Ficamos em um abraço triplo que renova minhas forças,

depois voltamos a nos sentar e continuamos nossa conversa. contei a eles tudo sobre Robin, cada detalhe desde o momento em que a conheci até quando ela confessou que era mesmo casada.

Ainda estávamos conversando quando fomos avisados da visita de Valentim.

— Vamos beber? — convida mal entrando na sala. Depois que vê meus pais, passa uma mão nos cabelos, envergonhado, e os cumprimenta.

— Ainda nada da Jean? — questiono.

— Não, mas tenho notícias da Robin, quer saber? — ele diz e me analisa com o olhar, assim como meus pais.

— O dia que a notícia for sua morte pode me dar o recado. — Me levanto. — Beber só se for aqui na piscina. Não estou a fim de socializar.

— Pode ser.

Meus pais se levantam também. E meu pai diz:

— Bem. Vamos deixar vocês porque temos compromissos. Juízo.

Logo eles somem no quarto e Valentim e eu vamos para a piscina, onde já tem bebidas na área de churrasco.

Não quero nem saber o que aqueles dois estão fazendo no quarto. Prefiro acreditar que estão se arrumando para o tal evento. Pode ser bobagem, mas não consigo imaginar meus pais transando.

Na primeira garrafa, Valentim já começa a lamentar o sumiço de Jean.

O que será que aconteceu com essa garota?

Talvez seja bom começar a investigar a vida dela. Juntando o que meu primo falou, Robin, e o que eu sei, não sabemos quase nada sobre a loirinha.

Estranho. Muito estranho.

Em busca de outro lar

Robin

Com um prazo curto para sair do quarto no alojamento, fui logo procurando anúncios dos lugares mais baratos.

Encontrei um apartamento em um bairro bastante afastado da universidade. Como a lanchonete paga a condução, só vou precisar sair mais cedo. O anúncio dizia que aceitava casal com crianças. Não sou casal, mas preciso de um lugar que aceite crianças. Bebês fazem muito barulho.

Me preparo para visitar o lugar.

Um mulher de roupas austeras que lembra minha mãe, mostra o prédio pichado. Pelo corredor vejo um rapaz entregar drogas a outro. Na rua havia vários pontos de prostituição.

Em algum momento alguém passa a mão na minha bunda e em vários ouço comentários obscenos.

Falo que vou continuar procurando e fujo rapidamente. Por mais que precise de um lugar barato, isso é demais. Meu filho e eu não estaríamos seguros.

— Oi, esposa. — Ouço a maldita voz pouco antes de chegar na entrada do campus. Como se meu dia já não tivesse sido horrível.

Respiro fundo. Dessa vez não vou correr, muito menos me esconder. Esse homem precisa entender que não tem mais controle sobre mim.

Me viro para ele.

— O que você quer dessa vez? Já não destruiu a minha vida o bastante?

Ele coloca a mão no peito, como se houvesse realmente o ofendido. Falso desgraçado!

— Isso não é jeito de falar com seu marido — diz.

— Vá embora ou vou chamar a polícia — ameaço. Nunca mais terei medo desse crápula.

— Como vai chamar a polícia para o seu dedicado marido? O que as pessoas diriam?

Ele continua fingindo. O que me faz perder o controle. Quando vejo já estou gritando:

— Você não é meu marido, você é um maldito pedófilo estuprador. Eu quero o divórcio e já tenho idade para pedir.

— Só que eu não vou dar. — Nem parece se abalar com meu descontrole.

— Se não quer ir embora, fique sozinho.

Ele segura meu braço me causando asco.

— Só mais uma coisa, estou sabendo da sua condição. Posso te ajudar, ele será nosso filho.

Suas palavras me assustam. Quero esse homem longe de mim e do meu filho.

— Nem morta. — Puxo o braço com força. — Prefiro pular de uma ponte com meu filho no ventre que deixar que ele viva o inferno que é estar com você.

— Querida, vai chegar o momento que você vai ter que escolher entre essas duas coisas e estarei lá para te receber de braços abertos.

Dessa vez fujo correndo de perto dele. Estou pouco me lixando se fui covarde ou se as pessoas estão me olhando.

Volto para o quarto e continuo procurando apartamentos. A maioria dos lugares não aceita criança de colo.

O desespero começa a tomar conta outra vez.

Nada de Jean. Estou preocupada com ela.

Nada de Vitor. Parece que ele realmente não se importa com a possibilidade de ter um filho, pois nem mesmo quis procurar confirmar se é seu.

Droga! Não quero acreditar que me enganei com ele.

Fim de laços

Robin

Chego no trabalho atrasada por ter ido ver a casa. O gerente me olha torto, como faz desde que descobriu a gravidez.

Lembra-se do brinde? Pois é.

O pior é que ele nunca gostou muito de mim. Aquelas antipatias gratuitas.

Mal entro e ele me chama na sala da administração.

— Robin, hoje encerramos o contrato com você. Vamos pagar a multa.

— Espera, estou sendo demitida? — Não devo estar ouvindo direito.

— Agradecemos pelo tempo que dedicou ao nosso estabelecimento, mas decidimos encerrar o contrato. — O desgraçado não parecia sentir muito e muito menos agradecer.

Sabe quando você nem consegue mais raciocinar para reagir? Pois é. Estou vendo o chão ir sumindo sob os meus pés em pedaços grandes demais para escapar.

Mal me percebo saindo da lanchonete. Vagamente me lembro que as meninas vieram se despedir.

Quando chego ao portão do campus, finalmente acordo.

Preciso fazer algo. Então vou em direção ao alojamento, mas não ao meu quarto. Vou atrás de Maristela. Não dá mais. Sem emprego nem aquele apartamento perigoso serei capaz de alugar.

Bato na porta.

Quem me recebe é Hanna. Sei que as duas estão no quarto, as vi entrando juntas antes de ir para a lanchonete.

— Posso ajudar? — Hanna questiona abrindo a porta parcialmente.

— Posso falar com Maristela?

— Ela não mora aqui.

— Eu sei. A vi entrando aqui.

— Como eu disse, ela não mora aqui. E mesmo que morasse, ela só fala com quem quiser.

Sinto as lágrimas queimando meus olhos, mas seguro. Chega de chorar na frente dessa mulher que não sabe um terço da dor em mim.

— Tudo bem, Hanna. Eu vou procurá-la em sua casa. — Ela tenta fechar a porta, mas seguro. — Eu não vou mais te incomodar, mas quero que escute uma única coisa. Espero que você realmente seja essa pessoa sem um pinga de bondade que está mostrando agora e não a que conheci antes, porque quando descobrir a verdade por trás dessa merda toda eu não vou mais querer sua bondade nem sua amizade.

— Não preciso da sua amizade.

— Lembre-se disso. Eu posso até perdoar o que fazem comigo, mas quando atinge meu filho não. Lembre-se que você fechou a porta sem a certeza da minha culpa.

Solto a porta, que bate por ela estar escorada.

Não fico para ver se voltou a abrir.

Sei que não é saudável guardar rancor, o que já guardei a ponto de transbordar, só que eu não quero mais essas pessoas em minha vida, nem na vida do meu filho.

Eu estou no meu limite. Minha barriga já vai aparecer, Vitor não voltou do Brasil, sua prima me ignora completamente sem nem mesmo me deixar falar com ela.

Agora estou aqui de tocaia na porta do seu apartamento. Sim, eu realmente vim. Ou ela me escuta ou a cortarei assim como fiz com sua namorada.

— Maristela — chamo assim que ela chega perto para entrar no apartamento.

— Pelo amor de Deus! Você não desiste?

— Eu já teria desistido se não fosse por essa criança. Vitor também é responsável... — minhas palavras são interrompidas com violência.

Juro que não espera por isso. Maristela me agrediu. O tapa fez meu rosto virar. Aposto que ficou a marca dos seus dedos.

— Nunca mais fale de responsabilidade, sua vagabunda. Meu primo está quebrado por sua causa e agora você quer empurrar um filho para ele. Filho que só apareceu convenientemente depois que ele descobriu a verdade. — Ela cospe

as palavras enquanto meus olhos transbordam lágrimas. — Se afaste de nós.

— Pode só me ouvir.

— Se vir com golpe para cima da minha família vou fazer mais que te dar uns tapas.

— Quero perguntar a você sobre o orfanato da sua família.—
Era minha última solução caso tudo der errado.

Maristela me olha desconfiada.

Pensei muito a esse respeito. Vitor me falou muito do orfanato, e no momento não tenho teto nem emprego. Talvez seja a única solução, mesmo que seja em outro país.

— O que quer saber? — seu tom de voz muda.

— Eles aceitariam meu filho?

— Vai abandonar seu filho? Que espécie de mãe é você?

— É a melhor coisa que posso fazer por ele. Se não percebeu, eu estou no fundo do poço.

— Só pode estar louca. E por que insiste nisso? Volte para sua casa e seu marido.

Ouvir isso me fez ter vontade de vomitar.

Realmente essa história de orfanato não foi minha melhor ideia, mas estou ficando encurralada.

Ignoro sua pergunta.

— Escuta, é minha única opção. Não tenho mais emprego, família, e vou ter que sair do alojamento amanhã. Você não quer me

passar o contato do seu irmão, ele não me responde nas redes sociais...

— Quer que eu acredite que o filho é dele?

— Não precisa acreditar em nada. Olha... Olha... — Meu corpo está quase no limite. Por que tudo isso está acontecendo comigo?

— O que?

— Eu... Acho que vou desmaiar.

Tudo se apagou.

Sem saída

Robin

Acordei no hospital.

Droga! Não. Mais uma dívida. Não preciso de mais problemas.

— Enfermeira, por favor — chamo a moça de branco que passa perto da cama.

— Pois não.

— Quem me trouxe?

— Uma ambulância. Veio sem acompanhante. Vou avisar o médico que a senhora acordou. — Ela sai sem me dar chance de perguntar mais nada.

Maristela não vai me ajudar. Ela teve coragem de me deixar sozinha em um hospital. Agora vai embora os últimos centavos da minha conta.

Qual é o problema dessas pessoas? Estão tão certos que esse filho não é de Vitor. Sequer pensam na possibilidade de que seja?

Não posso acreditar que Vitor seja assim. Tenho que ter a esperança que ele não sabe nada do que estou passando. E isso só

vou confirmar quando o encontrar. E se realmente ele não souber, não perdoarei sua prima.

Uma última cartada. É arriscado e pode fazer todos me odiarem ainda mais, porém não posso desistir. Se isso não der certo nem sei. Minha última oportunidade. Seria um escândalo, mas resolveria.

Saio do hospital, depois de me deixarem de repouso e passarem um monte de exame que nem posso fazer. Vou direto para um jornal onde um colega da faculdade trabalha.

— Com licença. Gostaria de saber com quem falo sobre a publicação de uma matéria — pergunto e a recepcionista me indica um andar e uma sala.

Subo e encontro um jornalista. É um rapaz, pouco mais velho que eu.

— Qual é a sua história? — ele pergunta com sua expressão de pura curiosidade.

Conto para ele sobre a minha vida, resumidamente, e pergunto:

— Tem alguma possibilidade de publicar isso?

— Claro. É um escândalo de proporções gigantescas, não só o casamento quanto a gravidez. Os Rodrigues são famosos.

Espero que isso chame a atenção de Vitor. Nem sei se ele sabe do filho. Agora nem ligo mais que ele me odeie, só preciso que cuide dessa criança.

— Você tem como provar a paternidade?

— É só fazer um teste.

— Ótimo. Quero que tire algumas fotos. Amanhã mesmo publicaremos. Acho que dá tempo, ainda não fechamos a edição.

Sigo tudo que ele pede.

Depois de tirar foto, agradeço e vou embora deixando meu contato de e-mail.

Espero e no dia seguinte não sai nenhuma notícia, nem no outro. Ou no outro.

Quando menos espero, Maristela aparece na porta do quarto. Estou entrando escondido para dormir no quarto de Jean, já que ela estava sozinha desde que a sua colega desistiu do curso e eu tinha a chave do quarto. Afinal meu tempo de sair do meu já esgotou e ainda não tenho para onde ir.

— E ainda tem coragem de dizer que não quer nos extorquir.
— Maristela fala. — Sua matéria sensacionalista não vai sair, pode desistir. E pare logo com esse teatro de pobre menina grávida. Volta para o seu casamento e desista do meu primo. Não quero mais te ver em nenhum lugar que eu estiver. Já deu, vadia!

Dessa vez sou eu a fechar a porta na cara de Maristela.

Não gosto de sentir ódio ou raiva, mas é tudo que estou sentindo. Essas pessoas não estão me dando a chance nem de lutar. Isso é injusto.

“Querida, vai chegar o momento que você vai ter que escolher entre essas duas coisas e estarei lá para te receber de braços abertos.”

Parece que esse maldito dia chegou.

Sem opção

Robin

Nem espero amanhecer, vou até a sala de TV e uso o telefone fixo que os alunos compartilham. Enquanto espero ser atendida, falo mentalmente com meu bebê.

“Meu bebê, eu não quero que tenha uma vida miserável... mas preciso garantir que viva até eu conseguir falar com seu pai. Ele tem que te proteger. Eu sei que quando ele souber que vai ter um filho, ele vai cuidar de você. Enquanto isso, eu cuidarei.”

— Alô! — ouço a odiosa voz, aquela que desejei nunca mais ouvir.

— Richard, é a Robin. — O nome sai com dificuldade da minha boca.

— Minha querida esposa, a que devo a honra dessa ligação? Acredito que tenha pensado melhor nas suas opções.

Que vontade de desligar esse telefone. Infelizmente eu não posso. Vitor ainda não visualizou nada do que mandei. Duvido que tenha ouvido a única mensagem de voz que enviei antes de Maristela tomar o telefone.

Respiro fundo e respondo:

— Pensei. Eu vou voltar para casa. Serei seu saco de pancadas e...

— E de esperma? — debocha rindo.

Seguro a vontade de vomitar. Só de imaginar ficar à mercê desse homem outra vez me deixa doente.

— Serei o que quiser e não tentarei fugir. Com a condição de que nunca toque no meu filho.

— Não acho que esteja em condições de fazer exigências.

Claro que o desgraçado iria querer tratar meu filho como faz comigo. Só que não estou aceitando voltar para inferno para que ele se queime nas chamas, ao contrário, minha única intenção é salvá-lo de viver na rua com frio e fome, exposto a violência de pessoas cruéis como já ouvi falar várias vezes. Até mesmo já ouvi universitários se gabando de surrar pessoas de rua. Desprezo essas pessoas. E sim, eles não sabem, mas os denunciei, e adorei ver que sumiram do campus sem dar explicações. Cada um inventava um história diferente, quando eu sabia a verdade... O que importa é que não deixarei meu filho sujeito a nada disso.

Tive que sair do meu pequeno inferno para descobrir que monstros estão em toda parte.

— Engano seu. Ainda tenho a opção de pular de uma ponte. E pode ter certeza que prefiro isso a condenar meu filho a uma vida de violência. Ele vai ser seu e você vai tratá-lo bem. Ou isso, ou nada. E se mentir, garanto que mato você, seja com veneno ou enquanto estiver dormindo. Não terei nada a perder, não duvide, pois não sou mais a menina que fugiu de você. Sei muito bem que posso me tornar uma viúva...

— Tudo bem. Temos um trato. — Ele me interrompe. Espero que não pague para ver. — Sua cria vai ser registrado como meu e logo terá um irmão.

— Prometa que não vai machucá-lo e que nunca vai me machucar na frente dele. — Não sou idiota de exigir que ele não me castigue. Isso nunca vai acontecer

— Prometo que todos os castigos quem receberá é a mãe e no nosso quarto, longe de olhares curiosos.

— Ok. Temos um acordo.

— Amanhã te busco na porta da sua faculdade. Aproveite para se despedir de suas amiguinhas putas. Vai perder a timidez e apresentar seu marido.

Volto para o quarto para tentar dormir minha última noite aqui. Pelo menos levarei boas lembranças. E se Vitor não nos resgatar, ainda garantirei que meu filho não se machuque. Sou capaz de qualquer coisa por essa pequena vida dentro de mim.

Me perdoe por ser a pior mãe que poderia ter.

É um sonho?

Robin

Nem cheguei a terminar o primeiro semestre. Que grande farsa eu sou. Hoje é meu último dia na cidade, meu último dia na faculdade, e sinto como se fosse meu último dia na terra.

Ao que parece nem vou me despedir de Jean. Deixo minhas coisas tudo para trás, as roupas, os calçados, sei que ele não vai me deixar usar.

Queria pelo menos abraçar minha amiga e dizer o quanto ela é importante para mim. Espero que esteja bem. Ela não voltou da viagem com os pais e isso me preocupa. Infelizmente ninguém sabe dela.

Ando até o portão quase cega pelas lágrimas. É impossível vel contê-las, e nem tento. Posso ver Richard encostado em seu carro. Queria tanto que fosse outro carro, outra pessoa encostada nele.

“Quem é aquele velho?”

“Meu Deus, será que ela é sugar?”

“Ainda queria dar uma de santinha superior.”

“Coitado do Vitor. Vai perder o semestre por essa puta.”

“É o marido velho da golpista.”

Ouvia os comentários e engolia a dor. Repetindo para o meu bebê que estava tudo bem. Não queria que ele absorvesse nada, por isso usei toda minha força para parar de chorar e comecei a cantar uma música mentalmente. A música que Vitor cantava para mim quando tinha pesadelos com esse homem que me aguarda.

“Então mire as estrelas e salte o mais alto que der
Tome distância, e faça o melhor que puder”

Eu farei o melhor que eu puder. Farei tudo que puder.

— Robin? — olho para trás e vejo uma loira com uma mala vermelha. É Jean. Finalmente ela está de volta e bem. Só balanço a cabeça negando. É tarde demais. Até para despedidas.

— Essa não pode ser a estrela que você vive mirando — insiste, vindo em minha direção. Ela faz referência a música que vivo cantarolando. — Vamos dar um jeito de resolver. Eu vou lutar por você. Tenho dinheiro, posso cuidar de vocês.

Eu já estava em prantos novamente, dando um show na porta da faculdade.

As palavras de Jean me fizeram duvidar que estava fazendo a coisa certa. Mas como eu podia colocar o peso dos meus erros nas costas da minha melhor amiga?

Richard me alcança e aperta meu braço.

— Não terá outra chance de dar uma vida a esse feto — fala perto do meu ouvido, alto o suficiente para quem estivesse perto

ouvir.

Vi o olhar de pena da prima de Vitor. Sim, ela também veio ver o show. Pena? Agora? Não preciso de pena. Eu preciso de um milagre. O que eu preciso é que ela me ofereça uma saída da qual não seja voltar para o inferno de onde sai.

— Comece a andar, esposa. Você só tem a mim.

— Isso não é bem verdade. — A voz que ouvi me fez perder a força das pernas. Se Richard não estivesse me segurando com tanta força eu estaria no chão.

— Então chegou o merdinha que anda comendo mulher casada? Não desistiu de fazer papel de trouxa?

— Eu sou o merdinha que vai quebrar todos os seus dentes se não soltar ela agora.

Ele me solta e vai na direção de Vitor, que lhe acerta um soco, o fazendo perder o equilíbrio. Ele tenta ir para cima de Vitor, mas um homem bonito o segura com facilidade, ele se parece bastante com Vitor.

Fiquei parada no mesmo lugar. Sem chances de eu conseguir andar.

Vitor caminhou até mim e me abraçou forte.

Ele começou a cantar no meu ouvido:

“Vença seus medos

Você é capaz de voar por cima das vozes

Que gritam pra você parar

Não há nessa vida algo que não se possa alcançar

“Você só precisa ir buscar”

— Você disse que nunca ia me deixar — choraminguei em seus braços. — Você me deixou.

— Me desculpe. Estou de volta. Acredite em mim.

— Eu não queria mentir. Só queria que aquilo desaparecesse, que não sentisse nojo de mim. — Mal tinha ideia do que estava falando. Só queria mesmo não acordar desse sonho, pois muitas vezes acordei depois de sonhar que ele estava de volta.

Ele continua me apertando em seus braços, me embriagando com o perfume do seu corpo.

— Quero você por inteiro, o lado que tem orgulho e aquele do qual se envergonha. Não me esconda mais nada — sussurra no meu ouvido. O que me faz chorar mais.

— Eu te odeio, Vitor. Vocês são todos iguais.

— Não, você me ama. E vou te provar mais uma vez que não sou como esse lixo.

Ele me aperta forte em seus braços.

— Voltei, meu amor. E ninguém mais vai me afastar de você.

Noiva criança

Vitor

— Estão assistindo o que? — pergunto me sentando entre meus pais. Eles já namoraram demais, é hora de dar atenção a esse filho carente.

Estou por um triz de voltar correndo para Nova Iorque me jogar aos pés de Robin, de trabalhar dia e noite para que ela nunca precise de alguém mais poderoso. Isso me enche de raiva.

— Designated Survivor. — Mamãe responde.

— Estamos planejando abrir uma filial da Rodrigues nos Estados Unidos e sua mãe acha que o melhor jeito para se aprender sobre o lugar é assistindo essas coisas.

— Mentiroso! — Mamãe o belisca. — Uma coisa não tem nada a ver com a outra. Estou assistindo porque a Bia me indicou. Quando formos pesquisar sobre a abertura da filial vamos consultar você, meu filho. Quem melhor para nos dar uma visão?

— Vão abrir de qual Rodrigues? A empresa de joias ou a boate?

— Agora que falou, seria uma boa ideia abrir das duas. — Chego a ouvir as engrenagens da mente do meu pai funcionando.

— Posso ajudar. Conheço bastante pessoas por lá.

— Odeio essa cena. — A atenção da minha mãe foi para a tela. — A Bia assistiu e disse que quando viu isso ficou revoltada por saber que realmente acontece.

— O que? — olhei para a tela e só vi o que parecia ser o personagem principal tirando fotos com uma menina e seu pai.

Antes que ela respondesse, vi o personagem descobrindo que a menina era esposa e não filha do velho ao lado dela.

— Que nojo! — sai da minha boca automaticamente.

— Pois é. Só de pensar nisso fico surtada. Imagina uma de suas primas em uma situação assim. Meu Deus!

— Eu mato o desgraçado. — Dessa vez sai no automático da boca do meu pai.

— Eu ajudo — afirmo.

— Depois que Bia me contou, fiz uma pesquisa e descobri que famílias vendem meninas que ainda nem menstruaram para ser noiva, por dinheiro para comer, por questão de religião, e sei lá mais o que. — Ela balança a cabeça negando. — Não quero falar sobre isso, vou pular essa parte. Me dá raiva não poder ajudar o mundo inteiro. E isso me faz duvidar de Deus, que tem esse poder.

— Você me fez lembrar de alguém — comento, sentindo um misto de tristeza e raiva.

— Dela? — É impossível vel esconder algo da minha mãe.

— Sim. Ela não acreditava em Deus. Dizia que ele não ajudava a todos e isso era injusto. — É a minha vez de balançar a cabeça, negando. — Será que nunca vou esquecer aquela mulher?

— Vai, meu querido. Dê tempo ao tempo.

Sem meu consentimento meus pensamentos vão para todos os nossos momentos. A dificuldade que ela tinha de se entregar, seus segredos nunca contados, ela chorando por causa de um simples beijo, nunca querer falar sobre sua família.

“Jovens, velhos, vocês são todos uns...”

“Os homens acham que por ter força física maior que da mulher tem que subjugar-las. Isso está errado.”

“Confesso que também gosto de ficar com você, até dos seus beijos selvagens. Mas não gosto de sexo, Vitor. Não posso dizer que terá isso comigo. E se isso render e eu acabar fazendo, será só para não te decepcionar.”

“Tem algo sobre mim que preciso confessar, mas ainda não estou pronta para contar. Não estou pronta para que me olhe diferente ou até mesmo que deixe de gostar de mim.”

“O que é ferir? Talvez um dia eu esteja pronta para falar sobre eles. Não hoje. Talvez nunca esteja. Só saiba que o que construirmos, da minha parte só terá a mim. Espero que seja o suficiente para você.”

“Vitor, eu não te enganei. Por favor, se acalme e me deixe te contar o que escondi por vergonha.”

Várias falas vinham à minha mente. Me perguntava por que ela procurou sua vítima em uma universidade. E se ela fosse apenas uma vítima? E se...

— Não seria possível.

Me levantei de uma vez. Um pensamento estranho.

— O que foi? — Minha mãe me olha estranhando meu gesto.

— Quando vi os papéis do casamento dizia que ela se casou com dezesseis anos, com consentimento dos pais — falo mais para mim que como resposta a pergunta dela.

— Você acha que ela pode ser uma dessas noivas crianças?
— questiona lendo meus pensamentos como apenas uma mãe é capaz de fazer.

Balanço a cabeça. Estou desesperado assim para voltar para ela?

— Pensei, mas devo estar procurando jeito de justificar sua traição. Sou a porra de um fraco que busca até na ficção uma desculpa para perdoar.

Mamãe me olha com carinho. Nem briga por causa do palavrão.

Meu telefone toca. É Valentim em uma chamada de vídeo.

— Atendi aqui, deixa eu dar oi a Valentim. Se tiverem segredos depois você foge. — Meu pai fala, mantendo minha mãe em um abraço. Ele está pensativo, aposto que vai pesquisar tudo que puder sobre Robin. E confesso que farei o mesmo, nem que seja para encher de informações sobre seu mal caráter e desistir de uma vez.

Atendi e coloquei Valentim para cumprimentar a todos.

— Podemos bater um papo particular? — ele pergunta. Posso ver que está estranho.

— Vai para o seu quarto, filho. Seu pai e eu vamos continuar vendo a série.

Vou para o quarto.

O que será que esse clone do meu tio Antônio quer?

As mensagens

Vitor

— Pronto, diz o que aprontou — falo após me sentar em minha cama.

— Você que aprontou.

— Do que está falando?

— Escuta, você disse que não quer saber notícia da Robin, então nem pedi que Maristela me contasse.

— E? — o interrompo.

— Eu liguei para minha irmã outra vez para saber sobre Jean e ela acabou me contando coisas que você precisa saber. — Fico mudo, só esperando a bomba. — Cara a sua ex está tentando espalhar que está grávida de um filho seu. Primeiro ela procurou Maristela, depois procurou um repórter sensacionalista. Minha irmã não quis dizer nada antes porque achou que era um golpe. Só que ela veio com uma ideia de perguntar sobre colocar uma criança no orfanato e Maristela começou a duvidar se realmente é um golpe da barriga. Ela acha que é golpe, mas se existe a mínima chance de ser sua cria precisava te contar.

— Vamos descobrir. Me mantenha informado. E avisa a Maristela que estou voltando.

Um filho? Isso muda tudo. Jamais vou deixar que um filho meu seja criado por aquele verme.

Depois que desliguei fui até meu Instagram. Era a única rede social que eu usava e que deixei de lado desde que voltei ao Brasil. Não queria ver nada que me lembrasse ela, apesar de ser idiota uma vez que aquela mulher está impregnada em mim.

Havia várias mensagens dela. A primeira era a que sempre mandava quando acordava. Depois ela começou a dizer que precisávamos conversar, deve ter descoberto que vim para o Brasil. Ela revelou que estava grávida e que não conseguiria fazer isso sozinha. Cobrou por eu ter dito que nunca a deixaria. Cobrou por deixá-los sozinhos.

Depois disso ela mandou uma mensagem por dia usando a letra da música que eu gostava de cantar para ela quando dormia em meus braços. Era algo nosso. Às vezes eu tinha dificuldades de dormir e só conseguia depois de cantar para ela. Era como se sentisse necessidade de espantar seus pesadelos.

Estrofe por estrofe, ela me mandou a música toda. Sempre adicionado uma mensagem ao final.

Eu sei que às vezes dá vontade de parar

Mas, se você desistir, quem vai lutar por você?

Eu não vou desistir de nós. Você precisa me dar uma chance de contar a verdade que guardei para mim.

Tanta luta pra chegar até aqui

Tanta história, pra agora desistir?

Eu não vou desistir de nós. E espero que se você desistir de mim, pelo menos não desista do seu filho.

Caso aconteça, deixe o cansaço pra trás

E nunca se esqueça: Por aqui não há tarde demais

Estou cansada de cair, mas ainda não estou pronta para desistir. Às vezes acho que vou morrer de tristeza.

Então mire as estrelas e salte o mais alto que der

Tome distância, e faça o melhor que puder

Estou fazendo o melhor que posso e parece que não é suficiente. Estou perdendo cada ancora, cada porto.

Só não se permita viver na sombra do talvez

Aqui só se vive uma vez

Pode ser fraqueza, mas preciso que seja a estrela que vai me tirar dessa escuridão. Vitor, me ajuda. Eu não aguento mais.

Muitos medos vão tentar te segurar

Muitas vozes vão dizer que não vai dar

Uma voz do passado veio me dizer que estou lutando em vão. Quero acreditar que não.

Sempre persista, não importa o que vão dizer

Só nunca desista do sonho que existe em você

Estou perdendo uma arma por dia. Me pergunto se vou perder a chance desse sonho. Me pergunto se devo desistir de acreditar que você não é como eles.

Vença seus medos

Você é capaz de voar por cima das vozes que gritam pra você parar

O meu medo se aproxima cada vez mais. E você cada vez mais distante.

Não há nessa vida algo que não se possa alcançar

Você só precisa ir buscar

Não te alcancei. E agora existe alguém que amo mais que a você ou a mim. Nosso filho precisa de mim. Estou fazendo tudo que posso por ele. Mesmo que você me odeie. Mesmo que eu tenha que voltar para o inferno.

E encontrar, na persistência, seu valor

E, apesar do seu cansaço, sua dor nunca se entregar

Agora vou lutar com minhas armas no fogo do inferno para onde voltarei. Cansei de esperar um milagre. Sempre soube que não existe um deus.

Depois de ler, coloquei a única mensagem de voz que ela enviou.

“Vitor, é verdade que escondi de você meu passado vergonhoso. Nunca achei o momento certo para te contar, então vou contar no pior deles. — Ela faz uma pausa. — Lembre de quando me disse que achava que eu era virgem? Eu não quis dar detalhes, mas perdi minha virgindade com treze anos, quando meus pais me deram em casamento com um dos irmãos da igreja. Eu ainda nem tinha menstruado quando perdi minha virgindade com um homem trinta anos mais velho, foram os piores anos da minha vida. Quis morrer, e finalmente consegui fugir. Eu... Eu sinto muito. Só queria que me visse como a mulher que eu queria ser. Tive medo que sentisse nojo de mim se soubesse que não passo de um objeto que foi usado por aquele homem. — Ouve um longo silêncio. Até cheguei a pensar que ela não falaria mais. Só que ainda havia o último golpe. — Só queria saber o que fazer para que me ame novamente e não abandone seu filho.”

Sinto lágrimas quentes descerem pelo meu rosto.

Deus não...

Desesperado

Willow

Desde que Vitor chegou que não paro de me preocupar com ele. Meu menino parecia tão feliz com a namorada. Sempre que nos ligava ele falava que ela era incrível, o quanto queria que a conhecêssemos. Alexandre e eu estávamos até planejando fazer uma surpresa aparecendo em Nova Iorque para uma visita.

Quando ele chegou, percebi o quanto estava quebrado. E para sair no meio do período letivo algo grave aconteceu. Não perguntamos o que houve, não mencionamos sua namorada, esperamos ele se sentir pronto para contar.

O destino não quis que Vitor tivesse irmãos. Algo que nunca foi problemas para Alexandre e eu. Nosso filho tem muitos primos, e foram criados como irmãos. Se tem algo que ele nunca precisou sentir foi solidão.

Como filho do Grande Pai, Vitor logo cedo entendeu o quanto era respeitado, por isso o ensinamos a respeitar a todos da mesma forma. Graças a Deus nosso filho sempre foi iluminado.

Confesso que fiquei aliviada quando ele revelou não desejar seguir com a herança das atividades obscuras da família, quando decidiu estudar para ficar a frente da empresa de joias. Só não

gostei muito quando foi para Nova Iorque, como mãe coruja que sou, queria meu bebê por perto, mas entendo que ele precisa voar, cometer seus erros e acertos, é o ciclo da vida.

Quando soube o que aconteceu para ele voltar, fiquei com muita raiva. Pelo menos até aquela cena da série, que fez com Vitor suspeitasse de algo que se fosse real era muito grave.

— Você acha que tem alguma chance dessa mulher ter sido uma noiva criança? — pergunto a Alexandre logo que Vitor sai para falar com Valentim.

Ainda estamos no sofá. E eu não consigo parar de pensar no rosto do homem e da menina que vi na cena.

— Talvez. Vamos descobrir tudo sobre essa mulher. Amanhã mesmo falarei com André. Ninguém consegue se esconder do meu irmão.

Ele tem razão, precisamos descobrir de uma vez por todas.

— Não sei o que é pior. Se é ela ter enganado nosso filho ou ter passado por algo assim.

Alexandre só me abraça. Não há o que dizer. Essa situação é péssima. Já vivemos muita coisa terrível nessa família, por causa dos assassinatos que eles ainda fazem, como se fosse um trabalho. Ainda assim, coisas como o coração partido do nosso filho ainda nos deixa chateados. Se eu pudesse não deixaria meu filho sofrer nunca.

Continuamos a ver a série agarradinhos e em silêncio. Minha mente fica viajando pela minha relação com Alexandre desde o momento em que o vi naquela boate, até o nascimento do nosso

bebê, que hoje é um homem. Não mudaria nada em minha vida se isso fosse alterar nossa família, mesmo com todas as pedras que precisamos tirar do caminho, mesmo com todos os perigos que passamos.

Acabo sorrindo e Alexandre percebe.

— Um doce pelo motivo do seu sorriso — diz.

— Estava lembrando de quando nos conhecemos.

— Sentindo falta de sentar no meu pau, esposa?

— Não sei como poderia se já fiz isso duas vezes hoje.

— Que tal uma terceira? — tenta me puxar para o seu colo, mas me desvencilho.

— Nosso filho está aqui. Vamos resolver as coisas dele primeiro e depois... — deixo em aberto.

— Depois você senta. — Me provoca.

Alexandre é uma máquina. Às vezes dá até trabalho acompanhar seu tesão.

Me deito com a cabeça no seu colo, colocando uma almofada, não quero nem saber da sua ereção. E voltamos a assistir a série. Quero esperar Vitor sair do quarto para falarmos sobre seus problemas e oferecer ajuda.

Se passaram poucos instantes. Até que ouvimos um barulho. Parecia algo se quebrando. O barulho foi aumentando ao ponto de corrermos para o quarto do nosso filho.

A cena era terrível. Vitor, transtornado, quebrava tudo no quarto. Estava tão louco que sequer notou nossa presença.

Foi péssimo ver meu filho assim.

Alexandre teve que segurá-lo e demorou muito para que ele começasse a se acalmar.

Essa era cena que eu jamais gostaria de ter presenciado, meu filho quebrado.

Voltando

Vitor

Deixo o telefone na cama e me levanto. Parece que o chão sob os meus pés desaparece aos poucos sem ter opção de apoio.

Caminho até o closet, nem sei porque. A imagem no espelho me devolve um rosto banhado em lágrimas. Era exatamente assim que eu deveria estar... não, deveria estar pior, deveria estar sangrando por todas as merdas que fiz.

Tento voltar para a cama e pegar o celular para ligar para Robin, só que não consigo. É tanta raiva dentro de mim, tanto desprezo por aquele homem e por mim. Arremesso a primeira coisa no espelho. É um porta retrato. E assim começa, assim perco o controle.

No instante seguinte meu pai me segurava e minha mãe tentava me acalmar.

Demorou para perceber que eu havia destruído meu quarto e cortado minha mão. Pelas manchas na parede, foi ali que bati.

— O que houve? — mamãe pergunta assustada.

— Eu sou um merda, foi isso que houve. — Tento me afastar do aperto do meu pai, mas é impossível.

— Se acalme, meu filho. Diga o que aconteceu. — Ele diz, finalmente me soltando.

Sem forças, acabo de joelhos no chão, segurando a cabeça em completo desespero.

— Treze anos, mãe. Aquele maldito a estupra regularmente desde os treze anos. — Puxo meus cabelos. Eu preciso sentir dor. Preciso sentir qualquer coisa que me faça me sentir menos inútil.

Sinto o perfume da minha mãe de perto quando ela se ajoelha e me abraça.

— Filho, eu sinto muito. Mas você ainda tem a chance de voltar e corrigir as coisas. Não pode apagar o passado dela, mas pode mudar seu presente, seu futuro.

— Eu a deixei. Ela está grávida e eu a deixei sozinha com um filho meu. E se aquele homem fizer algo? Se a levar? Se machucar os dois?

Minha mãe fica muda com a revelação da gravidez.

— I so não vai acontecer. Tente falar com ela. — Meu pai diz. Ele ligou o modo pratico. Eu preciso fazer o mesmo. Parar de lamentar e reagir.

Levanto e pego o celular sobre a cama.

Rapidamente disco o número do aparelho que lhe dei. Ninguém atende.

Quando estava desistindo uma voz conhecida atendeu.

— Maristela? — pergunto sem entender o que ela está fazendo com esse telefone.

— Oi, primo. Por que está ligando aqui?

— O que está fazendo com o celular da Robin? — ignoro sua pergunta.

— Eu meio que peguei de volta tudo de alto valor que você deu a ela.

— Quem te autorizou?

Sei que fui eu, só não consigo acreditar que fiz essa merda e quero gritar com alguém.

— Vai se ferrar, Vitor! Você me faz acreditar que é mulher é uma golpista e agora está revoltadinho.

Ela desliga sem esperar resposta.

— Vou voltar para Nova Iorque agora.

— Deixe que providencie o jatinho.

Deixamos o quarto o caos que estava e começamos a correr para viajar. Avisei Valentim, pois sabia que ele poderia querer voltar também.

Nunca mais a deixarei

Vitor

Pegamos o jatinho e partimos para Nova Iorque. Nem me lembrei de superstição ou medo.

Até tentei impedir meus pais de irem, mas quando souberam da gravidez não teve quem os segurasse em casa. Minha mãe adorou a ideia de ter um neto, ainda que esteja abalada com o pouco que sabemos sobre Robin.

Quando chegamos, uma sensação forte me fez seguir direto para a faculdade, Valentim e meus pais me seguiram.

Logo que os táxis pararam na porta, vimos que estava armado um circo e minha Robin era estrela principal. Ela estava tão linda. Ainda não havia barriga evidente.

Ao ver aquele homem apertando seu braço, deixei meus pais para trás e corri até ela, a tempo de ouvir o desgraçado a ameaçando.

— Não terá outra chance de dar uma vida a esse feto — dizia. — Comece a andar, esposa. Você só tem a mim.

— Isso não é bem verdade. — chamei a atenção de todos para mim. Só queria a atenção dela, mas tudo bem.

Coloquei o filho da puta em seu lugar e a abracei forte. Ao ver que ela estava no seu limite, cantei em seu ouvido.

Ainda estávamos agarrados quando meu pai me cutucou.

— Acho que vocês vão conversar melhor no seu apartamento. Sua mãe e eu vamos ficar em um hotel.

— Podem ficar no apartamento. O quarto de vocês está pronto.

— Tem certeza?

— Claro. Robin e eu podemos conversar no meu quarto. — Me virei para Robin. — Robin, esses são meus pais Alexandre e Willow. Pais, essa é a minha namorada.

— Oi — ela falou.

— É um prazer conhecer você. — Minha mãe disse.

Após uma breve apresentação, levei Robin para meu apartamento.

— Você está segura agora.

— Só até você decidir ir embora e me deixar em outro pior momento. Só até que duvide de mim e não me dê a chance de reagir.

— Isso não vai acontecer

— Pois não acredito em você. Foram meses, Vitor. Meses tão infernais que me levaram ao fundo do poço de implorar aquele homem que me aceitasse de volta só para que meu filho pudesse nascer.

— E acha que ele cuidaria do nosso filho?

— Aquele crápula pode ser o pior ser do universo, mas tem palavra. Ele prometeu que não faria nada com meu filho.

— E você acreditou? O que ele teria em troca?

— Alguém que não reclamaria por ser espancada três vezes ao dia e abriria as pernas sem resmungar todo domingo.

— Essas suas marcas não são de brincadeiras de infância.

— Lembro de algumas marcas que vi em seu corpo.

— Ainda são de infância, só não de brincadeiras.

— Porra! Eu vou matar aquele...

Ela virou as costas e me deixou falando sozinho. Entrou no banheiro e fechou a porta. Como não trancou, a segui e encontrei vomitando.

Sai do banheiro e do quarto, em busca de algo que ajudaria. Meus pais devem saber, espero que não estejam transando.

Fui até o quarto, mas eles não estavam, os encontrei na cozinha.

— Mãe, o que é bom para enjoo?

— Picolé de limão, você tem? — foi meu pai que respondeu, causando um sorrisinho no rosto da minha mãe.

Fuço a geladeira e realmente encontrei picolé de limão. Deve ser coisa de Maristela.

Levei ao quarto e entreguei a Robin. Ela estava terminando de escovar os dentes com a escova que não teve tempo de levar embora.

— Meus pais disseram que ajuda no enjoo.

Ela pegou.

— O que você pretende, Vitor? — perguntou.

— Quero cuidar de você e do bebê. Fique aqui comigo.

Ela balançou a cabeça negando.

— Deve haver algum emprego para uma mulher grávida. Eu vou ficar aqui, mas não vou depender de você. Baixei a guarda só uma vez, não vai acontecer novamente. E mesmo morando juntos, não teremos nada.

— Meus pais querem abrir uma filial da empresa aqui. Vou te contratar para me ajudar. — Peguei o celular e transferi um valor para a sua conta. O celular dela vibrou e ela ignorou. — Olha, deve ser a transferência do valor que eu te devia. É o valor do carro que você me ajudou a não perder.

— Mais que justo. — Deu de ombros. — Onde posso dormir?

— Como sabe só tem três quartos e um é da minha prima e o outro está ocupado com meus pais. Vamos dormir juntos. Somos adultos e podemos dormir sem um invadir o espaço do outro.

— Certo.

Segurei sua mão impedindo que se fosse.

— Sinto muito pelo que te fiz passar.

— Eu também. Sabia que você me machucaria, só que fui fraca demais para resistir ao primeiro carinho que recebo. Como um animal de rua.

— Robin!

Novamente ela me ignora e segue para o quarto onde já estive tantas vezes.

Sobre a melhor amiga

Robin

Estava na sala, sozinha, quando a campainha tocou. Assim que entrei no quarto, Vitor apareceu e estou cansada demais para discutir qualquer assunto.

Ouçô a campainha novamente e fico com medo de atender e dar de cara com Richard. Mas vi pelo monitor de segurança que era Jean.

Abro a porta e sou logo envolvida pelo seu abraço.

— Você está bem? Te magoaram?

— Ela está bem. — Olho para trás e vejo Vitor só com a calça de um moletom. Machuca ainda sentir fogo passeando por minhas veias ao vê-lo assim.

— Você não me deu uma chance, amiga. — Ela ignora o recém-chegado. — Estou aqui para terminar de dizer o que queria na frente da escola. Saiba que você não precisa daquele homem, nem desse. Você tem em mim uma amiga e uma família.

— Obrigada! — lágrimas descem pelo meu rosto. Ultimamente ando chorando atoa, apesar de que agora não é atoa. A minha amiga está oferecendo o pouco que tem.

— Não fui muito sincera com você também. Por sorte não fui a única a mentir. — Percebo que estamos conversando na porta e a chamo para dentro. Sei que a casa não é minha, mas não estou em condições de pensar claramente.

— Bom dia! Dormiram bem? — Ouço os cumprimentos dos pais de Vitor e de Valentim. Retribuí mose vejo a troca de olhares da minha amiga com o garoto. Espero não atrapalhar a relação dos dois.

— Como eu disse antes, menti sobre uma coisinha.

— O que?

— Eu não sou exatamente uma aluna comum. Meus bisavós fundaram a universidade e meus pais, assim como meus avós, são seus maiores benfeitores. — Todos olhavam para nós, posso jurar que estavam tão pasmos quanto eu. — Então, o que eu queria dizer é que você pode morar comigo. Nada vai faltar para você e seu bebê. Além de que para mim, não me importa se você já foi ou é casada, ou se já foi homem. Você é minha amiga, e só. Eu te amo, sua freira.

— Ah Jean! — a aperto em meus braços. — Te amo também.

— Vamos comprar uma casa com jardim e cuidar dessa criança como se fossemos duas mães. Só que mesmo te amando não vai rolar sexo. Falta algo em você.

— Sua boba! Obrigada por sempre estar comigo. Uma vez eu disse que você foi a única que me estendeu a mão, e hoje posso confirmar.

— Quer ir embora agora?

— Quero.

— Ninguém sai daqui. Eu ainda sou o pai dessa criança e estou aqui. — A voz fria de Vitor me atinge com força.

— Está aqui agora. Não esteve durante os meses que levaram minha amiga a quase voltar para uma vida de violência para o filho poder nascer. Não estava quando ela perdeu o emprego e o teto. Se ela quiser, vamos embora agora. — Jean o enfrenta.

— Você não sabe com quem está falando. — Ele rebate e recebe um olhar de advertência do primo.

— Nem você. Pode ter poder no seu país, mas aqui, como vocês mesmo costumam dizer: o buraco é mais embaixo.

— Ninguém vai tirar Robin daqui.

— E seu quiser ir? Vai me prender aqui? Vai me amarrar? Escuta aqui, eu não vou mais... não vou... — não consigo falar direito. Está difícil respirar. Eu não quero viver com Vitor aquilo do qual fugi. E se ele não for bom para o nosso bebê?

Vitor me fez sentar no sofá.

— Acalme-se, querida. Respira devagar. — A mãe dele se abaixa na minha frente falando. — Não pode se estressar ou fará mal ao bebê. Não se preocupe que ninguém vai te impedir de fazer nada, se quiser morar com sua amiga, eu mesma te levo.

— Mãe.

— Vitor, a mulher que você ama e seu filho estão em jogo. Não te criei para pensar primeiro em você em uma situação assim. Eu não vou deixar que essa mulher viva o medo que vivi antes do seu pai deixar de ser idiota e fazer o que era certo.

Sigo o olhar de Vitor em direção ao seu pai.

— Ela está mais que certa. E eu nem demorei tanto assim.

— Vocês podem sair um pouco e me deixar conversar com minha mulher?

— Não — segurei a mão de Jean.

— Calma, amiga. Vai ficar tudo bem. Se não quiser conversar ele não pode te obrigar.

— Mas eu sugiro que conversem. Sua amiga e nós vamos conversar no café aqui na frente. Afinal estamos todos sem café da manhã. Voltamos em trinta minutos no máximo.

— E traremos bolos e pães para a grávida.

Ele se vão.

Vitor me olha tão frio que me encolho no sofá. Ele vai me bater?

A conversa

Robin

Ele levanta a mão bruscamente e minha reação é cobrir minha barriga. Antes me preocupava com o rosto, não mais.

— O que está fazendo? Você achou que eu iria te agredir? Que porra, Robin! Acha que sou como o merda do seu marido?

— Não posso viver com medo. Eu não suportaria mais. Você me deixou, agora quer me manter aqui mesmo contra a minha vontade. O que falta para começar a me machucar fisicamente se já começou a fazer com minha alma?

— Falta eu deixar de ser homem. Coisa que não pretendo. E, porra, não venha me fazer de único vilão. Se você tivesse me dito a verdade eu não entenderia tudo errado.

— Como eu poderia chegar e dizer: Vitor, só uma coisa, meu pai e me fizeram casar com um homem com mais que o dobro da minha idade, que perdi minha virgindade antes de menstruar, que era castigada todo mês quando menstruava por não dar um filho a ele e que rezei para todos os deuses me livrarem daquilo todos os dias. Até não aguentar mais e fugir.

— Robin...

— Queria que eu dissesse que não transava com você por medo de me sentir da mesma forma que me sentia com aquele homem.

— Escuta, meu amor...

— Não vem com meu amor, Vitor. Eu era uma menina que só queria brincar com minhas bonecas, não abrir as pernas uma vez por semana para um homem do qual eu tinha nojo. Se é isso que queria ouvir, espero que esteja satisfeito.

— Estarei satisfeito quando aquele homem estiver morto.

— De que adianta? A cicatriz em mim ainda vai existir. Vai existir pelo resto da minha vida. Assim como vai existir pais como os meus que entregam suas filhas para homens como aquele. Eu pesquisei. Isso existe por toda parte... Se realmente existisse um deus, ele não deixaria inocentes sofrendo assim. Eu nem tive a chance de lutar, Vitor. Eu nem sabia que podia. Eles me disseram que era o meu dever. E assim como eu fazia as tarefas de casa, obedeci, afinal eram meus pais. — Já nem enxugo as lágrimas.

— Se tivesse me dito isso, eu jamais acreditaria naquele homem. Só precisava ser sincera comigo.

Como se eu não soubesse. O encaro para gritar que não é fácil escancarar minha alma, e o que encontro me faz mudar de ideia. O rosto de Vitor está banhado em lágrimas. Não há mais o olhar frio, há tristeza ali.

— Me desculpe por ser tão fraca e medrosa. Eu achei que teria nojo de mim. O que realmente era verdade. Você me disse com todas as letras.

— Você pode ser qualquer coisa, menos fraca. E jamais na minha vida senti ou sentirei nojo de você. Naquele momento eu estava com raiva e sentia nojo de mim por ser enganado e ainda te amar.. — Sinto seus braços me envolverem. — Não te farei mais promessas, agora só irei cumprir. Vou cuidar de você e do nosso filho. Vocês nunca sentirão nada do que você sentiu naqueles momentos.

— E se eu disser que quero ficar com a minha amiga?

— Aceitarei com a condição de que me deixe estar com vocês sempre. E eu pago pelo apartamento de vocês, afinal foi por minha causa que você perdeu seu alojamento e o emprego. Além disso, ainda tem o meu carro que me ajudou a ganhar de volta e nunca te paguei.

— Tudo bem.

— E tem mais. Quando eu escolher uma casa, quero que me ajude a decorar, principalmente o quarto do bebê porque quando estiver pronta, eu vou tentar te reconquistar e vai ter um casamento de verdade, digno de um Rodrigues.

— Posso ficar com seu sobrenome? — solto a pergunta mais idiota. Quero muito me livrar do K each de Richard.

— É mais uma obrigação mesmo.

Os parentes dele e Jean voltaram com vários tipos de comida.

— O clima parece mais leve aqui. Então, Jean, venha comigo. — Valentim literalmente arrastou minha amiga para o quarto.

— É, parece que teremos mais que um casamento me breve.
— O pai de Vitor comenta.

— Já estava na hora. Sinto falta dos casamentos no castelo.
— A mãe completa e abraça o marido. — Me lembro do nosso como se fosse ontem, agora estamos a beira de casar nosso filho. Como o tempo passa rápido!

— Verdade, pequena Will. Você me deu os melhores anos da minha vida.

— E darei muitos outros.

— Vou cobrar.

— Podem ir para o quarto também, vocês dois. — Vitor revira os olhos para os pais.

— Devemos lembrá-lo como ele foi feito? — a mulher questiona com um sorriso brincalhão.

— Eu gostaria de saber. — Minha voz sai tão baixa pelo medo de não ser bem recebida que até penso que não ouviram, mas logo sou arrastada para a cozinha onde tomamos café enquanto ela envergonha o filho e o marido contando como ela tinha prometido só transar depois do casamento e o pai de Vitor a persuadiu a quebrar os votos.

Pouco depois do relato, Jeanne e Valentim saem do quarto com cara de quem estava aprontando.

— O que decidiu? — ela me pergunta.

— Vou com você.

— Ótimo. Vai dormir comigo em casa até escolhermos um apartamento.

— Eu levo vocês. E espero que lembre do que combinamos.

— Sim.

— Amiga, você gosta de mansões? — Jean pergunta empolgada.

— Nunca conheci uma.

— Então prepare-se. Vai conhecer a maior de New York.

Depois de despedir das pessoas, saímos com Jean falando sobre tudo que podemos fazer na mansão onde vamos antes de escolher um apartamento.

A Viagem

Jean

Eu não queria deixar minha melhor amiga sozinha em um momento como esse. Eu sei muito bem reconhecer pessoas de mal caráter e Robin não é uma delas.

Quando Valentim me ligou informando que voltariam ao Brasil por alguns dias pensei em desistir da viagem e ficar com ela. Não era bem uma viagem, estava mais para um retorno e dentro de Nova Iorque mesmo.

Robin me garantiu que ficaria bem, então pude ir mais tranquila.

Meus pais estão loucos desde que descobriram que eu não estava viajando pelo mundo e sim estudando. Sim, eu menti para eles. Disse que precisava disso antes de aceitar o compromisso com o filho do seu melhor amigo para unir as famílias e os negócios.

Apesar da nossa família ser poderosa ao cubo, nosso sobrenome é bastante comum, então ninguém me questionou quando fiz a matrícula com a bolsa de estudos que consegui.

Eu queria mesmo estudar administração para continuar os negócios dos meus pais, só que não do jeito que eles queriam.

Queria provar que posso dar conta dos negócios sozinha, sem precisar de um casamento.

Mentia para eles em todas as ligações. E como não gosto de fotos, não tinha problemas com redes sociais.

Só que é impossível esconder as coisas de pessoas poderosas. Eles descobriram.

**

— O que está fazendo? — grito quando os seguranças me tomam o celular.

— Você vai ficar sem contato com ninguém até aceitar sua obrigação com a família. — Papai diz, me deixando revoltada.

Os safados me abraçaram como se estivessem morrendo de saudades e quando baixei a guarda os seguranças vieram.

— Pois fico até morrer. Vocês são meus pais mesmo? Porque pais não vendem seus filhos.

A minha situação me fez lembrar de Robin. Se estou apavorada agora, imagino ela, ainda uma menina, sendo levada por um homem para se tornar mulher a força.

Fui levada ao meu antigo quarto.

Um mês. Foi um mês presa no quarto sem falar com ninguém de fora da casa. Sem ter notícias de Robin. Sem saber do meu namorado. Espero ainda ter um.

Só consegui sair quando comecei a fazer greve de fome.

— Minha filha, qual o problema com você? Por que está agindo assim? Apesar de ter fugido, antes você não abominava a ideia de se casar com ele.

— Isso foi antes de me apaixonar

— Paixão? Isso vem e vai. O que fica é o amor. — Meu pai diz.

— Pai, eu sei que os negócios da família são importante para o senhor, mas também quero ser. Por favor, unir os negócios é mais importante que a minha felicidade? Acha que é pouco tudo que conquistaram sem essa união?

— Claro que nada é mais importante que a sua felicidade, querida. Mas...

— Então me deixe estudar e trabalhar com o senhor. Eu sou capaz.

— Filha..

— Não, pai. Eu amo vocês mais que tudo, mas não vou me sacrificar para termos mais poder. Descobri que a minha melhor amiga foi vendida pelos pais ainda criança e só consigo ter raiva de quem casa por poder. Mais ainda de quem os obriga. E não quero sentir raiva de quem mais amo. Se um dia eu me casar, será por amor. E espero que me abençoem. Mas se preferirem me deserdar, entenderei.

— Quanto exagero! Só podia ser sua filha mesmo. — Meu pai resmunga olhando minha mãe.

— Pois acho que me pareço mais com o senhor — brinco. Não importa o que eles decidirem, ainda vou amá-los para sempre.

— Pois bem. A senhorita pode voltar para a universidade. Vamos acabar com a história do casamento. Não precisava ter fugido, era só ter conversado com seus pais. — Papai finalmente cede.

— Se não tivesse fugido não teria conhecido minha melhor amiga e o amor da minha vida. Não me arrependo.

— Amor da vida? Quero conhecer esse rapaz. Ai sim saberemos se ele tem os requisitos para ser o amor da vida da minha filha única.

— O senhor vai aprovar. Valentim é um ótimo rapaz. Ele veio para a universidade super disputado por causa de sua criação.

— Por acaso estamos falando de Valentim Rodrigues? — mamãe pergunta.

— Sim. I maginoque já tenham escutado sobre ele por causa da universidade.

— Sim, querida. — Ela se vira para o meu pai. — Amor, é o rapaz que está revolucionando a medicina.

— Ainda assim precisamos ter uma conversa séria com esse gênio. Quero detalhes de suas intenções.

As intenções dele são me foder por todos os buracos. Mas meu pai não precisa saber disso.

Conversamos bastante e decidimos o meu destino como aprendiz do meu pai. Ele mesmo me leva de volta.

Penso que voltarei cheia de novidades para minha amiga, mas quando volto para a universidade o que encontro é Robin indo embora com um velho asqueroso.

Tento salvá-la, mas Vitor chega antes.

Ainda assim quero que ela saiba que tem outra opção. Que não precisa depender de homem nenhum.

Percebo o olhar de Valentim, cheio de perguntas. Depois falo com ele. A prioridade é minha amiga.

CAPÍTULO 68

Filial

Vitor

Depois de levar Robin e sua amiga até uma mansão maior que a dos pais de Valentim — melhor que ele nem saiba —, chego no apartamento e encontro meus pais esperando.

— Como foi a conversa? Entraram em acordo sobre o meu neto? — mamãe pergunta ansiosa.

— Era como suspeitei. Os pais a forçaram a ser mulher daquele projeto de traste ainda menina e ela vivia em violência. Decidi dar espaço a ela. Não forçarei nada.

Meu pai abraça minha mão por trás e diz:

— Faz bem, filho. Principalmente na situação atual, é bom deixá-la tranquila.

— Eu quero matar o filho da puta e todos como ele.

— Quer trazer uma filial da família para New York nesse sentido também? — ele pergunta. Posso ver pela sua expressão que não é uma brincadeira.

Ah eu quero. Eu quero muito.

— É hora de expandir. Quero trazer a Maria, o Angel e o Bernardo.

— Sua prima ainda é menor.

— Vai fazer dezoito no próximo ano. E todos nós sabemos que ela está envolvida em mais de um trabalho com os malucos dos pais dela. Minha priminha não é o bebê, ela já deve ter uns três assassinatos nas costas, que eu saiba.

— De qualquer forma a decisão é dos pais dela. — Meu pai declara.

Minha prima não foi a única a decidir manter o legado da família no quesito assassinato profissional, alguns dos meus primos seguem os passos dos nossos pais e avô. Estamos quase que meio a meio.

Maria está sendo treinada pelos pais para assumir o lugar de Líder dos Rodrigues, o lugar meu por direito, por ser filho do Grande Pai, lugar que eu não quis.

O lugar a escolheu. Talvez por ela ser um ser único. Depois dos doze anos ela descobriu que herdou o dom da mãe de ler os sentimentos dos outros. E aos quinze desenvolveu o do pai, que é não mentir. Uma combinação perigosa, mas que ela administra muito bem, desde que não façam perguntas que não querem resposta e desde que não tentem mentir para ela.

Nossos pais tratam ela como uma pequena princesa, mas eu sei que essa princesa vive um relacionamento trisal com os primos desde que fez dezesseis anos. Vai ser um caos quando descobrirem. Acho até engraçado os dois evitarem tia Amanda com medo que ela sinta suas emoções. Um dia eles vão vacilar e o caos estará instalado. São ciumentos demais para esconder por tanto tempo.

Mamãe me tira dos pensamentos dizendo:

— Mesmo com dezoito anos, acho perigoso. Ela vai estar longe dos seus e tem quase nada de experiência.

— Ângelo é um homem feito que cuida dela em todos os trabalhos que faz, assim como Bernardo. E eu estou aqui, além de mim tem Maristela, tem Valentim.

Ela apoia a cabeça no peito do meu pai.

— Ou seja, a família está se espalhando.

— Pensem sobre isso e me falem depois. De uma forma ou de outra aquele canalha eu faço questão de matar.

Teremos tempo. Por enquanto o único que vai morrer será por minhas mãos.

Essa decisão me faz parar para finalmente respirar melhor.

O presente

Robin

Me perdi exatas cinco vezes dentro da casa de Jean. Isso porque só fui no jardim com ela. Jardim? Está mais para um parque ecológico.

Ficamos no mesmo quarto e até nos divertimos falando mal de todos os homens. Acho que ela está mesmo apaixonada pelo primo de Vitor. Espero que ele seja bom para ela. Ela me contou que ele ficou uma fera por não ter contato sobre os pais, brigou e depois fizeram as pazes por horas.

Entendo ele, também fiquei imaginando todo tipo de coisa por ela ter sumido daquela forma. E minha amiga estava mais perto do que poderia imaginar.

Por fim, fomos para o apartamento depois de passar alguns dias na mansão. Parecia um sonho estar segura e longe daquele homem. Com alguém que sabe do meu passado e não me julga, alguém disposta a me dar a mão até que eu caminhe sozinha.

Confesso que fiquei decepcionada, triste mesmo. Uma semana se passou e nem sinal de Vitor. Pelo jeito seu desejo de ser pai era passageiro. Achei que ele pelo menos poderia querer saber do filho.

— Quer que eu te leve na consulta? — Jean oferece aparecendo na sala com seu pijama sexy de oncinha. Voltamos as aulas fingindo que nada aconteceu, com a diferença que agora vamos da casa dela, com motorista. As pessoas ainda olham e fofocam, o que não me atinge em nada. Jean agora só precisa ver se vai conseguir finalizar o semestre depois de tantas faltas.

— Não precisa. Vou pegar um ônibus. — A consulta é em uma hora, e ela leva duas para se arrumar, mesmo quando é só para ir a padaria.

— Nada de ônibus. Vai de táxi.

— Grávidas andam de ônibus.

— Não as minhas amigas.

Prestes a argumentar, ouço a campainha. Meu coração nem dispara mais. Ele sempre disparava achando que era Vitor.

Caminho até a porta e quando abro sinto o ar fugir do meu pulmão e borboletas invadirem meu estômago.

Vitor.

Levo em sua jaqueta de couro e calça jeans. Pior, segurava uma caixa de presentes, mexendo com meu coração bobo. Pelo menos até lembrar o que houve quando ele achou que eu era uma golpista por aceitar seus presentes.

— Oh! — dou um passo para trás quando vejo a caixa se mexer.

— É para você e sua amiga. Foi ideia do Valentim. — Ele estende a caixa na minha direção e a pego. Ela mexe mais.

— O que tem o loiro? — Jean aparece e tento não ter ciúmes dela com sua roupa sexy, enquanto estou com uma camisola que me faz parecer uma virgem de filmes de terror. Tenho assistido muitos filmes depois de começar a morar com Jean.

— Eu queria comprar um quadro para a casa nova, mas ele achou que isso era melhor.

Abro a caixa com Jean ansiosa ao meu lado.

— Ohhhhh — é a única coisa que conseguimos pronunciar. Dentro da caixa um filhotinho de cachorro, tão peludo que dá vontade de apertar.

— Ele queria um PitBull, mas consegui convencer pelo menos a trocar a marca.

— Raça. — Jeano corrige pegando o cãozinho no colo. — É o nosso primeiro filho, Robin. Como vamos chamá-lo?

Penso um pouco. E ao perceber que o cão estava tentando rasgar a roupa da minha amiga, sugiro:

— Acho que Destruidor lhe cai bem.

— Eu vou providenciar uma casinha e comidinha para meu Destruidor lindo. — Ela fala com a voz infantilizada. Depois se vira séria. — Vitor, leva a mãe do seu filho na consulta.

Sem mais, ela sai.

— Que horas é essa consulta? — ele questiona. Ainda está parado na porta.

— Não precisa me levar. Você deve ter coisas mais importantes para fazer.

— Eu perguntei o horário, Robin. O que poderia ser mais importante que meu filho?

Dou de ombros.

— Não sei. Faz mais de uma semana que você voltou e depois que sai da sua casa nem mesmo ligou para saber se ele estava bem.

— Sim. Eu não liguei por dois motivos. Primeiro: estava tentando resolver a sua situação de mulher casada. E segundo: tinha medo que não quisesse mais me ver. Com a ajuda da sua amiga, por que precisaria de um babaca que nem estava aqui quando mais precisou?

— Medo? Quer falar de medo comigo? — nem sei o que dizer. Balanço a cabeça. — Eu vou na minha consulta que é daqui a pouco. Não vou ficar aqui me estressando com você. Vai fazer mal ao bebê.

— Eu vou te levar e vou assistir. — Ele começa a andar atrás de mim pelo apartamento.

— Você quem sabe.

Pego minha bolsa e saio. Ele me segue em silêncio.

Consulta

Robin

Fomos no carro dele. Em silêncio total. Nenhum dos dois tentou quebrar.

Entramos no consultório e logo fomos recebidos pela médica. Avisei que ele não precisava entrar, mas foi como falar com uma porta.

— Boa tarde, senhorita Keach! Como tem passado? — ela me cumprimenta.

— O nome dela é senhora Rodrigues. Vamos nos casar.

Olho para Vitor. Ele está impassível e não parece se importar com o que acabou de dizer. Ele realmente disse que vamos nos casar? Não. Eu devo estar ouvindo coisas.

— Fico feliz por vocês. Esse bebezinho merece uma família.
— A médica confirma que não ouvi coisas.

Deixo para falar com ele depois. Ela não precisa saber dos nossos problemas.

— Podemos saber o sexo, doutora? — Ele pergunta.

— Claro. Vamos começar o ultrassom, mas já tenho o resultado do exame de sexagem fetal.

É feito toda preparação e a médica nos mostra imagens em um monitor. Ela escolhe esse momento para dizer o resultado do exame.

— É uma garotinha.

— Claro que seria. — Deixo escapar.

— A senhora desejava um menino?

— Não me importa, desde que nasça saudável. Só penso que a vida pode ser muito cruel com meninas e mulheres. Homens são menos vítimas do mundo.

Ela me encara, assim como Vitor.

— Infelizmente tenho que concordar. Estamos vivendo tempos muito loucos em que não se pode confiar nem na família. Mas pela cara de bravo e babão do pai acho que sua filha será protegida e amada, não estou certa?

— Ninguém nunca vai tocar na minha filha. — Vitor responde.

Ainda bem que não preciso voltar para Richard, porque mesmo que ele cumpra sua palavra e nunca toque em minha filha, ela teria o mesmo destino que eu. É o pai que escolhe o destino das filhas.

Terminamos o exame e Vitor me leva de volta ao apartamento.

Ele segura minha mão assim que abro a porta.

— Senti a sua falta, Robin. Ainda sinto. Eu sei que você sofreu bem mais que eu, mas eu sofri também imaginando que seu amor era mentira, que ria de mim com seu marido. Mas eu te amava tanto que cheguei ao ponto de me perguntar se era mesmo

importante ter orgulho, se não era melhor me fazer de idiota só para estar com você.

— Você nem se deu ao trabalho de investigar. Apenas se colocou no lugar de vítima e me deixou.

— Se coloque no meu lugar. Se alguém chegasse e te provasse que sou um homem casado, você iria atrás de provar alguma coisa? Se iria, parabéns, é muito superior a mim, porque apenas me vi destruído e acreditei em toda merda que aquele homem falou.

— E quer fazer o que agora? — pergunto.

— Isso.

Vitor me prende contra a parede e me beija daquele jeito possessivo que me impede de dizer não. Sou uma burra por sentir falta disso, por não resistir.

Sinto ele me pegando no colo.

— Qual é o seu quarto? — pergunta andando em direção ao corredor.

— Não podemos. — Finalmente um resquício de lucidez me atinge. Ainda não conversamos direito. Nosso futuro não está esclarecido.

— Podemos, e vamos. Eu te deixei escapar uma vez. Isso não vai acontecer novamente. Nos pertencemos, Robin. Vou te mostrar o quanto sou seu.

Eu não quero resistir. Sinto falta dos carinhos de Vitor, da sua paixão. Erramos um com o outro, e felizmente temos a chance de consertar.

Aponto a porta do quarto e quando ele me coloca na cama, o impeço de me beijar e aviso:

— Você vai se casar comigo sem separação de bens. Vai me dar uma pensão mensal, o apartamento vai continuar no meu nome e terei um emprego na sua boate. Quero tudo documentado.

— Posso saber o porquê disso tudo? Não ligo em te dar cada um dos itens exigidos, mas...

— Nunca mais quero passar por nada daquilo, Vitor, nem quero que minha filha passe. Você achou que eu era golpista quando eu nem mesmo comprei uma bala sem sua permissão naquele maldito cartão, pois agora eu decidi, se você tem e quer ficar comigo, significa que tudo é de nós dois, e se vier a me deixar outra vez, terei a garantia que não preciso ir ao fundo do poço para garantir uma vida a minha filha.

— Nossa filha — fala e segura meus braços. — Concordo com tudo. Onde assino?

— Não estou brincando.

— Nem eu. — Ele volta a me beijar e dessa vez me entrego, como desejei fazer sempre.

Eu acredito que não esteja brincando. Sei que me ama, apesar dos meus momentos de dúvidas. Foi por me amar que ele se sentiu tão ferido com as mentiras daquele homem.

E dane-se se acharem que sou oportunista ou seja lá o que for por exigir bens materiais. A minha filha vai ter uma vida diferente da minha.

Cativeiro

Vitor

O erro do maldito velho foi não ter voltado para o buraco de onde saiu. Eu o peguei. E agora ele vai pagar por tudo que fez com Robin.

Ele está preso em um apartamento que aluguei no subúrbio. Não quis que morresse fácil. Meu desejo era que sofresse pelo menos um por cento do que Robin sofreu.

Por falar em Robin, ela está cada dia mais linda grávida. E eu, como não sou idiota, estou cuidando direitinho da minha baixinha.

Entro no lugar e encontro Valentim lendo um livro. Ele sorri em minha direção e aumenta o som que está ligado. As paredes têm isolamento, e a música é mais uma garantia de que não irão ouvir o miserável.

— Como está se sentindo hoje? — entro no banheiro e vejo a cena lamentável.

Ele rosna. E quando tiro a mordaça, grita:

— Isso é crime. Você vai para cadeia pelo que está fazendo.

— Duvido. Você não foi pelo crime de estupro e violência contra menor.

— Robin era minha esposa.

Não resisti. O soco foi certo. Esposa é a puta que pariu!

— Nunca mais fale o nome da minha mulher. Não importa que porra de religião você segue ainda é crime. E mais crime ainda é a violência contra ela. Sabe porque está amarrado aí jogado no seu sangue, não sabe? Sim. Ela me contou como a castigava todo mês que menstruava. A deixava amarrada, impedia que se higienizasse, mal a deixava comer.

Aos poucos Robin se abria sobre seu inferno. E a cada revelação um pedaço de mim se quebrava por ela.

— Ela tinha que ser castigada para aprender a cumprir sua obrigação de esposa.

— E você tem que ser castigado para aprender a ser homem antes de desencarnar. Se soubesse o tamanho do meu ódio. Tudo que eu queria era poder ter o poder de te trazer de volta a vida, só para te matar quantas vezes meu ódio exigir.

— Quando eu sair daqui vou atrás de você. Vou levar aquela vadiazinha de volta e fazer a cria dela de saco de pancadas. Isso eu não decidi me casar com ela também.

Outro soco. Esse verme tem a audácia de me desafiar, de ameaçar minha família.

— Você mereceu esse soco. Só que estou cansado da sua cara. Você não vai sair e eu não virei mais. Vai definhar em seu próprio sangue e excrementos até morrer. Só volto aqui para

desovar seu corpo. Espero que pense bastante sobre seus erros antes de encontrar seja lá qual for o seu deus.

— Desagradado! — Ele grita. Não implora em momento algum. Realmente o canalha se acha superior.

— Que bom que me lembrou. — Coloco a mordaça nele. Mesmo com Valentim de guarda não posso deixar que esse miserável fique gritando. Vai que alguém ouve. Acidentes acontecem, e mesmo não sendo tão treinado quanto Maria, sei o básico sobre não ser pego.

Vou até Valentim e ele abaixa o som que tinha aumentado quando entrei no quarto onde estava nossa primeira vítima internacional.

— Só mais alguns dias, tudo bem? — questiono.

— Relaxa, primo. Estou de boa. Esse apartamento é incrível. Só não curtir que o babaca ficou com a banheira.

— Trouxe algumas coisas para nos livrarmos do corpo. A banheira vai ser bem útil. Não é para sobrar nem ossos, vamos fazer direito o que os personagens de Breaking Bad não fizeram.

— Eles não eram Rodrigues. — Dá de ombros.

— Vou nessa. Deixa ele definhando. Quando morrer me liga que venho ajudar. E pelo amor de Deus, não deixa Jean entrar naquele banheiro, nem mesmo naquele quarto. E nem adianta fazer essa cara, eu sei que você convidou ela para dormir aqui.

Ele dá de ombros outra vez.

— Ela já sabe do traste. Acabou descobrindo.

— Cara, se eu for preso acabo com sua raça. Meu filho precisa de um pai e minha mulher de mim. Não quero nenhum outro com minha família.

— Me mato antes de colocar sua família em risco. Pode confiar na minha garota. Ela quer mais é que ele morra.

Espero que sim.

Saio do apartamento pensando nesse relacionamento de Valentim e Jean. Meu primo não pode ver um homem perto da garota que já vê vermelho. E ela já vi mais de uma vez discutindo com ele por causa das mulheres que não dão trégua. Coitada! E ele nem começou o curso. Quando começar será um caos. Quem mandou ser filho de Antônio Rodrigues?! Esse meu tio arrasa corações até hoje. O azar das mulheres é que ele é o marido mais devoto e fiel. Azar delas, sorte da minha tia Cora que é uma mulher maravilhosa e merece esse amor que dividem. Assim como a minha Robin.

Casamento

Vitor

Decidimos não esperar nossa filha nascer para casar. Eu quero que todos saibam que esse Rodrigues tem dona, quero que minha Robin se sinta segura, por isso, três meses depois de voltar para os seus braços e ser recebido com uma segunda chance cheia de ressalvas, aqui estamos, em nossa festa de casamento.

Dançávamos lentamente. Toda a playlist foi espelhada nas músicas que ouvimos juntos. A playlist que criávamos a cada momento nosso.

Quando começou Perfect de Ed Sheeran a abracei mais forte. Sua cabeça no meu peito.

— Eu te amo tanto, baixinha — sussurro em seus cabelos. Seus braços apertam mais minha cintura. Todos parecem sumir e a festa se resume a eu e ela dançando.

— Também te amo, com um amor que nunca sonhei poder existir.

Sem saber quais palavras usar, me deixei levar pela música, cantando junto e a cada verso beijando seu cabelo.

***Baby, I 'm danci ng i n t he dar k
Wi t h you bet ween my Ar ms
Amor, eu est ou dançando no escur o
Com você ent r e meus br aços***

Um beijo meu. Um sorriso seu.

***Bar e f oot on t he gr ass
Li st eni ng t o our f avor i t e song
Descal ços na gr ama
Ouvi ndo nossa músi ca f avor i t a***

Outro beijo. Seu sorriso se alargando.

***I have fai t h i n what I see
Now I know I have met an angel i n per son
Eu t enho f é no que vej o
Agor a sei que conheci um anj o em pessoa***

Outro beijo e meu coração a ponto de explodir sem saber lidar com tantos sentimentos.

And she l ooks per f ect

***I don't deserve this
You look perfect tonight
E ela está perfeita
Eu não mereço isso
Você está perfeita esta noite***

— Está perfeita em todos os dias e noites.

Quando vou beijar seus cabelos outra vez, Robin levanta o rosto e me rouba um beijo. É tudo que preciso para decidir que chega de festa. Hora da lua de mel.

Levo ela para o carro e seguimos para um chalé em Nova Iorque mesmo. Não podemos viajar porque o médico não recomendou.

Meus pais me fizeram prometer que quando o bebê nascesse iríamos fazer outra festa no castelo, nada de quebrar as tradições.

Aceitamos.

Eu tinha pressa de me casar com Robin. Tirar dela qualquer vestígiode que um dia foi casada com aquele desgraçado. Espero que ele esteja queimando no inferno.

Eu contei para ela que o matamos. E ela ficou chocada. Me fez prometer que não faria mais coisas do tipo. Issœra algo que eu podia prometer, afinal não pretendo seguir por esse caminho. Só se alguém ousar a mexer com minha família.

Assim que entramos no chale, a abraço por trás, acariciando sua barriga.

— Agora, esposa, eu vou preparar um banho de banheira bem gostoso, depois uma massagem. E se prometer não relaxar ao ponto de dormir, um sexo bem safado.

Ela ri.

— Eu prometo.

Vou até a sua frente e me ajoelho para beijar sua barriga.

— Filhinha, dorme um pouco porque o papai e a mamãe vão fazer coisas de adultos. — Acaricio a barriga da minha mulher.

Como prometido, ela não dormiu. Na verdade, nem chegou na parte da massagem. Ela dispensou, preferiu o sexo safado.

Cara, como amo essa mulher!

CAPÍTULO FINAL

Minha estrela

Vitor

— Que sorriso é esse? — pergunto ao ver Robin entrando no escritório da boate que já se tornou famosa entre os novaiorquinos.

— Consegui mais uma filial fora do país para a ONG. — Ela diz sorridente.

Abro os braços e ela vem me abraçar.

— Que legal! Você e sua equipe fazem um trabalho incrível, amor.

— Estou tão feliz fazendo isso. Só me assusta a quantidade de mulheres, meninas e até mesmo meninos que nos procuram por ajuda.

O sorriso de Robin é substituído por uma sombra. Sei que essa sombra nunca vai sumir, mas a ONG está ajudando no meu trabalho de fazer essa mulher feliz.

Vou até o sofá onde nossa filha está e fico a observando dormir. Hoje ela escolheu ficar com o papai. Sou capaz de matar e morrer por essa pequena. Assim como sou pela mãe dela.

Robin teve a ideia da ONG em uma conversa com sua amiga Jean. E eu mais que apoiei. Coloquei a minha família e o meu

dinheiro a sua disposição. Jean também não poupou esforços, inclusive financeiros. Ela anda cada vez mais CEO.

Minha Robin nunca mais recusou nenhum dinheiro ou presente. É o seu jeito de mostrar o dedo do meio para minha desconfiança do passado.

A ONG cresceu tanto em menos de um ano que precisamos abrir filiais.

Por fim, o melhor jeito que conseguimos tratar esse assunto nem foi matando os filhos da puta que abusam das meninas em um casamento de merda. Ainda assim Maria e seus dois namorados estão aqui. E não importa o lugar do mundo, nunca falta trabalho para um Rodrigues com disposição para matar.

— Você vai ficar na boate hoje a noite toda? — pergunta.

A boate é outra coisa que está dando mega certo. Deixo mais nas mãos das minhas sócias.

— Não. Hoje é por conta de Maristela e Hanna. Pretendo ficar em casa fazendo um irmãozinho para essa princesa.

— Acho uma ótima ideia. — Ela vai até nossa filha e começa a catar a pequena bagunça de papéis rabiscados e giz de cera.

Levo os documentos que estava lendo para Maristela sobre a mesa e ajudo minha mulher. Nossa princesa acorda durante o trajeto, mas é boazinha com o papai e dorme logo que chegamos em casa, deixando o caminho livre para que eu não deixe sua mãe dormir.

Robin

Estou vivendo o sonho que sempre almejei. Uma família linda, amigos, um trabalho que me deixa satisfeita.

Não é que eu tenha dado uma segunda chance a Vitor, sendo sincera em todo o momento em que via o chão sumindo sob meus pés, tudo que eu pedia era seu retorno. Pois eu sabia que ele me amava. Ele só precisava saber que eu também o amava.

Ele me contou que matou Richard. Aquele homem me fez muito mal, mas não sei se resolveria as coisas assim. Depois de tudo que vivi o que menos gosto é de violência.

Vitor está cumprindo o que me prometeu e não está matando por contrato, como seus primos que vieram para Nova Iorque. Quando soube o que a família dele faz fiquei chocada, mas não o bastante para abrir mão da minha felicidade.

Ele me enche de presentes e aceito todos. Não quero nem saber o preço. Como diz minha melhor amiga, você deve aceitar o presente, não o valor.

Agora que estou trabalhando e ganhando um bom dinheiro, consigo aceitar melhor essas coisas.

Sobre meu passado com Richard, ainda continua aqui, só que enterrado por cada pequena atitude de Vitor que insiste em sempre me fazer sorrir.

— Está pensando em que, senhora Rodrigues? — Vitor me puxa para os seus braços.

— Nem sei bem. Acordei você?

— Não. Que horas são?

— Ainda é madrugada. Acordei e não consigo mais dormir.

— Pesadelos?

— Faz tempo que não tenho pesadelos.

— Quer que eu cante para você?

Me aconchego em seus braços em resposta.

Sinto seu sorriso em minha cabeça, que ele beija antes de começar a cantar a nossa música.

Nós alcançamos a estrela, e ela se chama família com sobrenome amor.

Fim

[1] Colossenses 3:20

[2] Mire as estrelas – Rosa de Saron